



Universidade do Porto  
Faculdade de Direito

Inês Maria Ermida de Sousa Guedes

**SENTIMENTO DE INSEGURANÇA, PERSONALIDADE E EMOÇÕES  
DISPOSICIONAIS: QUE RELAÇÕES?**

Mestrado em Criminologia

Trabalho realizado sob a orientação de  
Professora Doutora Carla Sofia de Freitas Lino Pinto Cardoso

2012

## RESUMO

A presente dissertação pretendeu, através de uma análise quantitativa, perceber a importância da personalidade e das emoções disposicionais nas dimensões do sentimento de insegurança (medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa). Para alcançar este objetivo, foi construído e aplicado um inquérito a uma amostra de 205 indivíduos da cidade do Porto, medindo-se variáveis sociodemográficas, a vitimação, as componentes do sentimento de insegurança, a personalidade (operacionalizada com a versão revista e reduzida do *Eysenck Personality Questionnaire*) e as emoções disposicionais através da versão IV do *Differential Emotions Scale*. Constatamos que as mulheres têm níveis mais elevados de medo do crime em relação aos homens e adotam mais comportamentos de segurança, não havendo diferenças no risco percebido para o sexo. Além disso, a *idade* não é uma variável preditora do medo do crime, todavia os indivíduos mais velhos percebem um maior risco de vitimação e adotam mais comportamentos de segurança. Por sua vez, os sujeitos da amostra com menos *anos de escolaridade* reportam níveis mais elevados em todas as componentes do sentimento de insegurança. Relativamente à *vitimação*, constatou-se que esta é independente do medo do crime, porém, a interação entre a vitimação nos últimos 12 meses e o medo disposicional amplifica os níveis de medo do crime. Quanto à importância da personalidade no sentimento de insegurança, constatamos que o *neuroticismo* correlaciona-se positivamente com o medo do crime mas não com as outras componentes daquele. Por sua vez, os homens com médias mais elevadas de psicoticismo apresentam níveis mais baixos de risco percebido e adotam menos comportamentos de segurança. Verificou-se também que os indivíduos que reportam um nível superior de desejabilidade social (*liescale*) apresentam níveis mais elevados nas três componentes do sentimento de insegurança. Observou-se ainda que o medo disposicional se correlaciona positivamente com o medo do crime apenas no sexo feminino. No final, discutir-se-ão os resultados obtidos, tentando-se avançar com sugestões para a explicação dos mesmos, assim como se irá apresentar algumas críticas ou aspetos que deveriam ser melhorados. Por outro lado, iremos propor um modelo final do sentimento de insegurança, apresentando também as implicações do estudo e pistas de investigação futuras focando-nos, especialmente, no medo do crime.

**Palavras-chave:** Sentimento de insegurança; medo do crime; risco percebido; adoção de comportamentos; personalidade; neuroticismo; psicoticismo; desejabilidade social; emoções disposicionais; medo disposicional.

## ABSTRACT

This quantitative work aimed at understanding the importance of personality and trait emotions in the components of feelings of insecurity namely the fear of crime, perceptions of victimization risk and behavioral reactions to crime (avoidance, protection and self-defence). For this purpose, we applied a survey to a sample of 205 subjects from the city of Porto, measuring sociodemographic and victimization variables, the dimensions of the feelings of insecurity, personality (through the revised and short version of *Eysenck Personality Questionnaire*) and trait emotions using the IV version of the *Differential Emotions Scale*.

Women reported higher levels of fear of crime in relation to men and adopt more behavior for security reasons. We did not find sex differences on risk perception. Although age is not predictor of fear of crime, older individuals report higher levels of risk of victimization and adopt more behaviors for security reasons. On the other hand, individuals with less years of education report higher levels in all the dimensions of feelings of insecurity. Regarding victimization, we found that this variable is independent of fear of crime. However, the interaction between victimization in the last twelve months and trait emotion seems to enhance the levels of fear of crime. Regarding the importance of personality in the feelings of insecurity, neuroticism correlates positively only with fear of crime. Also men with higher levels of psychoticism report lower levels of perception of risk victimization and behaviors for security reasons. Additionally, we found that there is a positive correlation between social desirability (*liescale*) and the components of feelings of insecurity and a positive correlation between fear of crime and trait emotion, but only for women.

Finally, we will discuss the results and try to suggest explanations for them. Also, we will present some critics or aspects which we believe that could be improved. On the other hand, we will propose a final model of the feelings of insecurity, advancing with some implications of this study and some recommendations for research into domain of feelings of insecurity, focusing specially on fear of crime.

**Key-words:** Feelings of insecurity; fear of crime; risk perception; adoption of behaviors for security reasons; personality; neuroticism; psychoticism; social desirability; trait emotions; trait emotion fear.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha Orientadora, Professora Doutora Carla Cardoso, por quem tenho a maior admiração e respeito. Agradeço, de forma sincera, não só pelos conhecimentos que ao longo dos tempos me tem transmitido, mas pela forma motivadora, curiosa e paciente através da qual me tem ensinado a produzir conhecimento científico. Obrigada pelo apoio, pela confiança transmitida, pelo entusiasmo e pelas críticas construtivas que têm contribuído para um desenvolvimento profissional e pessoal.

Queria, em segundo lugar, agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma, me ajudaram a concretizar este projeto, com esclarecimento de dúvidas e sugestões, especialmente ao Professor Doutor Pedro Sousa, à Mestre Josefina Castro, ao Mestre Ernesto Fonseca e ao Pedro Almeida.

Pretendo também agradecer aos meus Professores da Escola de Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto por todos os conhecimentos que na Licenciatura e no Mestrado foram transmitindo, especialmente ao Senhor Professor Doutor Cândido Agra, pois, já o disse em tempos, me incutiu, de forma sábia e humilde, *um novo espírito científico*.

Depois, queria agradecer aos meus amigos e colegas de trabalho pelos bons momentos, pela ajuda mútua e cumplicidade, especialmente ao Óscar Ramos e à Teresa Sousa pela partilha constante de conhecimento e apoio no projecto.

Agradeço também a todos os estudantes e restantes pessoas que, anonimamente, responderam aos questionários aplicados, contribuindo para a realização do projeto.

Por último, agradeço às duas pessoas mais importantes da minha vida: os meus Pais.

## ÍNDICE GERAL

---

Resumo.....	i
Abstract.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Índice de figuras e anexos.....	vii
Índice de tabelas.....	viii
Introdução.....	1
<b>Capítulo I – Enquadramento teórico.....</b>	<b>3</b>
1. Definição do objeto de estudo: o sentimento de insegurança.....	3
2. Aprofundamento das componentes do sentimento de insegurança.....	5
2.1.Medo do crime.....	5
2.2. Perceção do risco de vitimação.....	7
2.3. Adoção de comportamentos.....	7
3. A operacionalização do sentimento de insegurança.....	8
4. Explicação do sentimento de insegurança.....	12
4.1. Explicação individual e sócio-demográfica.....	13
4.2.Explicação ecológica ou contextual.....	25
4.3.Explicação social.....	35
5. Definição de personalidade.....	37
5.1. Extroversão.....	38
5.2.Neuroticismo.....	39
5.3. Psicoticismo.....	39
5.4.Avaliação da personalidade a partir do <i>Eysenck Personality Questionnaire</i> (EPQ).....	39
5.5. A desejabilidade social.....	41
5.6. Personalidade e variáveis sociodemográficas.....	41
6. Definição de emoção.....	43
6.1.Medição de emoções.....	46
6.2. <i>Differential Emotions Scale – IV</i> .....	47
7. Relação entre emoções e personalidade.....	47
<b>Capítulo II – Estudo empírico (Metodologia).....</b>	<b>51</b>
1. Objetivos e hipóteses.....	51
2. Material e métodos.....	52
2.1.Caracterização do estudo.....	52
2.2. Forma de constituição da amostra.....	53

2.3. Instrumentos e variáveis do estudo.....	53
2.4.Procedimentos.....	57
2.5. Procedimentos de análise estatística.....	58
<b>Capítulo III – Estudo empírico (Resultados).....</b>	<b>60</b>
1. Caracterização da amostra segundo os dados sociodemográficos e vitimação.....	60
1.1.Caracterização da amostra segundo o sexo, idade e anos de escolaridade.....	60
1.2.Caracterização da amostra segundo a vitimação.....	61
2. Caracterização da amostra segundo o sentimento de insegurança.....	62
2.1.Consistência interna.....	62
2.2.Sentimento de insegurança, variáveis sociodemográficas e vitimação.....	62
3. Caracterização da amostra segundo a Personalidade.....	68
3.1.Consistência interna.....	68
3.2. Personalidade e variáveis sociodemográficas.....	69
3.3. Personalidade e vitimação.....	70
4. Caracterização da amostra segundo as emoções disposicionais.....	71
4.1.Consistência interna.....	71
4.2.Emoções disposicionais, sexo, idade e anos de escolaridade.....	71
4.3. Emoções disposicionais e vitimação.....	73
5. Relações entre variáveis.....	74
5.1. Relação entre sentimento de insegurança e variáveis sociodemográficas.....	74
5.2.Relação entre a personalidade e as variáveis sociodemográficas.....	77
5.3. Personalidade e sentimento de insegurança.....	78
5.4.Relação entre emoções disposicionais e variáveis sociodemográficas.....	80
5.5. Relação entre o sentimento de insegurança e emoções disposicionais.....	81
5.6. Relação entre emoções disposicionais e personalidade.....	84
6. Medo do crime, medo disposicional e vitimação nos últimos 12 meses.....	87
7. Variáveis preditoras do sentimento de insegurança.....	88
7.1. Variáveis preditoras do medo do crime.....	89
7.2. Variáveis preditoras da percepção do risco de vitimação.....	92
7.3. Variáveis preditoras da adoção de comportamentos por razões de segurança.....	94
Discussão dos resultados.....	98
Bibliografia.....	110
Anexos.....	121

## ÍNDICE DE FIGURAS

---

Figura 1: Taxonomia realizada por Ferraro & LaGrange (1981) na qual se faz a distinção entre medo do crime e percepção do risco.....	6
Figura 2: Inquéritos internacionais, nacionais e europeus que medem a insegurança objetiva e subjetiva (Guedes, Cardoso & Agra, 2012).....	10
Figura 3: Relação entre subsistemas do organismo, funções e componentes da emoção (Scherer, 2005). Nota: CNS = sistema nervoso central; NES = sistema neuro-endócrino; ANS = sistema nervoso autonómico; SNS = sistema nervoso somático.....	44
Figura 4: Gráfico demonstrativo do efeito do medo disposicional no medo do crime tendo em conta os indivíduos que foram vítimas e os que não foram vítimas de crime nos últimos 12 meses.....	88
Figura 5: Esquema exemplificativo do modelo final proposto de explicação das variáveis constituintes do sentimento de insegurança. Os valores das setas referem-se às correlações entre as variáveis.....	105

## ÍNDICE DE ANEXOS

---

Anexo I: Resultados do teste de normalidade (KS) para as variáveis do estudo.....	121
Anexo II: Itens de cada emoção disposicional do <i>Differential Emotions Scale</i> (IV) e o valor dos alfas de Cronbach que se referem à consistência interna.....	122
Anexo III: Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e a idade, sexo e anos de escolaridade para a amostra total.....	123
Anexo IV: Correlações entre as variáveis medo do crime, percepção do risco de vitimação e comportamento e as dimensões da personalidade.....	124
Anexo V: Questionário construído e aplicado no presente estudo.....	126

## ÍNDICE DE TABELAS

---

Tabela 1: Características sociodemográficas dos participantes (n=205; sexo feminino: 53%; sexo masculino: 47%).	61
Tabela 2: Prevalência cumulativa (alguma vez) e corrente (últimos 12 meses) de vitimação em função do sexo feminino, masculino e amostra total.	61
Tabela 3: Médias e desvios padrões das variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime e risco de vitimação) em função do sexo, idade e escolaridade.	62
Tabela 4: Proporção de indivíduos que reportam adotar os comportamentos aqui referidos por questões de segurança. O valor do <i>p-value</i> é resultante do $X^2$ .	64
Tabela 5: Proporção de indivíduos que reportam adotar os comportamentos aqui referidos por questões de segurança em função da idade e dos anos de escolaridade. O valor do <i>p-value</i> é resultante do $X^2$ .	65
Tabela 6: Medo do crime, percepção do risco de vitimação e adoção de comportamentos em função da vitimação nos últimos 12 meses para amostra total e os dois sexos.	66
Tabela 7: Proporção de indivíduos que adotaram comportamentos por razões de segurança em função da vitimação nos últimos 12 meses para o sexo feminino, masculino e amostra total.	67
Tabela 8: Médias e desvios padrões das variáveis da personalidade em função do sexo, idade e anos de escolaridade.	69
Tabela 9: Médias e desvios-padrões do neuroticismo, extroversão, psicoticismo e desejabilidade social em função da vitimação nos últimos 12 meses.	70
Tabela 10: Médias e desvios padrões das emoções disposicionais em função do sexo, amostra total, idade e escolaridade. As médias das emoções variam entre 1 e 5.	71
Tabela 11: Médias e desvios padrões das emoções disposicionais em função da vitimação nos últimos meses para a amostra total, sexo feminino e sexo masculino.	73
Tabela 12: Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as variáveis sociodemográficas para o sexo feminino.	75
Tabela 13: Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as variáveis sociodemográficas para o sexo masculino.	76
Tabela 14: Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as variáveis sociodemográficas controlando para a desejabilidade social no sexo feminino.	76
Tabela 15: Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as variáveis sociodemográficas controlando para a desejabilidade social no sexo masculino.	77
Tabela 16: Correlações entre as dimensões da personalidade, a desejabilidade social e as variáveis demográficas (sexo, idade e anos de escolaridade).	78



Tabela 17: Correlação entre sentimento de insegurança, dimensões da personalidade e desejabilidade social para o sexo feminino.....	79
Tabela 18: Correlação entre sentimento de insegurança, dimensões da personalidade e desejabilidade social para o sexo masculino.....	79
Tabela 19: Correlações entre as emoções disposicionais e as variáveis sociodemográficas.....	80
Tabela 20: Correlação entre o medo do crime, a percepção do risco de vitimação e os comportamentos e as emoções disposicionais medidas através do instrumento DES-IV.....	81
Tabela 21: Correlações entre as dimensões do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais controlando para a desejabilidade social.....	82
Tabela 22: Correlações entre emoções disposicionais e medo do crime antes e depois de se ter controlado para a desejabilidade social no sexo feminino.....	84
Tabela 23: Correlações entre emoções disposicionais e medo do crime antes e depois de se ter controlado para a desejabilidade social no sexo masculino.....	85
Tabela 24: Correlações entre as emoções disposicionais do DES-IV, as dimensões da personalidade e desejabilidade social.....	86
Tabela 25: Predição do medo do crime a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação (variáveis independentes).....	89
Tabela 26: Predição do medo do crime a partir das dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e desejabilidade social (variáveis independentes).....	90
Tabela 27: Predição do medo do crime a partir das emoções disposicionais (variáveis independentes).....	90
Tabela 28: Predição do medo do crime a partir das variáveis que nos modelos anteriores tiveram significado estatístico, nomeadamente o sexo, os anos de escolaridade, o neuroticismo, a desejabilidade social, o interesse, a culpa e o medo.....	91
Tabela 29: Predição da percepção do risco de vitimação a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação nos últimos 12 meses.....	92
Tabela 30: Predição da percepção do risco de vitimação a partir das dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão e psicoticismo – e desejabilidade social (variáveis independentes).....	93
Tabela 31: Análise de regressão linear para as variáveis independentes emoções disposicionais predictoras da percepção do risco de vitimação .....	93
Tabela 32: Predição da percepção do risco de vitimação a partir das variáveis que nos modelos anteriores tiveram significado estatístico, nomeadamente o sexo, a vitimação nos últimos 12 meses e a desejabilidade social.....	94
Tabela 33: Predição da adoção de comportamentos a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação nos últimos 12 meses.....	95

Tabela 34: Predição da adoção de comportamentos a partir das dimensões da personalidade neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e desejabilidade social.....	95
Tabela 35: Predição da adoção de comportamentos a partir das emoções disposicionais.....	96
Tabela 36: Predição da adoção de comportamentos a partir das variáveis que nos modelos anteriores, tiveram significado estatístico.....	97

## INTRODUÇÃO

---

A presente dissertação, apresentada no âmbito do Mestrado em Criminologia, pretendeu explorar a relação entre o sentimento de insegurança, a personalidade e as emoções disposicionais.

De acordo com as teorizações realizadas até então pela comunidade científica, o sentimento de insegurança ou a insegurança subjetiva (Agra, 2007) manifesta-se em três dimensões: o *medo do crime* (dimensão emocional), o risco percebido (dimensão cognitiva) e a adoção de comportamentos de segurança<sup>1</sup> (dimensão comportamental). Os estudos efetuados têm-se focado, primordialmente, na procura de explicação das dimensões constituintes do sentimento de insegurança. Nesta tentativa de explicação, diversos têm sido os modelos de explicação daquelas dimensões do sentimento de insegurança, modelos onde se incluem variáveis sociodemográficas (sexo, idade, anos de escolaridade) e a vitimação (direta e indireta), modelos que se debruçam sobre as variáveis contextuais ou ambientais que podem desencadear sentimento de insegurança, tais como a falta de luminosidade, a presença de incivildades ou desordens, locais não familiares e, também, modelos que se debruçam sobre as características dos processos sociais dos locais onde os indivíduos residem, tais como tais como a vinculação à comunidade e a eficácia coletiva.

Todavia, a personalidade e as emoções disposicionais têm sido escassamente abordadas nos estudos científicos da área. Se, efetivamente, parece ser consensual a ideia de que o sentimento de insegurança manifesta-se de forma *emocional*, é então legítimo questionar a lacuna existente na literatura acerca de uma explicação eminentemente individual do sentimento de insegurança e, especialmente, do medo do crime. E é precisamente esta lacuna que a presente investigação pretendeu explorar, procurando-se contribuir, deste modo, para uma explicação mais completa e complexa do sentimento de insegurança. Para alcançar este objetivo – perceber a influência das dimensões da personalidade e das emoções disposicionais no sentimento de insegurança – optou-se pela utilização de metodologias quantitativas, mais concretamente a construção e aplicação de um questionário a uma amostra de 205 sujeitos da cidade do Porto.

A estrutura do trabalho compõe-se por três capítulos principais, de onde emergem subcapítulos. O primeiro capítulo é eminentemente teórico e no qual irá desenvolver o *estado da arte* dos objetos de estudo sobre os quais nos debruçamos, mais concretamente o

---

<sup>1</sup> Ao longo da presente dissertação iremos referir-nos a esta componente, de forma indiferenciada como: adoção de comportamentos por razões de segurança e comportamentos de segurança.

sentimento de insegurança, a personalidade e as emoções. No que concerne ao sentimento de insegurança, discutir-se-á a sua definição, tanto ao nível global como nas suas componentes – medo do crime, perceção do risco de vitimação e adoção de comportamentos por razões de segurança – a forma como têm sido avaliados ou operacionalizados na comunidade científica e os modelos que têm sido avançados pelos investigadores para os explicarem. Depois, se o que se pretende é perceber a eventual relação entre a personalidade e o sentimento de insegurança, importará atender a uma revisão da literatura sobre o conceito de personalidade, todavia, focando-se na conceptualização de Eysenck. Deste modo, irá definir-se as diferentes dimensões da personalidade apresentadas pelo autor (neuroticismo, extroversão e psicoticismo) e será apresentado o instrumento *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ) enquanto forma de medição das dimensões da personalidade enunciadas por aquele autor. Seguidamente, discutir-se-á o conceito de emoção, distinguindo-a de afeto e estados de humor, a forma de o medir (*Differential Emotions Scale*) para, no final, discutir a relação existente entre a personalidade e as emoções. Na *segunda parte* (capítulo II), importará apresentar a metodologia que foi utilizada nesta investigação. Mais concretamente, iremos descrever, em primeiro lugar, quais os objetivos e questões de investigação que pretendemos estudar. Caracterizemos o presente estudo quantitativo e iremos expor a constituição do instrumento utilizado (questionário). Também iremos referir quais as variáveis fundamentais do estudo (dependentes e independentes), assim como a forma de operacionalização e medição das mesmas. No mesmo capítulo, procederemos ainda à descrição dos procedimentos desta investigação e de que forma procuramos assegurar o anonimato e a confidencialidade. Finalmente, iremos expor os procedimentos de análise estatística utilizados, tanto ao nível da estatística descritiva como ao nível da estatística diferencial. Isto é, tentaremos explicar as opções efetuadas para a análise dos dados.

O *último capítulo* (III) irá focar-se nos resultados obtidos na presente investigação. Esta apresentação dos resultados terá subjacente uma lógica, designadamente, iremos começar pela caracterização da amostra a partir das variáveis do nosso estudo, seguida da relação entre as variáveis e, ainda, a predição das mesmas a partir de métodos estatísticos utilizados para o efeito. Por fim, a dissertação terminará com a discussão dos resultados, na qual tentaremos apresentar sugestões para os dados que se obteve com este estudo, assim como pistas de investigação futuras. Nesta discussão, irá propor-se um modelo final de explicação do sentimento de insegurança, procurando-se contribuir para a complexificação deste objeto de estudo.

## CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Definição do objeto de estudo: o sentimento de insegurança

O sentimento de insegurança emergiu como fenómeno de preocupação na década de 60 nos Estados Unidos da América (Doran & Burgess, 2012) e nos anos 90 em Portugal (Agra, Quintas & Fonseca, 2001). A partir dessa altura, passou a ser parte de diversas discussões não só políticas mas também académicas. Com efeito, iniciou-se um conjunto de investigações que procuravam não só perceber o que é o sentimento de insegurança, mas, também, encontrar formas de o explicar.

Agra (2007), no artigo “*Podemos medir a criminalidade e a segurança?*” afirma que a regulação do fenómeno insegurança depende do conhecimento científico que dela se tenha. Por este motivo, importa, em primeiro lugar, perceber o que é este constructo, como se constitui e como tem sido explicado. O mesmo autor efetua a distinção entre a *insegurança objetiva* e *insegurança subjetiva*. Enquanto a primeira diz respeito à constatação de problemas sociais como a criminalidade predatória, a violência, as desordens urbanas ou a delinquência juvenil, a segunda é também designada como sentimento de insegurança e tem a sua expressão em dimensões cognitivas e afetivas (Agra, 2007; Kuhn & Agra, 2010).

Na mesma linha, para outros autores (Machado & Agra, 2002; Rountree, 1998, Rountree & Land, 1996, Winkel, 1998 cit. Amerio & Roccato, 2007) é consensual a existência de uma dimensão afetiva e de uma dimensão cognitiva do sentimento de insegurança. A componente afetiva é definida como a *reação emocional negativa que surge ante a ideia de ser-se vítima de diferentes condutas delituosas ou violentas, ou face a símbolos a estas associadas na vida quotidiana* (Ferraro & LaGrange, 1987). Já a componente cognitiva diz respeito à perceção do risco de vitimação, ou seja, à antecipação da probabilidade de se ser vitimado (Amerio & Roccato, 2007; Machado & Agra, 2002).

Se remontarmos à primeira tentativa de desconstrução do sentimento de insegurança, o nome que surge é Fustenberg (1971 cit. Wyant, 2008). Este autor afirmou a existência de duas reações psicológicas ao crime: o medo e a preocupação. O primeiro refere-se a uma sensação de agitação ou ansiedade com a segurança (não apenas experienciado no momento do perigo real mas também como uma reação a um perigo potencial) e o segundo é um estado de agitação em relação aos atos criminais no país onde se reside. Esta definição tem uma implicação fundamental: podemos sentir medo, mas não nos sentirmos preocupados e vice-

versa. Daí que Robert (2002) tenha afirmado que *“bem entendido, medo e preocupação andam geralmente juntos, mas nem sempre e não necessariamente”*. Ainda para Robert (2002), o principal fator que desencadeia o medo é o risco de agressão, sendo que a maior ou menor vulnerabilidade dos indivíduos revela-se fundamental. Por sua vez, a preocupação está positivamente correlacionada com a situação económica e a taxa de desemprego.

Fonseca (1998) também distingue a preocupação securitária da apreensão vivida. Nas palavras do autor, à preocupação securitária subjaz um julgamento que compreende uma orientação ideológico-normativa e à apreensão vivida subjaz um sentimento, isto é, uma resposta a sinais ameaçadores que faz emergir uma alteração de comportamentos. Parece-nos que Boers (2003) converge, igualmente, para as definições que até agora foram avançadas. Efetivamente, o autor refere que o medo do crime é apenas uma das atitudes existentes face ao crime, sendo, mais concretamente uma resposta emocional. Daí que distinga as atitudes pessoais e as atitudes sociais. Assim, uma pessoa pode apelar a uma punitividade maior ou pode julgar o aumento do crime como um sério problema para o governo e a sociedade (atitude social), porém, pode não necessariamente sentir-se pessoalmente insegura ou ameaçada (atitude pessoal). O sentimento de insegurança contém igualmente componentes cognitivos, incluindo a avaliação do risco de vitimação, assim como reações comportamentais de evitamento de certos locais ou pessoas. Apesar de estas atitudes pessoais em relação ao crime se poderem inter-relacionar, não são idênticas (Ferraro, 1995). Por sua vez, Madriz (1997) sugere um modelo tripartido das reações ao crime. Este modelo engloba uma componente atitudinal, referindo-se a comportamentos que têm como objetivo a prevenção do delito, mas também engloba o medo e a probabilidade do risco de vitimação. Para Gabriel e Greve (2003), importa conceber o sentimento de insegurança como algo multidimensional, constituído por um conglomerado de facetas: afetiva, cognitiva e comportamental.

Em *“The various meanings of fear”* Skogan (1999) refere que a investigação que se direciona para o sentimento de insegurança tem conceptualizado este constructo de quatro modos: preocupação com o crime, avaliação do risco de vitimação, ameaça do crime e comportamento medroso. Para o autor, a preocupação dirige-se para as avaliações que os indivíduos fazem em relação à extensão do crime enquanto um problema sério na sua comunidade. Ou seja, é um julgamento sobre a frequência ou seriedade dos eventos. Já o risco de vitimação é a perceção da probabilidade de vitimação e, por sua vez, a ameaça do crime enfatiza o potencial de dano que as pessoas sentem que a criminalidade tem para elas (idem).

O modo como as pessoas reagem, isto é, as respostas face ao crime, refletem um foco no comportamento.

Mais recentemente, Jackson (2005), a partir das ideias de Ferraro (1995) construiu um modelo de inquietação com o crime (“*worry about crime model*”) através de uma perspetiva psicológica. Neste modelo, a inquietação compreende, ao mesmo tempo, uma avaliação emocional de uma situação imediata (interpretação de elementos no ambiente que significam um sentido de possibilidade e ameaça) e um estado antecipatório (uma preocupação com o perigo potencial, de ameaça iminente e distal ou eventos ainda por acontecer). Assim, o autor conclui que a frequência da inquietação com o medo pessoal de crime é moldada por uma avaliação da ameaça que engloba percepções de probabilidade, controlo e consequências. Por sua vez, as inferências sobre o risco de vitimação são moldadas por crenças sobre a incidência do crime, e ambas são, largamente, um produto de interpretações do ambiente físico e social (Jackson, 2005, 2006).

## **2. Aprofundamento das componentes do sentimento de insegurança**

Verificou-se, até agora, que o sentimento de insegurança é constituído por três componentes fundamentais: o medo do crime, que é a componente afetiva, o risco de vitimação, que é a componente cognitiva e, por último, a componente comportamental, que se manifesta em três tipos, nomeadamente os comportamentos de evitamento, de proteção e de autodefesa. Importa, agora, focarmo-nos em cada uma destas componentes de forma mais pormenorizada.

### **2.1. Medo do crime**

De acordo com Garofalo (1981 cit. Doran & Burgess, 2011), o medo do crime é uma reação emocional caracterizada por um sentido de perigo e ansiedade, produzido por ameaça ou dano. Mais tarde, em 1987, Ferraro e LaGrange definiram o medo do crime como uma *reação emocional negativa gerada pelo crime ou símbolos associados a ele*. Para estes autores, o medo do crime é, assim, estritamente, uma resposta emocional e não cognitiva. Na perspetiva de Warr (2000) a definição dada pelos anteriores autores não permite que seja possível distinguir medo de tristeza, ira ou resignação. Para este investigador, o problema das definições de medo do crime que têm sido avançadas na literatura está na falta de distinção entre percepção, cognição e emoção. Com efeito, o mesmo refere que *o medo não é uma percepção do meio ambiente, mas uma reação a um ambiente percebido* (p. 453). Mais ainda,

não obstante o medo poder resultar de um processamento cognitivo ou uma avaliação da informação perceptual, o medo não é, *per se*, uma crença, uma atitude ou uma avaliação. Após esta clarificação, Warr (2000) descreve a sua definição de medo do crime:

*“(...) o medo é uma emoção, um sentimento de alarme ou pavor, causado pela consciência ou expectativa de perigo” (...) “Este estado afetivo é ordinariamente (apesar de não invariavelmente) associado a certas mudanças fisiológicas, incluindo o aumento de ritmo cardíaco, respiração rápida, transpiração, diminuição de salivação e aumento da resposta galvânica da pele”* (Thomson, 1979; Mayes, 1979 cit. Warr, 2000, pp. 453-454).

Assim, o medo do crime, na literatura designado como *fear of crime* (em sentido estrito), não é uma cognição mas sim uma emoção. Não obstante o sentimento de insegurança compreender uma dimensão avaliação cognitiva do ambiente, esta dimensão cognitiva não se confunde com o medo do crime enquanto emoção. Com o objetivo de distinguir medo do crime e percepção do risco de vitimação, Ferraro & LaGrange (1987) realizaram a taxonomia que se segue (fig.1).

TIPO DE PERCEÇÃO: COGNITIVA E AFETIVA			
Nível de referência	Julgamentos	Valores	Emoções
Geral	A) Riscos dos outros: avaliações do crime ou da segurança	B) Preocupação com o crime de outros	C) Medo pelas vitimações dos outros
Pessoal	D) Risco do próprio: segurança do <i>eu</i>	E) Preocupação com o crime para o eu: intolerância pessoal	F) Medo pela vitimação pessoal

**Figura 1** Taxonomia realizada por Ferraro & LaGrange (1987) na qual se faz a distinção entre medo do crime e percepção do risco.

Segundo os autores, o eixo vertical diz respeito ao nível de referência das reações. Estas variam entre pessoais ou auto-orientadas até gerais ou orientadas para a comunidade. Por sua vez, o eixo horizontal remete para o tipo de reações que vão de cognitivas a afetivas. A parte cognitiva do *continuum* inclui julgamentos de risco e segurança, enquanto que a parte afetiva inclui reações de medo (*idem*). Os autores explicam ainda que as percepções de crime identificadas nas células C e F referem-se a várias reações emocionais geradas pelo crime. Já a célula B representa uma preocupação que os indivíduos têm com o crime pelos outros, enquanto a E refere-se a uma preocupação consigo próprio. Os julgamentos são estimativas da taxa de vitimação para um grupo social (A) ou percepção de risco de vitimação para a pessoa



que faz o julgamento (D). Para Ferraro & LaGrange (1987), a vantagem desta taxonomia é que diferencia julgamentos de valores e de emoções, tanto ao nível individual como comunitário. Assim, o conceito de medo do crime está limitado à reação emocional que advém do crime, ou símbolos que uma pessoa associa a ele. Sequencialmente, este medo pode ser um medo pelos outros (C) ou por si próprio (F).

## **2.2. Percepção do risco de vitimação<sup>2</sup>**

Tal como já foi referido anteriormente, a percepção do risco de vitimação (ou risco percebido) difere do medo do crime porque, ao contrário deste, não é uma emoção, mas sim uma *avaliação cognitiva da realidade*. Mais concretamente, o risco percebido é uma avaliação cognitiva da segurança ou do perigo de uma vitimação criminal (Mesch, 2000). De acordo com Ferraro (1995), o risco percebido é o reconhecimento de certas situações ou locais como possuindo perigo potencial ou vitimação criminal.

Por outro lado, o medo do crime também se difere do risco de vitimação no sentido em que a evidência empírica suporta o argumento de que estas duas variáveis são afetadas de forma diferente por características sociais e demográficas dos respondentes (Mesch, 2000). Outros autores (Chiricos, Hogan & Gertz, 1997 cit. Mesch, 2000), chegaram à conclusão de que os efeitos das características sociais e demográficas no medo do crime são quase mediados pela percepção do risco.

## **2.3. Adoção de comportamentos por razões de segurança**

A componente comportamental do sentimento de insegurança reflete-se, precisamente, no que as pessoas fazem face ao medo do crime ou ao risco percebido. De acordo com Liska, Sanchirico & Reed (1988), estes comportamentos manifestam-se em dois padrões: por um lado, evitar determinados sítios e situações associados ao crime, e, por outro, os indivíduos protegerem-se de locais e situações associados ao crime. Quanto ao primeiro, é assumido que as pessoas que têm medo do crime tendem a restringir o seu comportamento para áreas seguras, a evitar áreas inseguras de cidades e restaurantes, *shoppings*, empregos e residências perto dessas áreas inseguras (idem). Para estes autores, o problema é que quem não é capaz de restringir o seu comportamento a áreas seguras – devido a fatores como a idade ou estatuto económico – acaba por se tornar prisioneiro das suas casas, tendo medo de andar nas ruas dos

---

<sup>2</sup> Neste trabalho utilizar-se-ão as expressões “percepção do risco de vitimação” e “risco de percebido” de forma indiferenciada.

seus próprios bairros. Por sua vez, os comportamentos de proteção têm a ver com as pessoas adotarem alguns comportamentos como comprarem armas, fechaduras de segurança, luz exterior, cães de guarda, alarmes de segurança, assim como também aprenderem a defender-se (DeFronzo 1979, Gordon & Riger, 1979 cit. Liska et al., 1988). O medo pode então restringir o comportamento social e levar à adoção de comportamentos de proteção, porém, estes comportamentos podem, por sua vez, reduzir o medo (Rader, May & Goodrum, 2007). Também Ferraro (1995) agrupa os comportamentos que as pessoas realizam face ao medo do crime em duas categorias, nomeadamente os comportamentos defensivos (e.g., instalação de sistemas de segurança, comprar um cão de guarda, comprar armas) e em comportamentos de evitamento (limitar a atividade, evitar determinadas áreas à noite). Mais ainda, este autor sugere que tanto o medo da vitimação criminal como as perceções de risco têm um impacto importante nestas decisões (Rader et al., 2007). Já Fustenberg (1971 cit. Skogan, 1999) havia distinguido duas categorias de comportamentos: de evitamento e de mobilização. Na mesma linha do que já foi referido, os comportamentos de evitamento pretendem diminuir o risco pessoal de crime e os comportamentos de mobilização incluem a extensão em que as pessoas fortificam as suas casas contra o crime através da utilização de medidas como a colocação de fechaduras de segurança.

Na presente dissertação, dividimos a adoção de comportamentos em três tipos: a) comportamentos de evitamento, b) comportamentos de proteção (como colocar fechaduras de segurança e alarmes em casa) e c) comportamentos de autodefesa (como ter armas de defesa pessoal e praticar desportos de defesa pessoal).

### **3. A operacionalização do sentimento de insegurança**

Nesta secção o enfoque será dado à forma como, na literatura científica, as variáveis constituintes do sentimento de insegurança – medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos – têm sido operacionalizadas. Mais concretamente, as questões às quais se irão responder são: como têm sido medidos estes conceitos? E que problemas têm sido apontados à forma de operacionalização dos mesmos? Não obstante a multiplicidade de definições e dimensões do sentimento de insegurança parece existir uma consistência no modo como este tem sido medido (Ferraro, 1995). Desde os anos 60, um número elevado de inquéritos de vitimação tem tentado medir o nível e extensão do sentimento de insegurança (Barker & Crawford, 2006). Porém, de acordo com Hale (1996), há uma confusão ao nível teórico no que concerne ao significado e medição deste constructo. Um dos grandes

problemas apontado por este autor é o facto de se utilizarem medidas que não distinguem a avaliação do risco e o medo do crime (idem).

Concretamente, o medo do crime tem sido medido através de uma medida “global”- no sentido em que não se faz referência a um tipo de crime concreto, nomeadamente: “*Quão seguro se sente quando está sozinho no seu bairro depois de escurecer?*” ou, então “*Quão seguro se sentiria se estivesse sozinho no seu bairro depois de escurecer?*” (Baumer, 1985, Kennedy & Krahn, 1984, Maxfield, 1984 cit. Jackson, 2004).

Por sua vez, a perceção do risco de vitimação tem sido medida pedindo aos respondentes para classificarem as suas possibilidades de serem vitimados. Por exemplo, os indivíduos podem ser questionados para classificar o “quão provável” será a sua casa ser assaltada, numa escala que pode estar entre “nada provável” a “muito provável” (Skogan, 1999).

Relativamente à adoção de comportamentos, o que é perguntado aos respondentes é o que fazem face à insegurança que sentem. Assim, o enfoque desta definição operacional não é cognitiva, mas sim atitudinal. Deste modo, o medo é avaliado pela frequência de adoção de comportamentos tais como evitar sair à noite, fortificar as suas casas, evitar contactos com estranhos, entre outros (idem).

Os inquéritos são os instrumentos mais utilizados para a medição das componentes do sentimento de insegurança (insegurança subjetiva) e permitem obter dados como o volume (percentagem de indivíduos que se sentem inseguros) e a estrutura (as características das populações que se sentem inseguras).

Apesar de muitos inquéritos utilizados pelas investigações não pretenderem apenas medir o sentimento de insegurança, este, normalmente, é um dos aspetos medidos nesses inquéritos (figura 2). Existem questionários nacionais (e.g., *British Crime Survey*, *General Social Survey*), internacionais (e.g. *International Crime Victims Survey*) e inquéritos europeus, como é o caso do *European Crime and Safety Survey*. Em Portugal já foram aplicados inquéritos com o objetivo de se medir a insegurança objetiva e a insegurança subjetiva. Com efeito, Portugal foi um dos países que participou no *International Crime Victims Survey* (ICVS) em 2000 e 2005 e no *European Crime and Safety Survey* (EU ICS) em 2005.

INSTRUMENTOS	ÂMBITO DE APLICAÇÃO	APLICAÇÕES EFETUADAS
<b>British Crime Survey (BCS)</b>	Nacional Inglaterra e País de Gales	Total de 17 aplicações (iniciou em 1982) Bienal até 2001 Anual a partir de 2001
<b>International Crime Victims Survey (ICVS)</b>	Internacional (75 países)	Total de 5 aplicações (iniciou em 1989) De 4 em 4 anos Portugal participou em 2000 e 2005 Aplicação local em 1997 e em 1999
<b>European Crime and Safety Survey (EU ICS)</b>	Europeu (18 países da UE incluindo Portugal)	Aplicado uma vez em 2005 Portugal participou
<b>General Social Survey (GSS)</b>	Nacional EUA	Aplicado 28 vezes desde 1972

**Figura 2** Inquéritos internacionais, nacionais e europeus que medem a insegurança objetiva e subjetiva (Guedes, Cardoso & Agra, 2012)

A operacionalização das componentes do sentimento de insegurança – medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos – tem sido discutida e criticada por diversos autores (e.g. Bernard, 1992, Bowling, 1993 cit. Jackson, 2004; Farral, Bannister, Ditton & Gilchrist, 1997; Hale, 1996; Ferraro & Lagrange, 1987). Efetivamente, tem-se criticado, principalmente, o grau em que as questões dos inquéritos supra indicados refletem o conceito de sentimento de segurança (e as suas dimensões). Vejamos, assim, as críticas que têm sido realizadas.

Uma das críticas que mais surge na literatura é o facto de o sentimento de insegurança ser medido de forma unitária com a questão “*quão seguro se sentiria se andasse sozinho no seu bairro à noite*” (Farrall et al., 1997; Gray, Jackson & Farrall, 2008). Esta medida abstrata, por um lado, não cobre tipos específicos de crime, algo que, segundo alguns autores, é fundamental para a medição do sentimento de insegurança (Ferraro & Lagrange, 1987 cit. Williams, McShane & Akers, 2000; Jackson, 2004; Franklin, Franklin & Fearn, 2008). Por outro lado, esta operacionalização não tem em conta a complexidade do sentimento de insegurança – que abrange várias componentes – e, de acordo com Gray e colaboradores (2008) sobrestima os níveis de medo. Além disso, de acordo com Jackson (2004), a forma de operacionalização do sentimento de insegurança que tem sido usada pela comunidade científica não permite analisar a frequência e intensidade deste fenómeno.

Ainda segundo os autores, as formas tradicionais de medição deste fenómeno não questionam diretamente sobre o crime quando medem o sentimento de insegurança, apenas perguntando quão seguros se sentem ao andarem sozinhos na sua área à noite (Gray et al., 2008; Sessar, 2008; Farrall et al., 1997; Franklin et al., 2008) nem utilizam os termos “medo” ou “ter medo”, referindo-se apenas à escuridão. (Hale, 1996).

Outra crítica importante que tem sido realizada é o facto de aquele tipo de questões unitárias medirem não o medo (dimensão emocional) mas sim o risco percebido (dimensão cognitiva) (Jackson, 2004; Franklin et al., 2008). Além das críticas enumeradas, os investigadores também chamam a atenção para o facto de determinados questionários misturarem avaliações atuais com avaliações hipotéticas ou condicionais (Hale, 1996; Gray et al., 2008). Por último, Farrall e colaboradores (1997) indicam que os questionários ignoram o significado dos eventos para os respondentes, negligenciando que o sentimento de insegurança pode ser um fenómeno multifacetado.

A partir das críticas que foram enunciadas, alguns autores têm desenvolvido novas medidas para operacionalizar o sentimento de insegurança, por forma a aumentarem a validade (e.g., Jackson, 2004; Farrall & Gadd, 2004; Williams et al., 2000; Gray et al., 2008).

Todavia, a constatação dos problemas de medição do sentimento de insegurança e suas componentes já havia sido reconhecido em 1987 por Ferraro & LaGrange (1987), autores que efetuaram algumas recomendações no sentido de se reverem as medidas utilizadas nos questionários. Com efeito, na perspectiva dos autores, os questionários deveriam 1) incluir a avaliação do risco, a preocupação com o crime e as questões comportamentais; 2) ter medidas do sentimento de insegurança que fizessem uma referência explícita ao crime e 3) evitar questões hipotéticas ou condicionais.

Mais recentemente, alguns autores procuraram melhorar a medição do sentimento de insegurança através do projeto *“Experience and Expression in the Fear of Crime”* (Farrall, 2007). Este projeto pretendia, assim, aumentar a validade na medição do medo do crime, propondo um conjunto de estratégias e utilizando metodologias qualitativas e quantitativas.

Mais concretamente, os autores procuraram explorar a componente emocional do medo do crime, fazer uma referência explícita aos tipos de crimes específicos, proporcionar um período de tempo concreto, evitar perguntas hipotéticas e empregar uma questão filtro que evitasse a palavra “como” (Farrall, 2007). Por exemplo, uma das questões que se sugeriu empregar foi *“No último ano, sentiu-se realmente preocupado com ser assaltado?”* Apenas se as pessoas responderem que sim, é que se coloca uma questão relacionada com a frequência (*“Quão frequentemente se sentiu assim no ano passado?”*) e, além disso, uma questão acerca da intensidade (*“Na última ocasião, quanto medo sentiu?”*) (Barker & Crawford, 2006).

Para operacionalizarem estas novas estratégias, os autores incluíram estas medidas no *British Crime Survey* em 2003/2004. Segundo os autores, produziu-se uma estimativa mais precisa do nível de medo do crime com o crime de roubo, assalto a habitação e crimes

relacionados com veículos. Outro aspeto importante foi o facto de se ter descoberto que a preocupação com o crime é relativamente infrequente, ou seja, apenas uma pequena proporção dos respondentes admitiu sentir-se preocupado com o crime uma ou mais vezes por semana ou mais para os três tipos de crimes. Posto isto, os investigadores sugerem que as medidas antigas amplificam a experiência diária do medo. Em relação à intensidade, a maioria dos episódios recentes de preocupação foi “não muito” ou “pouco intenso” (*ibidem*).

De acordo com Jackson (2005) nos últimos tempos houve outras mudanças importantes na comunidade científica no que diz respeito à medição do sentimento de insegurança e as suas componentes. Uma das mudanças mais relevantes foi a distinção entre risco percebido e medo do crime, aumentando assim a validade que outrora era escassa (Jackson, 2005). Este autor procurou ainda medir o sentimento de insegurança a partir de vários itens, por forma a ser operacionalizado multidimensionalmente.

*Em suma*, o sentimento de insegurança é um conceito multidimensional e complexo, que se manifesta de diferentes formas: emocionalmente (medo do crime), cognitivamente (risco percebido) e comportamentalmente (comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa). Assim sendo, é necessário distinguir estas componentes aquando da sua operacionalização, por forma a garantir a validade. Atualmente, têm sido avançadas novas formas de operacionalização das componentes do sentimento de insegurança, ultrapassando-se a medida unitária que, durante muitos anos, foi utilizada nos inquéritos.

#### **4. Explicação das componentes do sentimento de insegurança**

Têm sido diversas as variáveis avançadas pela comunidade científica que pretendem explicar o sentimento de insegurança e as suas componentes. Estas variáveis integram-se em modelos explicativos que dão ênfase a diferentes níveis, desde o individual ao social. Os modelos sociodemográficos têm dominado a investigação do sentimento de insegurança, examinando as características dos indivíduos que estão relacionadas com aquele, como o género, a idade, a escolaridade e a vitimação (Hale, 1996; Rader et al., 2007). Contudo, a comunidade científica tem-se focado menos em variáveis individuais que podem ser importantes na explicação do sentimento de insegurança tais como as emoções disposicionais e as dimensões da personalidade. Atentemos, assim, aos resultados dos estudos que se têm debruçado sobre a explicação do sentimento de insegurança e das suas dimensões.

#### 4.1. Explicação individual e sociodemográfica

##### 4.1.1. Género

Segundo Hale (1996), o género é a variável preditora do sentimento de insegurança mais empiricamente comprovada na literatura. Consistentemente, os estudos desta área têm demonstrado que as mulheres têm mais medo do crime (Reid & Konrad, 2004; Rader et al., 2007; Covington & Taylorm 1991, Garofalo, 1981 cit. Schafer, Huebner & Bynum, 2006; Machado & Agra, 2002), antecipam um maior risco de vitimação (e.g., LaGrange & Ferraro) e adotam mais comportamentos de evitamento, proteção e defesa do que os homens (e.g., Stanko, 1990 cit. Madriz, 1997). Todavia, parece existir uma discrepância no sentido em que as mulheres têm um risco objetivo de vitimação inferior em relação aos homens. Ora, este desfasamento tem sido estudado de forma aprofundada pelos investigadores, tendo sido designado por “*paradoxo medo-vitimação*” (Warr, 1984; Thompson & Norris, 1982 cit. Machado & Agra, 2002). Isto é, quando se analisam as taxas de criminalidade e os inquéritos de vitimação, as mulheres têm menos probabilidade de serem vitimadas, porém, expressam níveis mais elevados de medo do crime. Consequentemente, têm surgido algumas explicações para esta constatação, tais como a maior vulnerabilidade física das mulheres, o medo de crimes sexuais e, por último, que o menor medo que os homens reportam faz parte do processo de socialização do género (Rader et al., 2007).

Em primeiro lugar, uma das explicações é que as mulheres têm uma vulnerabilidade percebida superior à vulnerabilidade real. Com efeito, esta vulnerabilidade percebida verifica-se não só na sua probabilidade de vitimação mas também na sua capacidade de lidar com as perdas físicas, psicológicas e económicas resultantes de uma potencial vitimação (e.g., Keane, 1995, Parker & Ray, 1990, Skogan & Maxfield, 1981 cit. Reid & Konrad, 2004; Wyant, 2008). Outra explicação tem a ver com o facto de existir uma ameaça omnipresente de que qualquer crime possa escalar para a violação (Ferraro, 1996, Gordon & Riger, 1989, Warr, 1984 cit. Reid & Konrad, 2004). Isto está relacionado com o facto de, segundo os autores, existir uma lacuna nas estatísticas oficiais, já que não são capazes de capturar a natureza total do fenómeno de vitimação dos indivíduos do sexo feminino (Hale, 1996). Deste modo, tendo em conta crimes específicos, suscetíveis de ocorrerem em meios privados, a inconsistência do paradoxo referido diminui. Outro crime importante é a violência doméstica, que, ocorrendo num espaço privado tem maior suscetibilidade de elevar o medo do crime das mulheres (Grabosky, 1995). Assim, percebe-se que o medo que estas sentem em relação à sua

probabilidade de vitimação não deve ser concebido como irracional, mas, tal como Lupton e Tulloch (1999) defendem, deve ser considerado como uma resposta racional a um conjunto de situações experienciadas ou que, no seu quotidiano, as amedrontam.

Repare-se, porém, que estas duas explicações apenas têm em conta o sexo feminino da equação (Reid & Conrad, 2004), falhando em reconhecer que a complexidade deste assunto também deve ser resolvida dando um enfoque ao lado masculino (idem). As teorias feministas defendem que as imagens idealizadas das vítimas e criminosos criam visões não realistas do crime que servem para exercer um nível de controlo maior sobre as vidas das mulheres (Stanko, 1995 cit. Reid & Conrad, 2004). Com efeito, o medo do crime reforça um sentido socialmente construído da fraqueza, vulnerabilidade e passividade das mulheres (Madriz, 1997). Por sua vez, há um “código” de conduta que é distinto nos homens e nas mulheres e que, assim sendo, vai legitimar as diferenças de género no comportamento seguro e apropriado, sob o pretexto de se proteger as mulheres da vitimação criminal (Stanko, 1997 cit. Reid & Conrad, 2004).

Um importante estudo de Reid & Conrad (2004), a partir destas constatações, pretendeu verificar o efeito do sexo no medo do crime para diferentes tipos de vitimações. Concretamente, a questão de investigação era se o efeito do género no medo era diferente para crimes específicos. Em termos de resultados, os autores constataram que os homens e as mulheres apresentaram níveis semelhantes de medo do crime para o crime de assalto a habitação e que, para níveis de risco de vitimação elevados, os homens reportaram mais medo do crime de roubo do que as mulheres.

Um estudo de Sutton & Farrall (2005) procurou estudar as relações entre sexo, medo do crime e resposta desejavelmente social. Os autores sugeriam que, em parte, a diferença entre homens e mulheres nas medidas do medo do crime ocorre porque os homens têm menos vontade de reportar os seus medos. Para estudar esta questão, recorreram a um questionário que permitia obter dados empíricos para estimar o impacto da desejabilidade social nas respostas dos indivíduos. Os autores obtiveram correlações que demonstraram que os homens que estão mais preocupados em distorcer as suas respostas por questões de *autoapresentação* são aqueles que reportam menos medo do crime. Por sua vez, este resultado não foi encontrado nas mulheres, sugerindo-se, assim, que as identidades masculinas são, em parte, incompatíveis com a vontade de se admitir o medo do crime.

Pode concluir-se que, de acordo com os resultados que se têm obtido, as mulheres apresentam níveis mais elevados de medo do crime em relação aos homens, apesar de terem



um risco objetivo de vitimação inferior. Porém, este paradoxo tem sido explicado pela literatura, tendo-se em conta não só a parte feminina, mas, também, a supressão de medo por parte dos homens.

#### **4.1.2. Idade**

Relativamente à idade, os estudos têm sido mais ou menos consistentes na ideia de que os indivíduos mais idosos têm mais medo do crime em relação aos mais novos (e.g., Skogan, 1987, Stafford & Gale, 1984 cit. Hale, 1996; Clarke & Lewis, 1982, Cliemente & Kleinamn, 1977 cit. Reid & Conrad, 2004; Baker et al., 1983, Weinrath & Gartrell, 1996 cit. Ziegler & Mitchell, 2003). Todavia, outros estudos não encontraram diferenças entre grupos de idades (e.g., Ortega & Myles, 1987, Pain, 1995 cit Hale, 1996) e, ainda, mais recentemente, outros autores demonstraram existir um menor medo do crime nos mais idosos em relação aos mais jovens (e.g., Chadee & Ditton, 2003).

Na mesma linha do que se verificou anteriormente em relação ao sexo, também parece existir um paradoxo, já que os mais novos têm uma probabilidade de vitimação superior em relação aos idosos. Igualmente neste caso o paradoxo tem sido explicado pela tese da vulnerabilidade. Isto é, os indivíduos mais idosos têm fragilidade física mais elevada, uma baixa capacidade de resistência e, além disso, também apresentam maior vulnerabilidade percebida que se manifesta, por exemplo, no isolamento que sentem. Por outro lado, os investigadores referem que esse medo pode não estar relacionado com uma distorção da avaliação do risco, mas sim com uma antecipação das consequências de ser vítima de crime (Skogan, 1999).

De acordo com LaGrange e Ferraro (1989), o medo do crime na população dos mais idosos tem sido sobrestimado. O seu estudo tinha como hipótese os resultados serem diferentes de acordo com a utilização de medidas alternativas. Assim, através do uso da questão *“Como se sente ou como se sentiria quando sai à noite sozinha no seu bairro”*, verificou-se que as mulheres mais velhas reportaram mais medo do que as mulheres mais novas; Além disso, não houve diferenças na idade para a amostra dos homens através daquela medida do medo do crime. Porém, quando se questionou sobre o medo para diferentes tipos de crimes, os resultados foram distintos. Com efeito, na análise dos 11 crimes, os jovens adultos (18 a 29 anos) relataram níveis elevados de medo do crime, enquanto que os adultos de meia idade (46 a 64 anos) reportara menos medo. No caso do medo do crime de assalto a habitação, verificou-se que os indivíduos com idades superiores a 65 anos tinham níveis mais

baixos de medo do crime. Assim, os autores deste estudo constatarem a hipótese de Yin (1982, p.240 cit. LaGrange & Ferraro, 1989) de que para os idosos “*o medo do crime é um problema menos severo de que as pesquisas anteriores sugeriam*”.

Ferraro (1995) pretendeu identificar as pessoas que tinham mais medo do crime e, além disso, fornecer explicações para o seu medo. Utilizando as equações estruturais como técnica estatística, o autor testou o papel das variáveis demográficas e variáveis mediadoras como as incivilidades, constrangimentos comportamentais, vitimação direta e indireta, assim como o risco percebido na predição do medo do crime. Deste modo, o autor encontrou um resultado relevante relativamente à relação entre idade e medo do crime: o impacto da idade no medo era mediado pelo risco percebido, isto é, quando os idosos se viam a si mesmos como tendo baixo risco de vitimação, tinham menos medo de ataques pessoais (idem).

Atente-se, também, a um relevante estudo sobre o efeito da idade no medo do crime que tem o mérito de utilizar uma metodologia experimental (Ziegler & Mitchell, 2003). Neste estudo, os autores compararam o medo do crime nos mais novos e nos mais idosos no contexto de exposição ao crime violento. A exposição ao crime foi manipulada através da encenação de vídeo de um assalto a habitação. Os investigadores colocaram a hipótese de que o grupo experimental (visualização do vídeo de crime violento) iria despoletar níveis mais elevados de medo do crime em relação ao grupo de controlo, e, além disso, que os efeitos da idade iriam variar de acordo com a questão perguntada. Concretamente, que as questões de “segurança” iriam revelar o padrão normal de uma preocupação superior nos idosos, porém, que as questões de “medo” iriam reduzir, eliminar ou mesmo reverter a diferença de idades. Os autores concluíram, assim, que a visualização de um vídeo violento produziu classificações de medo mais elevadas, porém, este efeito foi seletivo. Efetivamente, o vídeo apresentado apenas afetou os indivíduos mais novos e, além disso, somente afetou o medo do crime em casa. Assim, verificou-se que os indivíduos mais velhos, ao contrário do que se constata normalmente na literatura, reportaram, de forma significativa, menos medo do que os indivíduos mais novos. Além disso, reagiram de forma menos negativa ao vídeo que visualizaram em relação aos mais novos. Na mesma linha, apesar de não ter sido um resultado estatisticamente significativo, os indivíduos mais velhos reportaram menos risco percebido do que os mais novos.

Por último, um estudo realizado por Gomme (1988) também chegou à conclusão de que apesar de a idade ser um preditor significativo do medo do crime, a direção da relação no seu

estudo foi oposta à que se tinha colocado em hipótese: os indivíduos mais novos foram os mais medrosos em relação aos indivíduos mais velhos da amostra.

Pode concluir-se, assim, que os resultados acerca da relação entre o medo do crime e a idade são mistos, não se podendo afirmar, então, de forma consistente, que os indivíduos mais idosos são os mais medrosos.

#### **4.1.3. Escolaridade, posição social e etnicidade**

Vejamos agora os principais resultados da literatura que dizem respeito à relação entre o medo do crime e outras variáveis demográficas como a escolaridade, a posição social e a etnicidade. Em primeiro lugar, no que toca à escolaridade, os estudos têm demonstrado que existe uma relação negativa entre o medo do crime e a escolaridade, significando, assim, que os indivíduos com menos escolaridade são os mais medrosos. Por exemplo, um estudo de Smith & Hill (1991), concluiu que a correlação entre escolaridade e medo do crime era inversa ( $r = -.22$ ), assim como a investigação levada a cabo por Krause (1991 cit. Ziegler & Mitchell, 2003) que encontrou um coeficiente de correlação igualmente negativo ( $r = -.11$ ).

Quanto à relação entre o medo do crime a posição social, a generalidade dos estudos indica que os sujeitos mais carenciados têm níveis mais elevados de medo do crime (e.g., Balye & Zingraff, 1988, Skogan & Maxfield, 1989 cit. Hale, 1996). Com efeito, estes sujeitos que possam estar mais expostos ao crime violento têm uma vulnerabilidade económica superior, assim como uma maior dificuldade em se protegerem, o que se manifesta numa incapacidade de desenvolvimento de estratégias securitárias em torno da sua habitação ou, então de evitar contextos perigosos (Hale, 1996; Machado & Agra, 2002).

No que diz respeito à etnicidade, é de notar que a maior parte dos estudos são realizados nos EUA. Resultante destes estudos é a aceção de que as populações que pertencem a minorias étnicas são as mais inseguras, dado que têm uma maior probabilidade de serem vitimados e residirem, normalmente, em comunidades carenciadas em termos sociais, com elevada presença de incivilidades. Além disso, são contextos em que existem altas taxas de crime e violência (Hale, 1996).

#### 4.1.4. Vitimação direta e indireta

A hipótese ou perspectiva da vitimação direta postula que existe uma relação positiva entre a experiência de vitimação direta e o medo do crime (Doran & Burgess, 2012). Por sua vez, a hipótese da vitimação indireta reconhece que as pessoas podem experienciar vitimação de forma vicariante e apresentarem as mesmas emoções que resultam de uma vitimação direta quando têm conhecimentos sobre encontros de crimes por parte de outras pessoas (Clark, 2003 cit. Doran & Burgess 2012). Na mesma linha, Bennett (1990, p. 14 cit. Hale, 1996) refere que *“a perspectiva da vitimação é baseada no princípio de que o medo do crime numa comunidade é causado pelo nível de atividade criminal ou por o que as pessoas ouvem sobre essa atividade – tanto pelas conversações com os outros como pelos mass media”*.

A vitimação direta com o crime envolve um processo de vitimação pessoal através do qual as pessoas incorrem numa perda imediata tal como roubo ou dano da propriedade, injúrias, ou o trauma psicológico que pode estar associado a estas ocorrências. Este tipo de experiência direta pode elevar nos indivíduos sentimentos de vulnerabilidade já que eles são confrontados com a realização inequívoca de que alguém, e eles próprios incluídos, podem ter o estatuto de vítimas a eles conferidos (Gomme, 1988).

Existem ainda indivíduos que mesmo nunca tendo sido vítimas de crime diretamente, expressam medo do crime. A informação das vitimações é adquirida de forma indireta por diferentes fontes, sendo as primeiras fontes os amigos pessoais ou os membros das famílias que foram vitimados e, além disso, as notícias e os *media*. As representações do crime por parte dos *media* sobrestimam, de forma consistente, a frequência da atividade criminal e a seriedade das violações reportadas (idem).

Vários autores têm estudado, ao longo das últimas décadas, a relação entre o medo do crime e estes tipos de vitimação (direta e indireta). Vejamos os principais resultados da literatura sobre este tema.

De acordo com Hale (1996), a evidência de que existe uma relação direta entre vitimação e medo do crime é mista. Com efeito, o facto de se ter sido vítima de um crime pode tornar os indivíduos mais cautelosos, porém, não necessariamente com um medo mais elevado. Enquanto alguns autores têm encontrado resultados que vão no sentido de uma relação positiva entre medo do crime e vitimação (e.g., Balink, 1979, Liska et al., 1988 cit. Hale, 1996), outros referem que a relação é fraca (e.g., Box, Hale & Andrews, 1988; Skogan & Maxfield, 1981 cit. Hale, 1996) ou mesmo inexistente (Hill, Howell & Driver, 1985 cit.

Hale, 1996; Rader, 2004). Um estudo de Evans e Fletcher (2000 cit. Doran & Burgess, 2012), por sua vez, encontrou uma relação inversa entre a vitimação direta e o medo.

Uma das hipóteses para a não relação direta entre vitimação e medo do crime é o facto de existir um aumento da percepção do risco de vitimação que, por sua vez, desencadeia um incremento na autoproteção, permitindo a prevenção de novas vitimações (Box et al., 1988, Killias, 2001 cit. Tseloni & Zarafonitou, 2008). Por outro lado, muitos dos estudos que relacionam a vitimação direta e o medo do crime utilizam medidas globais do medo, não permitindo analisar crimes concretos. Assim, procurando colmatar este problema, outros estudos utilizaram tipos de crime específicos para estudar a relação entre aquelas variáveis. Por exemplo, um estudo de Miethe & Lee (1984 cit. Hale, 1996) demonstrou que a experiência de vitimação direta era significativa para o medo de crime violento mas não para o medo de crimes contra a propriedade. Um estudo de Belyea & Zingraff (1988 cit. Hale, 1996) encontrou uma relação forte entre ter sido vítima de crime contra a propriedade e o medo do crime, porém, o mesmo não ocorreu para a relação entre a vitimação pessoal e o medo do crime. Outro estudo relevante, baseado na aplicação do ICVS (1989-2000), constatou que as vítimas de crimes contra a habitação tinham mais medo do que vítimas de ofensas contra pessoas (Quann & Hung, 2002 cit. Tseloni & Zarafonitou, 2008). Uma das explicações avançadas pelos autores é a relação entre vítima e ofensor, já que nos crimes que ocorrem contra a habitação há a especificidade de o ofensor ser um estranho e o ataque ser planeado. Contrariamente, nos crimes contra as pessoas, pelo facto de, geralmente, o ofensor e a vítima se conhecerem, pode existir uma racionalização dos eventos por parte da última, o que diminui o medo do crime (Smith & Hill, 1991). Uma investigação realizada por Smith & Hill (1991) verificou que o medo do crime estava ligado à vitimação de crimes contra a propriedade. Por sua vez, as vítimas de crime violento apenas expressaram níveis elevados de medo quando tinham experienciado vitimação contra a propriedade.

Note-se que os resultados podem ainda variar de acordo com o tipo de estudo, no sentido de ser transversal ou longitudinal. Por exemplo, uma conhecida investigação de Garofalo (1977 cit. Cusson, 2006), realizado nos EUA, concluiu que 45% das vítimas, em relação a 46% das não vítimas, se sentiam inseguras nas suas áreas de residência quando caminhavam sozinhas à noite. Assim, o autor sugeriu que não existem diferenças entre os dois grupos no que toca ao efeito da vitimação do medo do crime. Por sua vez, um estudo longitudinal realizado por Skogan (1987), *The impact of victimization of fear*, pretendeu verificar o efeito das experiências de vitimação no medo do crime e na adoção de

comportamentos por razões de segurança. O autor realizou entrevistas pessoais a 1738 residentes de sete bairros de New Jersey e Texas. Um aspeto específico desta pesquisa é que incluiu duas entrevistas com cada respondente, num espaço de um ano. A primeira entrevista estabeleceu a informação base do medo do crime, adoção de comportamentos relacionados com o crime e experiências de vitimação anteriores. Uma segunda onda de entrevistas voltou a medir estes aspetos para avaliar mudanças em atitudes e comportamentos durante o período de intervenção. Skogan (1987) encontrou resultados importantes, designadamente que a vitimação mais recente estava, de forma consistente, relacionada com medidas de preocupação, medo e comportamentos defensivos. Assim, em suma, esta análise indicou que existia uma relação consistente e forte entre as experiências com o crime recentes e as suas atitudes e comportamentos.

Outra investigação realizada por Russo & Roccato (2010) pretendeu estudar a relação entre a vitimação e o medo do crime utilizando o método longitudinal. Os autores analisaram dados de uma amostra de 1701 indivíduos em duas ondas com o espaçamento de um ano. Os autores concluíram, a par do estudo de Skogan (1987), que a vitimação direta mais recente foi o preditor mais eficaz do medo do crime tanto em medos concretos como abstratos<sup>3</sup>, seguido da vitimação indireta.

No que diz respeito à relação entre a vitimação indireta e o medo do crime, alguns estudos encontram uma associação forte entre estas, sendo que o medo é reforçado quando o indivíduo se identifica com a vítima. Além disso, se os indivíduos realizam comparações entre eles e as vítimas, tal vai reforçar o sentido de vulnerabilidade pessoal (Taylor, 1980 cit. Hale, 1996). De acordo com Gomme (1988) e Skogan & Maxfield (1981 cit. Russo & Roccato, 2010) o medo do crime é mais influenciado pela vitimação indireta e menos pela vitimação direta, já que a primeira está mais disseminada do que a direta e, além disso, porque permite que a imaginação dos indivíduos tenha um alcance total sem a mesma urgência de encontrar alguma estratégia de lidar com as situações (Hale, 1996).

Conclui-se, então, que os estudos que se debruçam sobre a relação entre o medo do crime e a vitimação direta e indireta têm produzido resultados mistos.

---

<sup>3</sup> O medo concreto é também designado por medo do crime enquanto que o medo abstrato é a preocupação com o crime como um problema social (Amerio & Roccato, 2005).

#### **4.1.5. Outras variáveis individuais: a personalidade e o medo disposicional ou a ansiedade**

As investigações que têm o sentimento de insegurança como objeto de estudo têm-se focado, primordialmente, em variáveis individuais até então analisadas – o sexo, a idade, a educação e as experiências de vitimação. Não obstante a importância deste tipo de variáveis, a verdade é que existem outras dimensões que podem ter importância nas diferentes manifestações do sentimento de insegurança e que são eminentemente individuais. Mais concretamente, parece existir uma lacuna na comunidade científica quanto à associação do medo do crime, percepção do risco e adoção de comportamentos com as dimensões da personalidade e as emoções disposicionais. Na verdade, apesar de existirem estudos que relacionam dimensões da personalidade como o neuroticismo e a emoção medo (e.g., Mann, Birks, Hall, Torgerson & Watt, 2006; Willebrand, Anderson, Gerdin, Ekselius, 2006; Wilson, Kumari, Gray & Corr, 2000), a relação entre o neuroticismo e o medo do crime não tem sido muito estudada. De acordo com Eysenck & Eysenck (1997), o neuroticismo é uma dimensão da personalidade que se caracteriza por características como a ansiedade, a tensão, a timidez, o sentimento de culpa, a tristeza, a emocionalidade, entre outros<sup>4</sup>. Sendo o medo do crime uma emoção negativa, a hipótese de que este poderá estar associado ao traço de personalidade neuroticismo de forma positiva é passível de ser colocada. Por outro lado, a disposição dos indivíduos para experienciarem determinado tipo de emoções pode estar relacionada com o medo do crime e as restantes componentes do sentimento de insegurança.

Vejamos, assim, um conjunto de estudos que direta ou indiretamente se têm debruçado sobre estes temas. Em primeiro lugar, atentemos às investigações que se focaram na relação entre a personalidade e o sentimento de insegurança e, depois, estudos que procuraram perceber a influência da ansiedade ou disposição emocional naquela variável.

#### ***Sentimento de insegurança e personalidade***

Um estudo de Klama & Egan (2011), pretendia estudar a relação entre a integração do baixo sentido de controlo, problemas de saúde mental, dimensões da personalidade do *Big Five*<sup>5</sup> e a punitividade. Entre um conjunto de hipóteses colocadas pelos autores, estava a de que as elevadas classificações de neuroticismo nos iriam estar associadas a elevadas

---

<sup>4</sup> A definição de Neuroticismo Segundo Eysenck irá ser aprofundada mais à frente.

<sup>5</sup> Em 1942, através de análise de clusters, Cattell (1943 cit. Alalehto, 2003; Hansenne, 2004) demonstrou que havia quatro dimensões da personalidade. Atualmente, fala-se no modelo Big Five que é constituído por cinco dimensões fundamentais: extroversão, agradabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura (idem).

classificações de medo do crime. O neuroticismo foi operacionalizado através do instrumento *Neo-Five-Factor Inventory-Revised* (NEO-FFI-R; McCrae & Costa, 2004), enquanto o medo do crime foi operacionalizado através da adaptação da medida usada por Ferraro & LaGrange, 1992 cit. Klama & Egan, 2011), diferenciando-o do risco de crime. A correlação entre estas variáveis (neuroticismo e medo do crime) foi de .29, sendo estatisticamente significativa. Por sua vez, também houve uma correlação positiva entre o neuroticismo e o risco de vitimação ( $r = .23$ ), igualmente com significado estatístico. Face a estes resultados, os autores realizaram a seguinte afirmação:

*“(...) by comparing the personalities of participants who fear crime with the personalities of victimized individuals it becomes apparent, as hypothesized, that one personality construct in particular yields similar loadings for both fear of crime and victimization: high neuroticism.”* (p. 4).

Ou seja, os autores constataram que os indivíduos que tinham sido vítimas de crime e que tinham elevados níveis de neuroticismo apresentavam classificações mais elevadas de medo do crime.

Outra investigação relevante para o presente tema foi levada a cabo por Solomon e colaboradores (2007) onde se pretendia estudar a relação entre as dimensões da personalidade e o medo das práticas de corrupção numa amostra de estudantes. Os autores concluíram que as características de personalidade de extroversão, neuroticismo, agradabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade, em conjunto, predisseram o medo das práticas de corrupção. Porém, apenas os traços de extroversão e de abertura à experiência tiveram uma influência independente no medo da corrupção. Apesar deste resultado obtido – que a personalidade tem influência no medo da corrupção – é necessário ter prudência na generalização dos resultados, já que geralmente este tipo de crime não é estudado enquanto desencadeador de medo.

De acordo com Osinowo (1998 cit. Klama & Egan, 2010) os indivíduos com elevados níveis de neuroticismo reportaram mais medo crime do que indivíduos com baixo neuroticismo.

### ***Sentimento de insegurança e medo disposicional ou ansiedade***

Passando agora para a relação entre o sentimento de insegurança e o medo disposicional, importa, em primeiro lugar, destacar um conjunto de ideias avançadas por Gabriel & Greeve (2003) acerca de uma perspetiva psicológica do sentimento de insegurança.



Mais concretamente, os autores aplicam a distinção de emoção traço/estado ao sentimento de insegurança<sup>6</sup>. Os autores começam por referir que embora o medo seja uma emoção bastante estudada, poucos têm sido os esforços para analisar a o sentimento de insegurança numa perspectiva multidimensional, ou seja, tendo em conta as suas manifestações como um *traço* ou como um *estado* (entre os autores que estudaram esta questão estão Cattell & Scheier, 1961; Spielberger, 1966 e 1972, ambos citados por Gabriel & Greve, 2003). O sentimento de insegurança como um estado transitório acontece, por exemplo, quando uma pessoa sente medo de ser vítima de crime em situações específicas ou porque o ambiente físico possui elementos que têm capacidade de desencadear emoções de medo e ansiedade. Aqui, o medo do crime é algo que acontece e termina de forma rápida, na medida em que é situacional e contextualizado. Todavia, a longo-termo, tais ocorrências emocionais podem contribuir para uma *disposição geral* de ter medo de se tornar vítima de crime. Conversamente, o medo do crime como uma disposição (traço) descreve uma *tendência* para experienciar o medo em certas situações, sendo comparativamente estável nos sujeitos, mas variando entre eles (Gabriel & Greve). Assim, as pessoas com tal disposição têm mais probabilidade de experienciar o estado de “*ter medo*” (Spielberger, 1972 cit. Gabriel & Greeve, 2003). O medo do crime disposicional é o resultado de um processo desenvolvimental a longo termo (ontogénico) que é influenciado pelas condições e atributos pessoais, tais como a ansiedade, tendências percetivas e recursos para lidar com as circunstâncias. Mas, além disso, ainda é influenciado pelas experiências individuais de situações de medo relevantes para os sujeitos e pela interação entre estes dois fatores. Assim, e continuam os autores, o medo do crime disposicional é conceptualizado como a tendência individual para reagir “com medo” e, por isso, à medida que esta aumenta, é possível que aumente a probabilidade de certas situações que evoquem medo do crime (como estado). Por este motivo, num conjunto de situações, um indivíduo com elevado medo do crime disposicional irá experienciar o medo do crime como estado mais frequentemente (Gabriel & Greeve, 2003).

Um importante estudo empírico de Chadee, Virgil & Ditton (2008) pretendeu analisar a relação entre ansiedade enquanto traço e estado e os níveis de medo do crime. Mais concretamente, e segundo os autores, o que se pretendia saber era “*how much reported fear of crime has more to do with anxiety than it has to do with crime*” (p. 168). De acordo com os

---

<sup>6</sup> Apesar de os autores utilizarem a expressão “fear of crime” que, em português é traduzido para “medo do crime”, a verdade é que a expressão “fear of crime” deve ser entendida em sentido amplo no seu estudo, ou seja, a designação correta para português será sentimento de insegurança. Com efeito, os autores referem que este constructo é constituído por uma dimensão emocional (o medo), uma dimensão cognitiva (percepção do risco) e uma dimensão comportamental.

autores, a exploração da relação entre a ansiedade e o medo do crime é um aspeto importante no sentido em que pode fornecer aprofundamentos das motivações, reações e comportamentos dos indivíduos. Assim, é relevante para os investigadores explorar os efeitos da ansiedade nas experiências dos indivíduos. Na investigação levada a cabo pelos autores, foi aplicado um inquérito a 636 indivíduos, sendo que foi utilizada a escala de medo do crime de Ferraro (1995) e o teste *State-trait Anxiety Inventory* (Spielberg, 1983 cit. Chadee et al., 2008).

Como conclusões relevantes, percebeu-se, em primeiro lugar, que nas áreas com níveis baixos de crime, os respondentes reportaram níveis baixos de medo do crime, independentemente do nível de ansiedade (ansiedade-estado, ansiedade-traço). Porém, os sujeitos que viviam em áreas com níveis elevados de crime, reportaram classificações elevadas de medo do crime quando a ansiedade-traço era alta. O mesmo foi verificado para indivíduos com ansiedade-estado elevada. Porém, os autores chamam a atenção para o facto de a relação entre a ansiedade e o medo do crime ser relativamente fraca. Com efeito, a correlação entre a ansiedade-estado e medo do crime foi de .19 e a correlação entre ansiedade-traço e medo do crime foi de .20. Relativamente a crimes específicos, verificou-se que nos crimes contra pessoas, aqueles indivíduos que tinham níveis baixos de ansiedade enquanto estado e traço apresentaram níveis baixos de medo do crime. Porém, os sujeitos que reportaram classificações elevadas no traço de ansiedade tinham uma probabilidade superior em experienciar níveis mais elevados de medo do crime do que pessoas com baixo traço de ansiedade, independentemente da ansiedade em termos de estado. Já no que toca ao crime contra a propriedade, os indivíduos com níveis elevados de ansiedade (traço e estado) reportaram níveis mais elevados de medo do crime contra a propriedade. Estes resultados vão de encontro aos já encontrados por Calvo & Eysenck (2000 cit. Chadee e colaboradores, 2008), que afirmaram a existência de uma relação entre o traço de ansiedade e uma vigilância continuada do processamento do perigo. Chadee et al., (2008) concluem pela necessidade de se realizar mais estudos nesta área que praticamente não foi abordada pela literatura.

Em suma, pode concluir-se que, efetivamente, as dimensões da personalidade e a disposição emocional dos indivíduos *pode ser relevante* para o estudo do medo do crime. E, por esse motivo, importa explorar essas relações.

#### **4.2. Explicação ecológica ou contextual**

Um segundo modelo de explicação do sentimento de insegurança é o ecológico ou contextual, focando-se nas variáveis espaço-temporais que podem influenciar as percepções de segurança dos indivíduos. Neste modelo incluem-se teorias ambientais que se focam nas pistas do ambiente externo que podem desencadear sentimento de insegurança, procurando identificar fatores contextuais que podem ser alterados para diminuir a insegurança subjetiva dos indivíduos. De acordo com Doran & Burgess (2012) são fundamentalmente três as teorias ambientais que podemos incluir no modelo ecológico: 1) a hipótese das incivildades/desordens, 2) a perspectiva *Signal Crimes* e 3) as teorias dos ambientes seguros e ameaçadores.

Antes de se proceder à explicação de cada teoria, importa, em primeiro lugar, atentar a um conjunto de postulados e definições gerais acerca deste modelo.

##### **4.2.1. Background do modelo ecológico ou contextual**

O estudo da relação entre o espaço e o cometimento de crimes integra-se num racional mais largo da Criminologia, a Criminologia Ambiental. Esta tem como uma das principais influências o conjunto de estudos efetuados pelos investigadores da Escola de Chicago (Brantingham & Brantingham, 1981). Esta escola surgiu no início do século XX com o objetivo de examinar o impacto das condições sociais e das características das comunidades nos indivíduos e na explicação do comportamento delinquente (Weisburd, Bruinsma & Bernasco, 2009). Entre os autores mais relevantes estão Park, Burgess, Shaw e McKay que desenvolveram teorias fundamentais (e.g. Modelo das zonas concêntricas de Burgess, que pretendia descrever a distribuição de problemas sociais pela cidade). Assim, a Escola de Chicago focava-se na abordagem do comportamento humano através de uma perspetiva ecológica, onde a conduta humana era moldada pela organização ou *design* do espaço onde aquela ocorria (Watts, Bessant & Hill, 2008). Na mesma linha, o enfoque da Criminologia Ambiental é no contexto ambiental e não tanto nos indivíduos, onde se procura estudar os elementos detalhados do ambiente que podem contribuir para um maior entendimento da incidência do crime (*ibidem*). Esta corrente enfatiza os papéis do espaço e do local na determinação do tempo, da localização e caráter dos crimes, advogando que os eventos criminais devem ser entendidos como confluências dos ofensores, vítimas ou alvos criminais, assim como leis em *settings* específicos de tempos e lugares. A análise do crime tem quatro dimensões: uma dimensão legal, uma dimensão do ofensor, uma dimensão do alvo ou vítima

e uma dimensão espaço-temporal. Além disso, estas dimensões devem ser entendidas e interpretadas em relação a um *background* complexo histórico e situacional de características sociais, económicas, políticas, biológicas e físicas que definem o contexto em que as dimensões do crime estão contidas. De acordo com Brantingham e Brantingham (1981), a Criminologia Ambiental não é uma abordagem isolada na exploração dos padrões criminais. Os campos de estudo em torno das atividades de rotina, prevenção situacional e escolha racional produzem resultados complementares. Para os autores, o crime não ocorre num vácuo, sendo influenciado pelo *design* do local, pela situação ou *setting* social, pelo movimento de rotina das vítimas, ofensores e vigilantes e parece refletir padrões de decisões consistentes.

Um dos dados mais consistentes na literatura no que diz respeito à relação entre o crime e o espaço é que este fenómeno tem uma distribuição desigual e temporal (Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Fisher, 1993; Nasar & Jones, 1997). Com efeito, alguns países e cidades têm mais crimes do que outras, certos bairros têm mais crimes do que outros (Skogan, 1999) e tipos de locais específicos têm mais crimes do que outros (Roncek & Maier, 1991 cit. Fisher & Nasar, 1995). Os locais que exibem uma média de incidentes criminais mais elevadas do que o normal têm sido designados como “*hot spots*” de crime pelos investigadores. De acordo com Sherman (1989), os “*hot spots*” de crime são *pequenos locais nos quais a ocorrência de crime é tão frequente que é altamente previsível, pelo menos durante o período de um ano* (p. 2).

A par desta distribuição desigual do crime, a investigação científica também sugere que o mesmo ocorre para o medo da vitimação (Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Fisher, 1993; Nasar & Jones, 1997). Ou seja, os indivíduos têm, também, níveis de medo mais elevados em certas cidades, em certos bairros, em certas interações pessoais e em locais específicos. Os padrões temporais de medo sugerem igualmente que há diferenças entre o dia e a noite. Portanto, podemos falar, segundo os autores, de “*hot spots*” de medo do crime como aqueles locais ou áreas em que os indivíduos sentem medo de serem vitimados mas onde os crimes podem não ser frequentes (Fisher & Nasar, 1995). Com efeito, como refere Nelson, Bromley & Thomas (2001), os “*hot spots*” de crime podem não coincidir necessariamente com os “*hot spots*” de medo ou vitimação pessoal. A ameaça potencial da vitimação do crime violento molda as perceções das pessoas acerca do risco e o comportamento mais do que qualquer outra forma potencial de vitimação. Os incidentes de violência numa cidade,

independentemente do tempo ou espaço, irão afetar as percepções de insegurança, à medida que o conceito de risco se torna mais anexado à localidade (Nelson et al., 2001).

#### **4.2.2. A hipótese das incividades/desordens**

A hipótese das incividades ou desordens postula que existe uma relação positiva entre o medo do crime e as percepções das pessoas sobre as características sociais e físicas do ambiente (Millie & Herrington, 2005, Tulloch, 2000 cit. Doran & Burgess, 2012). Diversos autores têm estudado estas características do meio ambiente e social (Hunter, 1978, Lewis & Maxfield, 1980 cit. Robinson et al., 2003; Lewis and Salem, 1986 cit. Taylor, 1999; Borooah & Carcach, 1997; Armstrong & Katz, 2010), que Taylor (1999) define como:

*“(...) Condições físicas e sociais de áreas residenciais vistas como potencialmente ameaçadoras e causadoras de distúrbios pelos seus residentes e utilizadores desses espaços públicos” (Taylor, 1999, p.65).*

Dentro do conceito geral de incividades, os autores têm distinguido aquelas que são físicas – vandalismo, edifícios abandonados, lixo, *graffiti*, carros abandonados, entre outros – e ambientais sociais que envolvem estranhos e são considerados potencialmente ameaçadores – pessoas a beber em público, pessoas a discutirem nas ruas, insultos, gangs, prostituição, tráfico de droga, etc. (Sampson, 2009; Robinson et al., 2003; Perkins & Taylor, 1996; Doran & Lees, 2005; Wilson & Kelling, 1982; Skogan, 1999).

A relação entre desordem física e social, crime e medo do crime tem sido uma área de interesse para muitos autores (e.g. Wilson & Kelling, 1982; Skogan, 1990; Kelling & Coles, 1998; Perkins & Taylor, 1996). De uma perspetiva social, as incividades sociais conotam desordem e possível vitimação (Nasar & Fisher, 1993). Com efeito, a desordem social denota a violação social das normas ou das leis oficiais pelas pessoas, ou significa a ação de forma imprevisível e ameaçadora (Perkins & Taylor, 1996; Skogan, 1999). Já numa perspetiva física, as incividades transmitem mensagens acerca das condições sociais e, por esse motivo, aumentam o medo do crime (Nasar & Fisher, 1993). Com efeito, elas indicam uma quebra nas normas sociais do comportamento e sublinham a incapacidade dos membros da comunidade mobilizarem recursos e lidarem com os problemas como o crime (Taylor, 1996 cit. Doran & Burgess, 2012). Por outro lado, também refletem a incapacidade ou negligência do Estado e das agências externas para lidar com o crime (Perkins & Taylor, 1996).

Desde há algumas décadas, e principalmente a partir dos anos 70, vários estudos foram realizados, sendo que as teorizações acerca da desordem tiveram influência dos sociologistas da Escola de Chicago. Um dos autores mais relevantes é Wirth (1938 cit. Sampson, 2009), que enfatizou os efeitos “desorganizadores” da desordem e da diversidade que emergiram a partir do aumento da urbanização na América no início do século XX.

O interesse do impacto da desordem no crime e no medo do crime tem levado a diversas conceptualizações por diferentes autores (Taylor, 1999). Em 1978, Hunter em *“Symbols of Incivility: Social Disorder and Fear of Crime in Urban Neighborhoods”* afirma que o medo de vitimação nas áreas urbanas é superior à própria vitimação, levando-o a questionar de que é que as pessoas têm medo. Na resposta a esta questão, o autor refere que a abordagem deve ser direcionada para a análise de fatores situacionais, isto é, fenómenos externos do ambiente experiencial dos indivíduos que são geradores de medo. Afirma ainda que as incivildades têm um impacto muito maior no medo do que o próprio crime. Com efeito, o ambiente físico, quando composto pela existência de edifícios abandonados, lixo espalhado pelas ruas, entre outros sinais, leva a que as pessoas façam inferências sobre esse ambiente e, mais especificamente, sobre o tipo de pessoas que lá habitam ou que usam aquele local. Mesmo sem encontros pessoais, estes sinais comunicam, de forma adequada, uma imagem de “desordem” e, especificamente, a perda de uma sociedade civil. (Hunter, 1978). Além disso, estes elementos físicos são experienciados mais frequentemente do que o crime e, por esse motivo, têm mais capacidade de gerar medo e insegurança entre os residentes de locais urbanos:

*“these physical incivilities, like their interpersonal counterparts, are more frequently experienced, more ubiquitous in daily routines than crime, and therefore are more experientially significant in generating fear and insecurity among urban residents”* (Hunter, 1978, p. 7).

Na sua tese, o autor dá um relevo especial, por um lado, ao modo como os indivíduos interpretam os sinais de incivilidade e, por outro, ao significado que estes sinais têm para os indivíduos.

Outra versão sobre o estudo da desordem é aquela que é considerada uma das teorias mais influentes, nomeadamente a *Teoria de Broken Windows* de Wilson e Kelling (1982). Os autores adotam uma perspetiva temporal e sequencial, descrevendo um processo por etapas onde as incivildades sociais e físicas levam a níveis de crimes mais elevados numa

comunidade. A sequência, de um modo geral, é a seguinte: se uma janela num edifício se parte e não é concertada num curto espaço de tempo, os residentes irão inferir que o controlo social informal nas ruas é baixo e que outros residentes não se importam com o que está a acontecer no seu bairro. Consequentemente, a perceção de que ninguém se interessa vai ativar um conjunto de respostas ligadas que resultam na atração de crime predatório sério (Barker & Crawford, 2006). O medo do crime vai desencadear uma série de processos, incluindo o movimento para outros bairros daqueles que têm capacidades económicas, o evitamento de espaços públicos e menos envolvimento no quotidiano do bairro. Consequentemente, os níveis de vigilância natural e os controlos informais comunitários enfraquecem, permitindo o cometimento de mais desordem e de crime. Eventualmente, este processo irá levar a um ponto em que os níveis de desordem e de medo serão elevados e os vigilantes informais daquela área serão reduzidos, resultando em crimes mais sérios (*ibidem*). Assim, para os delinquentes locais as incivildades físicas simbolizam oportunidades para a delinquência (Cloward & Ohlin, 1960, Taylor & Covington, 1993 cit. Taylor, 1999). Deste modo, esta teoria assume que a desordem é criminógena (Barker & Crawford, 2006), já que causa níveis elevados de crime. Enquanto a relação causal entre desordem e medo do crime sugerida por esta teoria foi apresentada como um facto empírico (Doran & Lees, 2005), a relação entre desordem e crime severo tem sido apontada como uma hipótese que necessita de ser mais testada (Kelling & Coles, 1997).

Outros autores fundamentais no estudo da desordem, crime e medo do crime são Sampson e colegas. A investigação de Sampson e Raudenbush (1999) sobre a eficácia coletiva<sup>7</sup> oferece um avanço muito significativo no entendimento dos constrangimentos estruturais e processos sociais coletivos no crime. Estes autores não defendem a hipótese *Broken Windows* e pretendem testar a ligação desordem-crime e, além disso, se as diferenças nas taxas de crime resultam da eficácia coletiva. A partir de uma observação social sistemática efetuada em 196 bairros de Chicago, apenas encontraram apoio para a conexão causal entre desordem e roubo. A conclusão fundamental do estudo foi que tanto a desordem como o crime são sintomas da mesma causa: a concentração da desigualdade e baixa eficácia coletiva. No que respeita ao impacto do crime, os autores referem que as perceções são importantes porque os informantes podem inferir, de forma razoável, baixa eficácia coletiva

---

<sup>7</sup> Definida pelos autores como *the linkage of cohesion and mutual trust with shared expectations for intervening in support of neighbourhood social control* (Sampson & Raudenbush, 1990, p. 612).

das suas perceções de desordem no bairro, e, consequentemente, agir de acordo com isso (Sampson & Raudenbush, 1999).

Sampson (2009) defende que não é a desordem *per si* que tem a maior importância, mas sim a perceção que as pessoas têm da seriedade dessa desordem. Por sua vez, esta depende do contexto social de bairro em que a desordem ocorre. Algumas características de desordem e comportamentos desordeiros são vistos como mais problemáticos em alguns contextos que noutros, sendo que a diferença reside na composição sociodemográfica da população da comunidade (Sampson & Raudenbush, 2004). Além disso, o aumento da diversidade e heterogeneidade pode reduzir a desordem e o crime. Assim, a ligação entre as pistas de desordem e a perceção é socialmente mediada (Sampson, 2009). Uma questão importante que o autor coloca é: porque é que a desordem, em certos locais, é vista como ameaçadora e problemática e, noutros locais pode não ser? Na resposta a esta questão, Sampson (2009) defende que uma coisa é percecionar, de modo mais ou menos preciso, e outra é atribuir-lhe um valor, significado e classificar a sua seriedade. Consequentemente, é possível separar os elementos objetivos do ambiente, a forma como estes são percecionados pelos indivíduos e, por último, o valor que este faz dos elementos percecionados (*ibidem*).

#### **4.2.3. Teoria *Signal Crimes***

Enquanto a teoria *Broken Windows* procura explicar a ligação desordem-crime (e o papel do medo do crime nesta), existem perspetivas que estão preocupadas em estudar o modo como a desordem e o crime, conjuntamente, explicam as perceções de insegurança e de medo (ligação crime-desordem-medo), tal como a tese *Signal Crimes* de Innes (2004). Innes e Fielding (2002) efetuam uma mudança conceptual importante em relação à teoria *Broken Windows*, no sentido em que distinguem impactos diferenciais de desordem (e crime) nas perceções de insegurança. Em vez de a desordem ter um impacto genérico no medo e assumindo que diferentes desordens (e.g. graffiti e incivildades sociais) são igualmente importantes em moldar as perceções de insegurança, o seu pressuposto central é que *alguns incidentes de crime e desordem* importam mais do que outros aos indivíduos quando se trata de moldar as suas perceções de risco. Eles designam estes incidentes de *signal crimes* e *signal disorders*, devido às suas propriedades comunicativas ou sociais. Innes (2004) e colegas constituíram esta perspetiva a partir de um estudo conduzido na Inglaterra, com uma metodologia qualitativa onde efetuaram 30 entrevistas semiestruturadas. Concluíram que as pessoas tendem a construir os seus entendimentos de crime e desordem, e assim as suas



percepções de risco criminógeno, em torno de certos sinais. Deste modo, nem todos os crimes e desordens têm valor igual no modo como as percepções de risco coletivas são produzidas. Com efeito, alguns tipos de crimes (e.g. assaltos a habitação e roubos) importam mais do que outros, dependendo da visibilidade social que o incidente assume na vida dos indivíduos (idem). Por sua vez, os crimes e as desordens têm efeitos na vida dos sujeitos, alterando o modo como estes pensam, sentem ou se comportam. Outro aspeto importante desta perspetiva é que advoga que a exposição a múltiplos “sinais fracos” pode funcionar como um “sinal forte” servindo para amplificar o significado percebido de outros incidentes anteriores ou subsequentes (Innes, 2004).

Innes e Fielding (2002) e Innes (2004) não defendem que toda a gente interpreta os sinais do mesmo modo, sugerindo que há fatores sociodemográficos e outras variáveis (e.g. vitimações anteriores, estilo de vida e atenção às histórias dos *media*) que moldam o modo os sinais são interpretados. O contexto situado em que o significador é colocado, juntamente com as características dos membros, molda a construção do significado. Adicionalmente, os autores suprarreferidos advogam que o medo é apenas uma das respostas e reações possíveis ao crime e à desordem. Outras reações incluem a raiva, a preocupação, os sentimentos de vulnerabilidade, evitamento de determinados locais e de certas pessoas (Innes, 2004).

Ora, esta descoberta vai de encontro à encontrada por Phillips e Smith (2004). Os autores questionam-se: *“how do people feel and how do they react when confronted with an uncivil action by a stranger in a commonplace situation?”* (p.379). Partindo de vários modelos, que diferiam nos efeitos que atribuíam à desordem (medo, ira, repulsa e indiferença) e utilizando a metodologia de *Focus Group*, os resultados apontaram, claramente, para a reação de ira como a mais frequente, seguida da indiferença. Já o medo como emoção e o evitamento como comportamento foi uma das reações menos frequentes.

#### **4.2.4. Teorias dos ambientes seguros e ameaçadores**

Estas teorias têm semelhanças com as referidas anteriormente no sentido em que ligam o sentimento de insegurança a certas pistas do meio ambiente, porém, ao contrário das anteriores, não refletem uma quebra do controlo social (Doran & Burgess, 2012). Efetivamente, as presentes teorias fornecem um rótulo mais abrangente para esses objetos que geram o medo do crime, porém, não se restringem apenas à desordem (idem). Os ambientes físicos ameaçadores são uma manifestação do planeamento urbano ou da falta dele, tendo características que não permitem a vigilância natural.

#### **4.2.4.1. Falta de perspectiva, locais para o ofensor se esconder e fuga bloqueada**

Nasar e colegas (1993, 1995) têm procurado caracterizar os *hot spots* de medo a um nível micro. De acordo com os autores, é importante estudar estes espaços no sentido em que, a partir destes, se pode criar guias de *design* para reduzir o medo do crime. São três as principais pistas ambientais sobre as quais Nasar e colaboradores se têm focado: falta de perspectiva, os locais para o ofensor se esconder e a fuga bloqueada. O termo “perspetiva” refere-se à capacidade de um indivíduo ver a abertura do seu ambiente imediato (ter uma visão aberta) tanto olhando para ele como andando através dele (Appleton, 1975 cit. Fisher & Nasar, 1995). A falta de perspectiva (*blocked prospect*, *lack of prospect* ou *physical concealment*), tem então uma ligação fundamental com a dimensão da abertura. No que respeita a esta dimensão, Goffman (1971 cit. Warr, 1990), introduziu a ideia de “*lurk lines*” (linhas escondidas) que são aquelas que estão para além da linha de visão do indivíduo. Para o autor, o perigo destas zonas é evidente: “*those who are definitely behind one’s back is always out of sight line may have him well and easily in view*” (p. 293). Ao nível empírico, vários estudos realizados defendem que a falta de perspectiva num determinado local provoca um aumento do medo do crime (Schroeder & Anderson, 1984; Nasar & Fisher, 1993; Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Jones, 1997; Petherick, 2000; Herzog & Chernick, 2000).

Na ótica do ofensor, os locais para este se esconder são desejáveis, já que os outros não o podem ver enquanto esperam por uma vítima ou por cometer um crime. Estes locais, tais como arbustos densos, permitem-lhes reduzir o risco de serem capturados ou surpreendidos pelas vítimas (Nasar & Fisher, 1993). Na mesma linha, a dificuldade que um indivíduo antecipa da possibilidade de escapar quando confrontado com um potencial agressor também é desencadeadora de uma sensação de medo. Mesmo na ausência de um estranho visível, as pessoas podem sentir medo já que antecipam aquela dificuldade (Nasar & Jones, 1997). Esta dimensão de fuga bloqueada pode ter duas variantes: uma social (incapacidade de contactar com outros que poderiam ajudar) e outra física (barreiras ao movimento). Diversos autores e estudos têm confirmado estas três características enquanto desencadeadoras de sentimento de insegurança por parte dos indivíduos (Nasar & Fisher, 1993; Fisher & Nasar, 1995; Nasar & Jones, 1997; Petherick, 2000; Herzog & Chernick, 2000).

#### **4.2.4.2. Falta de luminosidade**

Outra característica que se pode incluir nestas teorias é a luminosidade, podendo afetar o facto de um ambiente ser considerado ameaçador. Esta característica liga-se à ideia de que a

altura do dia pode influenciar a percepção de segurança dos sujeitos (Doran & Burgess, 2012). Efetivamente é consensual a ideia de que as pessoas se sentem mais inseguras depois de escurecer (Nasar & Jones, 1997; Hebert & Davidson, 1994 cit. Doran & Lees, 2005; Painter, 1994; Painter, 1996). Na verdade, de acordo com Machado (2004, p. 60) “(...) *qualquer aspeto do meio que impeça a visibilidade se torna automaticamente ameaçador*”. Se as condições de luminosidade podem limitar o que uma pessoa vê, o facto de existir uma luminosidade insuficiente ou simplesmente escuridão faz com que aumente a vulnerabilidade, já que limita o campo de visão da área e reduz a reconhecimento da distância (Painter, 1994). Sendo assim, as ruas pouco iluminadas criam uma fonte limitada de locais onde a visibilidade é possível e, ao mesmo tempo, aumentam a dificuldade de fuga caso um potencial ofensor apareça. Alguns estudos utilizaram metodologias que, através de estímulos fotográficos, comprovaram a ideia de que a falta de luminosidade ou simplesmente a noite aumenta o sentimento de insegurança. Senão vejamos.

Um estudo de Hanyu (1997), que pretendia estudar a relação entre as propriedades visuais e as respostas afetivas, concluiu pela existência de uma relação positiva entre segurança e boa visibilidade, na medida em que esta potencia um aumento da riqueza visual. Outro estudo de Bishop & Rohrmann (2003), que procurava clarificar a validade de simulações feitas a computador para representar ambientes urbanos em condições diurnas e noturnas, concluiu que a percepção de insegurança é maior para cenários representativos da noite.

O conhecimento da falta de luminosidade como potenciador do aumento do medo do crime e sentimento de insegurança em geral tem levado a que várias estratégias se centrem no incremento da luminosidade nas ruas. A hipótese é que aumentando a qualidade do ambiente construído e aumentando o número de pessoas nas ruas depois de escurecer, a segurança pessoal aumenta. Um estudo de Painter (1996), que tinha como objetivo estudar o efeito do aumento da luminosidade em três ruas no sentimento de insegurança e nos níveis de crime, concluiu que houve uma marcada redução do medo de ataque físico por parte dos indivíduos quando a luminosidade era aumentada. Além disso, percebeu-se que as mulheres têm mais probabilidade de notar aumento da luminosidade do que os homens, sugerindo a hipótese de que o medo do crime nas mulheres não está apenas relacionado com a sua percepção de vulnerabilidade física mas também com elementos e estímulos presentes no ambiente urbano aos quais parecem mais sensíveis (idem).

Concluindo, se a insegurança subjetiva é mais elevada depois de escurecer, é assumido pela generalidade dos autores que, reduzindo a escuridão, o medo também será diminuído (Atkins, Husain & Storey, 1991).

#### 4.2.4.3. Novidade/Mistério

Apesar de a novidade<sup>8</sup> não ser um elemento contextual puro, já que está intrinsecamente ligada a fatores individuais (a nossa experiência sobre o espaço circundante), considera-se importante estudá-la enquanto desencadeador, ou não, do medo do crime. Nos estudos efetuados sobre a preferência dos sujeitos<sup>9</sup> a novidade ou o mistério tem sido associada a avaliações mais favoráveis por parte dos sujeitos (Kaplan & Kaplan, 1989). Todavia, Berlyne (1972 cit. Nasar, 1984) destaca o facto de ser uma novidade relativa e não uma novidade absoluta que está associada à preferência.

Quando se pretende estudar a relação entre a novidade e o sentimento de insegurança, percebe-se que esta não tem sido alvo de muitos estudos, embora se demonstre que níveis mais elevados de sentimento de insegurança estão associados à variável em análise (Nasar & Jones, 1997). Em *Dangerous Situations*, Warr (1990) fornece pressupostos importantes para a compreensão da dimensão da novidade e a sua relação com a insegurança subjetiva. O autor parte da constatação de Goffman (1971 cit. Warr, 1990) de que o domínio do ambiente é fundamental para o sentimento de segurança, e, assim, pelo contrário, a ausência de domínio é uma causa de medo. Mas o que é que pode desencadear a perda de domínio? Segundo Warr (1990), a falta de experiência prévia com o ambiente e a novidade podem ser dois fatores importantes. Com efeito, ambientes novos ou não familiares provocam medo do crime. Muitas espécies animais exibem neofobia – relutância em entrar numa área nova – ou apresentam respostas aparentes de medo, como o comportamento de fuga quando são colocados num ambiente novo. De acordo com Russell (1979 cit. Warr, 1990) os seres humanos apresentam traços similares. Adicionalmente, há uma tendência para os indivíduos verem a sua própria casa e os seus bairros como mais seguros do que outras áreas da cidade, mesmo quando isto não acontece efetivamente (Skogan, 1999). Há várias maneiras de a

---

<sup>8</sup> A partir da revisão da literatura realizada, verificou-se que, normalmente, os conceitos de mistério e novidade são semelhantes. Definimos essas variáveis na linha de Nasar e Jones (1997) como a promessa de nova informação, deixando ao observador a incerteza sobre o que acontecerá a seguir.

<sup>9</sup> Nos estudos da preferência, procura-se perceber que propriedades do meio ambiente estão associadas a uma maior preferência por parte dos indivíduos. Nestes estudos, são diversas as variáveis estudadas que se consideram proeminentes na percepção humana e avaliação de locais, como por exemplo a ordem (Nasar, 1983), a naturalidade, a complexidade (Hanyu, 2000) e a novidade ou mistério (Nasar, 1984).

novidade provocar medo. Por um lado, o aparecimento de novas pistas ou sinais de perigo, cujo significado não se tornou aparente pela experiência. Por outro, a constatação de que situações e paisagens tomadas como adquiridas tenham tomado um novo significado (Warr, 1990). Para estudar a dimensão da novidade, da escuridão e da presença dos outros nos sentimentos de insegurança, Warr (1990) recolheu dados através de um inquérito fatorial conduzido em 1987 a uma amostra de indivíduos, onde estes tinham que classificar um conjunto de situações em termos de segurança. Trataram cada variável como dicotómicas (i.e., ambiente novo/ambiente familiar; noite/dia; estar sozinho/estar com outros). Este estudo revelou resultados fundamentais, como o impacto forte da novidade e da escuridão no medo do crime. Já a “presença dos outros” não foi uma pista com um único significado, tendo tido efeitos opostos, dependendo de quem são os outros e das suas características.

#### **4.3. Explicação social**

Recentemente, os investigadores começaram a reconhecer a necessidade de se realizar estudos acerca das interações entre efeitos contextuais da estrutura da comunidade e as influências do bairro no comportamento individual (Sampson, 1988, 1992 cit. Duncan, Duncan, Okut, Strycker & Hix-Small., 2003). Na investigação sobre estes aspetos, os autores utilizam, normalmente, análises estatísticas avançadas (multinível ou *multilevel*, no original). Algumas características ligadas à estrutura da comunidade têm sido associadas ao crime e ao medo do crime, nomeadamente a eficácia coletiva, a vinculação ao bairro e a integração social. Vejamos alguns resultados que concernem com a explicação do medo do crime a partir dessas variáveis.

A eficácia coletiva é uma variável que tem sido bastante investigada pelos autores da área. Seguindo Sampson, Raudenbush & Earls (1997, p. 919), a eficácia coletiva resulta da “*ligação entre a confiança mútua e a capacidade de intervir para o bem comum*”. Por sua vez, a eficácia coletiva espelha crenças partilhadas, assumindo o envolvimento ativo entre os vizinhos (Duncan et al., 2003). Assim, a hipótese avançada é que o facto de existirem bairros mais coesos, permitirá a existência de contextos mais produtivos para a realização do controlo social informal (Sampson et al., 1997). Na mesma linha, os bairros com níveis mais elevados de eficácia coletiva têm mais capacidade de controlar, por exemplo, a delinquência grupal e têm mais sucesso em assegurar recursos e serviços necessários. Além disso, estas comunidades tendem a experienciar menos crimes (Duncan et al., 2003). No estudo efetuado por Sampson e colaboradores (1997), os bairros com elevada eficácia coletiva (associação

entre controlo social e coesão social) relacionaram-se negativamente com a criminalidade violenta (homicídios) quando se controlou para outros fatores tais como a desvantagem económica. Outro estudo importante foi realizado por Gibson, Zhao, Lovrich & Gaffney (2002), onde se constatou que o aumento da eficácia coletiva tem um impacto elevado na diminuição do medo do crime entre os residentes.

Outra variável que tem sido investigada é a integração social, definida pela comunidade científica como o sentido de pertença dos indivíduos face ao bairro e a ligação à comunidade (Franklin et al., 2008). O conceito de integração social tem sido operacionalizado de diversas formas, tais como a capacidade de identificar estranhos na área e o grau de pertença dos residentes ao seu bairro (Hunter & Baumer, 1982). Além destas medidas, também se têm incluído a participação nas organizações formais, o envolvimento em atividades do bairro, a partilha de informação, a perceção de similaridades entre residentes e a presença de amigos ou familiares vivendo no mesmo bairro (Franklin et al., 2008). Apesar de a definição e operacionalização da integração social ser mais ou menos consensual, o mesmo não se pode dizer dos resultados dos estudos que se debruçam sobre a relação entre a integração social e o medo do crime. Todavia, alguns autores constataram uma relação inversa entre os níveis de integração social e de medo do crime (e.g., Adams e Serpe, 2000).

Por último, destaquemos a variável vinculação ao bairro. De acordo com os autores, pelo facto de existir uma interação entre os indivíduos da comunidade e uma participação nas organizações e associações, tal poderá desencadear um fortalecimento da coesão social entre eles. E, ao mesmo tempo, a perceção do controlo social informal irá ser mais elevada. No que concerne aos resultados das investigações que procuram relacionar a vinculação à comunidade e o sentimento de insegurança, estes são geralmente inconclusivos. Com efeito, se alguns estudos reportam um efeito positivo dos laços sociais na insegurança subjetiva (e.g., Gates & Rohe, 1987 cit. Oh & Kim, 2009; Taylor & Hale, 1986) – na medida em que a interação entre vizinhos irá desencadear uma exposição mais elevada à informação sobre crimes – outros autores não corroboram esta explicação nem afirmam que exista uma relação positiva. Pelo contrário, sustentam que a vinculação ao bairro tende a ter um papel importante na redução do sentimento de insegurança entre residentes (e.g., Adams & Serpe, 2000). Por exemplo, Delisi & Regoli (2000) concluíram que as pessoas que tendem a não socializar com os indivíduos e que querem mudar de residência, tendem a classificar mais os seus bairros como inseguros.

*Em suma*, têm sido avançadas diversas explicações para o sentimento de insegurança, que vão desde aspetos mais individuais muito explorados (variáveis sociodemográficas, vitimação direta e indireta) e menos investigados (personalidade, emoções disposicionais), passando por variáveis contextuais por influência da Criminologia Ambiental (desordens, luminosidade, novidade, etc.) até variáveis ligadas a processos sociais da comunidade (e.g., eficácia coletiva, integração social e vinculação ao bairro).

Pelo facto de a presente dissertação se focar na relação entre o sentimento de insegurança, a personalidade e as emoções disposicionais, importa agora definirmos estes conceitos. Com efeito, nas próximas secções irão ser discutidas as definições que têm sido avançadas de personalidade e emoções, assim como a relação entre as dimensões da personalidade e as emoções (gerais e discretas).

## **5. Definição de Personalidade**

O que é a personalidade? Com esta questão não se pretende fornecer uma resposta definitiva nem universal, já que a personalidade é um constructo alvo de diversas conceptualizações, difícil de definir e que reside numa ampla difusão de noções. De acordo com Hansenne (2004), existem quase tantas teorias da personalidade como autores que têm abordado esta temática. De acordo com Singer (1984) uma teoria da personalidade deve submeter-se ao escrutínio científico, isto é, deve gerar hipóteses que possam ser testadas por investigadores utilizando-se os métodos estabelecidos na ciência. Para o trabalho em questão, e pelos objetivos a que a investigação se propõe, será dado um enfoque maior à conceptualização da personalidade realizada por Eysenck.

De acordo Allport (1937 cit. Hansenne, 2004), a personalidade é uma organização dinâmica, no seio do indivíduo, de sistemas psicofísicos que determinam o seu comportamento característico e os seus pensamentos. A organização dinâmica traduz a ideia de que existem forças internas num sistema integrado, sendo que estas forças interagem entre elas e com o exterior, o meio ambiente. O autor, na sua definição, dá importância a fatores psicológicos e fatores físicos, no sentido em que enfatiza a identificação e medição dos traços humanos. Todavia, Allport não defende que um indivíduo possa ser descrito simplesmente pelas classificações numa série de escalas de traços. Na verdade, prefere postular que cada indivíduo, enquanto partilha determinados traços com todos os outros seres humanos,

demonstra um padrão único de traços. Deste modo, defende que o estudo da personalidade deveria desenvolver métodos que abordassem a unicidade de uma pessoa (a abordagem ideográfica), assim como descobrir os princípios gerais aplicáveis a muitas pessoas (a abordagem nomotética). Assim, o autor acredita que o indivíduo é único em virtude de uma configuração específica dos traços de personalidade (Singer, 1984; Hansenne, 2004).

Após ter realizado uma revisão geral sobre os autores que se debruçam sobre a personalidade, Eysenck (1998a, p. 25) define-a do seguinte modo:

*“soma total de padrões de comportamentos potenciais ou reais do organismo, determinados pela hereditariedade e pelo ambiente; origina-se e desenvolve-se através de uma interação funcional de quatro principais setores em que estes padrões de comportamento estão organizados: o setor cognitivo (inteligência), o setor conativo (caráter), o setor afetivo (temperamento) e o setor somático (constituição)”*.

A teoria de Eysenck (1990, Eysenck & Eysenck, 1985 cit. Eysenck & Eysenck, 1997) considera algumas dimensões como elementos básicos da estrutura de personalidade. Estas variáveis são, essencialmente, *fatores disposicionais* que determinam a conduta regular e em muitos tipos de situações diferentes. Os traços de personalidade representam padrões amplos de tendências de conduta que dão consistência à estabilidade das ações, às reações emocionais e aos estilos cognitivos das pessoas (idem). Deste modo, a personalidade pode ser vista como uma taxonomia hierárquica, onde no nível básico estão as ações, seguidas das reações emocionais, respostas específicas, habituais e os traços (tendências de conduta). No topo da hierarquia há superfatores, nomeadamente a Extroversão, o Neuroticismo e o Psicoticismo (Eysenck & Eysenck 1998b) que têm uma base biológica. Vejamos, de forma separada, estas dimensões da personalidade de acordo com este autor.

### **5.1. Extroversão**

A extroversão está ligada à ativação do arousal no sistema de nervoso central (Eysenck, 2006 cit. Weiner & Craighead, 2010). Especificamente, enquanto os introvertidos são caracterizados por terem níveis altos de *arousal*, os extrovertidos são caracterizados por terem baixos níveis de *arousal*, sendo que esta constatação explica o facto de os extrovertidos serem caracterizados por frequentemente procurarem estimulação.

De acordo com Eysenck (1990 cit. Eysenck & Eysenck, 1997; Connelly & Ones, 2008) as características que formam a extroversão são a sociabilidade, a despreocupação, a



dominância, a aventura, a assertividade, a atividade, a busca de sensações e a alegria. Estes indivíduos procuram também emoções positivas. Já os indivíduos introvertidos são caracterizados como passivos, pacifistas, calmos e fiáveis (Hansenne, 2004).

## **5.2. Neuroticismo**

O neuroticismo, segundo Eysenck & Eysenck (1998a), pode residir na labilidade do sistema límbico e na elevada ativação do sistema autonómico. Assim, os neuróticos demonstram uma reatividade psicológica elevada face ao *stress*. A dimensão do neuroticismo está associada a traços como a ansiedade, a depressão, o sentimento de culpa, a baixa autoestima, a tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e emocionalidade (Eysenck, 1992 cit. Eysenck & Eysenck, 1998b; Connelly & Ones, 2008). Os sujeitos com altas pontuações de neuroticismo são mais vulneráveis a transtornos denominados tradicionalmente neuróticos (Eysenck & Eysenck, 1998b).

## **5.3. Psicoticismo**

Relativamente ao psicoticismo, constata-se que não tem havido muita investigação acerca da base biológica deste, porém, Eysenck acreditava que, tal como as dimensões anteriores, o psicoticismo também tinha uma base biológica. O psicoticismo foi a dimensão que mais tarde se incorporou na teoria de Eysenck e em pontuações extremas predispõe tanto a transtornos psicóticos, como ao transtorno bipolar ou esquizofrenia, ou conduta antisocial e psicopática (Eysenck, 1992 cit. Eysenck & Eysenck, 1998b). Os psicóticos são indivíduos agressivos, frios, egocêntricos, impulsivos, impessoais, antissociais, sem empatia, criativos e rígidos (idem).

## **5.4. Avaliação da personalidade através do *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ)**

Não obstante o reconhecimento de que existem diversas formas de medição e avaliação da personalidade, no presente trabalho iremos focar o instrumento que irá ser utilizado no estudo empírico, nomeadamente o *Eysenck Personality Questionnaire* (tendo como versão atual o EPQ-R; Eysenck & Eysenck, 1998b). Este instrumento compreende as três dimensões da teoria de Eysenck, nomeadamente a Extroversão, o Neuroticismo e o Psicoticismo, tendo também a medida da Desejabilidade Social (“*lie scale*”, no original). O EPQ foi precedido por um conjunto de questionários como o *Maudsley Medical Questionnaire* (MMQ; Eysenck, 1952 cit. Aluja, García & García, 2003), o *Maudsley Personality Inventory* (MPQ; Eysenck,

1959 cit. Aluja et al., 2003) e o *Eysenck Personality Inventory* (EPI; Eysenck & Eysenck, 1964 cit. Aluja et al., 2003). Assim, o EPQ foi o resultado final de anos de investigação, tendo sido posteriormente alterado e melhorado, passando-se a designar por EPQ-R. A inovação do instrumento EPQ em relação aos anteriores teve a ver com a inserção do psicoticismo que, no entanto, é uma escala que recebe algumas críticas pelas suas propriedades psicométricas serem inferiores às escalas do neuroticismo e extroversão (Aluja et al., 2003; Ferrando, 2008).

O instrumento EPQ-R, baseado na teoria de Eysenck (Eysenck, 1990, Eysenck & Eysenck, 1985 cit. Eysenck & Eysenck, 1997) sobre a personalidade, tem carácter de autorrelato e compreende 100 itens<sup>10</sup> (24 para a dimensão de neuroticismo, 23 para extroversão, 32 para a dimensão de psicoticismo e 21 para escala de desejabilidade social) (Eysenck & Eysenck, 1985 cit. Weiner & Craighead, 2010). Os itens das escalas são dicotómicos, ou seja, os indivíduos indicam “sim” ou “não” na resposta a cada item.

Também foi desenvolvida uma versão revista e reduzida do EPQ, nomeadamente o EPQ-RS (Eysenck & Eysenck, 1998b), de modo a que pudesse ser usada quando o tempo de aplicação fosse limitado e quando, além desse instrumento, também se utilizasse outras escalas na mesma investigação. Foram selecionados 12 itens para cada escala, dando lugar à versão de 48 itens (idem). A fiabilidade do EPQ-RS tem sido analisada em múltiplos estudos, sendo que, geralmente, as escalas do neuroticismo e da extroversão demonstram uma consistência interna bastante elevada (0.80-0.90) e uma boa consistência ao longo do tempo (0.85-0.94). De acordo com Eysenck (1985 cit. Aluja et al., 2003), encontrou-se uma consistência interna de 0.84 e 0.80 para a escala do neuroticismo, 0.88 e 0.84 para a extroversão, 0.77 e 0.73 para a desejabilidade social e, por último, 0.62 e 0.61 para o psicoticismo para homens e mulheres respetivamente (idem). Assim, verifica-se que a escala de psicoticismo possui uma baixa consistência interna comparando com as dimensões anteriores (Weiner & Craighead, 2010).

---

<sup>10</sup> Anteriormente, o EPQ era constituído por 90 itens, tendo sido acrescentado 10 itens por Eysenck, Eysenck e Barret (1985 cit. Aluja et al., 2003). Com efeito, apesar de a escala da desejabilidade social não ter sofrido alterações, foi acrescentado um item ao neuroticismo e à extroversão. A escala do psicoticismo também foi modificada, tendo-se acrescentado 13 novos itens e eliminado 6. De acordo com alguns autores e.g., Corulla, 1987 cit. Aluja et al., 2003), a consistência interna do psicoticismo ficou mais elevada.

### **5.5. A desejabilidade social**

De acordo com Paulhus (1984) a desejabilidade social possui dois componentes que necessitam de ser distinguidos: positividade autoenganadora (*self-deceptive positivity*, no original) e gestão da impressão (*impression management*). A primeira componente é conceptualizada como uma visão honesta de si próprio excessivamente positiva e pode ser considerada mais como um constructo de personalidade significativo do que um viés de resposta (idem). Por sua vez, a segunda componente está mais relacionada com a visão tradicional da desejabilidade social e significa que o respondente deliberadamente adapta as suas respostas de forma a criar uma imagem social mais positiva. Para o mesmo autor, a escala da desejabilidade social do questionário EPQ tende a orientar-se primariamente para a componente de gestão da impressão. Tipicamente, os itens da desejabilidade social são afirmações sobre atitudes e práticas que são socialmente indesejáveis, mas comuns, tais como pequenas desonestidades, maus pensamentos, fraqueza de carácter, etc. (Ferrando, 2008).

Alguns estudos têm procurado associar a desejabilidade social às restantes escalas, verificando se esta existe e qual a sua magnitude. No que toca à correlação entre a desejabilidade social e a extroversão, os estudos têm demonstrado que esta é geralmente fraca e em muitos estudos não significativas (Ferrando, Chico & Lorenzo, 1997; Ferrando, 2008). Porém, quando as correlações são significativas, usualmente são positivas (e.g., Helmes, 1980 cit. Ferrando, 2008). No que toca à relação entre desejabilidade social e neuroticismo, importa referir que, normalmente, os itens do neuroticismo tendem a ser percebidos como socialmente indesejáveis (Francis, 1993 cit. Ferrando, 2008) e a maior parte dos estudos encontram correlações negativas entre o neuroticismo e desejabilidade social (Helmes, 1980 cit. Ferrando, 2008). A par da correlação negativa que se tem verificado entre o neuroticismo e a desejabilidade social, o mesmo se tem encontrado para a correlação entre as medidas de desejabilidade social e psicoticismo (e.g., Corulla, 1987 cit. Ferrando, 2008). Este resultado é esperado pela teoria, já que os comportamentos descritos pelos itens do psicoticismo são percebidos como socialmente indesejáveis.

### **5.6. Personalidade e variáveis sociodemográficas**

Vários são os estudos que procuram averiguar a relação entre as dimensões da personalidade e algumas variáveis demográficas como o género e a idade. Atentemos, assim, a alguns resultados no que diz respeito a este tema. Relativamente às diferenças de género, na maior parte dos estudos analisados as mulheres reportam níveis mais elevados de

neuroticismo (Lynn & Martin, 1997; Martin & Kirkcaldy, 1998; Costa, Terracciano & McCrae, 2001; Oliveira, 2002) e ansiedade (Feingold, 1994) em relação aos homens. Com efeito, este resultado - as mulheres apresentaram níveis mais elevados de neuroticismo - ocorre não só em estudos empíricos de uma amostra isolada mas, também, em estudos que comparam um conjunto de países. É o caso do estudo de Lynn & Martin (1997) que pretendeu analisar as diferenças de género na extroversão, neuroticismo e psicoticismo comparando os dados de 37 países com a aplicação do EPQ. Verificou, assim, que nos 37 países, as mulheres reportaram níveis mais elevados de neuroticismo, e, por sua vez, que os homens tiveram classificações mais altas para o psicoticismo e a extroversão. Também no estudo de Martin & Kirkcaldy (1998), os homens reportaram níveis mais elevados de psicoticismo, porém, não houve diferenças para a dimensão da extroversão. Por sua vez, no estudo de Feingold (1994) apesar de as mulheres terem tido níveis mais elevados de ansiedade, apresentaram níveis mais altos, em relação aos homens, de extroversão.

Outra variável demográfica que tem sido utilizada para verificar diferenças nas dimensões da personalidade é a idade. No estudo de Oliveira (2002) pretendia-se verificar se existiam diferenças na dimensão do neuroticismo quanto à idade, sexo, interculturalidade e religião. O autor descobriu que, naquela amostra, os jovens tinham classificações de neuroticismo mais elevadas do que os adultos e que, apesar de haver um decréscimo do neuroticismo na idade adulta, esta dimensão da personalidade voltava a aumentar nos idosos. Outro estudo de Goldberg, Sweeney, Merenda & Hughes (1998) procurou examinar a relação entre variáveis demográficas (sexo, idade, educação e etnia) e a personalidade. Os autores apuraram a inexistência de diferenças para o estatuto étnico nas dimensões estudadas, porém, encontraram diferenças na assertividade e estabilidade emocional. Com efeito, encontraram-se níveis superiores destas duas características para o sexo masculino. Relativamente à idade, os autores verificaram que os indivíduos mais velhos são mais conscienciosos do que os mais novos (idem). Por último, um estudo de McCrae et al., (1999) pretendeu estudar diferenças de idade na personalidade ao longo da vida adulta, constatando que as mulheres e os homens mais velhos tinham níveis mais baixos de extroversão e abertura, porém, mais elevados em conscienciosidade e agradabilidade. Finalmente, verificaram que existia uma tendência para os mais novos terem classificações mais elevadas de neuroticismo (idem).

*Em suma*, após uma revisão da literatura acerca do conceito da personalidade, constatou-se a inexistência de uma definição consensual. Este problema manifesta o facto de a personalidade ser um constructo complexo e que envolve um conjunto de padrões de

comportamentos que, segundo Eysenck, se originam pela hereditariedade e pelo ambiente. De acordo com este autor, podemos conceptualizar a personalidade como uma taxonomia hierárquica em que no seu topo estão os superfatores supra descritos: o neuroticismo, a extroversão e o psicoticismo, com características específicas e diferenciadas. O instrumento de avaliação da personalidade que irá ser utilizado no nosso estudo é o EPQ-RS que contém escalas de medição daqueles superfatores, assim como da desejabilidade social.

Se o nosso objetivo é perceber a eventual relação entre o sentimento de insegurança e a personalidade, e, por outro lado, a relação entre as emoções e as componentes do sentimento de insegurança, importa agora atendermos à conceptualização de emoções e a sua avaliação a partir do *Differential Emotions Scale*. Terminaremos este capítulo com a relação entre a personalidade e as emoções.

## **6. Definição de emoção**

De acordo com Gray & Watson (2007), o afeto é um constructo mais largo do que a emoção. Efetivamente, o primeiro refere-se a um conjunto de estados mentais que envolvem sentimentos avaliados, isto é, estados subjetivos em que os sujeitos se sentem bem ou mal ou face ao que está a acontecer. Já Singer (1984), havia distinguido emoção e afeto. De acordo com o autor, a emoção refere-se à experiência de sentimento tendo como base uma resposta orgânica básica. Ou seja, as emoções, segundo o mesmo, seriam reações pessoais à complexidade da nova informação que necessita de ser processada. Estas reações seriam manifestadas ao longo de três dimensões, nomeadamente a expressão facial e linguagem corporal, a reação fisiológica (e.g., ritmo cardíaco, pressão sanguínea, temperatura corporal, atividade cerebral) e, por último, a consciência pessoal, que poderia ocorrer tanto nos pensamentos privados como em comunicação com os outros. Por sua vez, o afeto é já usado para se referir à componente de expressão facial da emoção (idem). É também possível distinguir estados de humor e emoções, tendo em conta alguns parâmetros como a duração, a frequência, a intensidade e o padrão de ativação. Senão vejamos. No que concerne à duração, é referido que os estados de humor são experienciados com uma duração relativamente superior em relação às emoções (Davidson, 1994 cit. Gray & Watson, 2007). Enquanto um episódio emocional pode durar segundos ou minutos, o humor é passível de durar horas ou mesmo dias. E, por tal, a emoção é intensa e breve. Por sua vez, os estados de humor são experienciados mais frequentemente e de forma mais consistente em relação às emoções (Watson & Gray, 2007). Quanto aos padrões de ativação, pode dizer-se que enquanto as

emoções estão ligadas a momentos específicos que provocam uma resposta, os estados de humor são um sumário do nosso estado afetivo global. Se as emoções impelem o organismo a uma ação ou decisão – sendo desencadeados por um estímulo particular que as define para o movimento – os estados de humor não são direcionados para qualquer evento ou objeto concreto. Ocorrem, portanto, sem referência a algo específico.

Analisadas as diferenças entre emoção, afeto e estados de humor, importa agora questionar, *per se*, o que significa “emoção”. Tal como não existe uma definição consensual de personalidade, o mesmo se pode constatar para a definição de emoção. Com efeito, a emoção não é um conceito unânime nem a sua definição é consensual (Queirós, 1997). Na verdade, tal como enfatiza Solomon (2008), quando parece ter-se encontrado uma definição adequada para a emoção, surge uma nova teoria que desafia o nosso entendimento.

As tentativas de definição e explicação da experiência emocional não são recentes. Com efeito, é possível encontrar teorizações de filósofos que se debruçaram sobre o conceito de emoção, como por exemplo, Descartes (citado por Solomon, 2008). Segundo este autor, a emoção é um tipo de “paixão”, sendo que as paixões são as percepções, os sentimentos ou emoções da alma que se relacionam especificamente com elas, e que são causadas, mantidas e fortificadas por algum movimento dos espíritos. Ainda para o mesmo autor, as emoções são, essencialmente, distúrbios de paixões e podem ser influenciadas pela razão. Com efeito, o aspeto fisiológico dá lugar ao cognitivo, e as emoções deixam de ser apenas corporais para se tornarem um ingrediente essencial no conhecimento. De acordo com Descartes, as seis paixões primitivas são a dúvida, o amor, o ódio, o desejo, a alegria, e a tristeza (idem).

De um modo geral, a emoção pode ser definida como uma manifestação fisiológica, comportamental e cognitiva relativamente automática, face a estímulos particulares (Hansenne, 2004). Para Fraisse e Piaget (1975 cit. Queirós, 1997), a emoção seria constituída pelos afetos ou sentimentos, pelas manifestações neurovegetativas e pelas manifestações expressivas da face ou do corpo. Segundo Reuchlin (1981 cit. Queirós, 1997), no episódio emocional importa a vivência emocional, a expressão facial e as alterações no funcionamento do corpo. Por sua vez, Scherer (1987, 2001 cit. Scherer, 2005, p. 697) define emoção como um *“episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos ou de quase todos os subsistemas do organismo, em resposta a uma avaliação de um estímulo interno ou externo relevante para o organismo”*. De acordo com o mesmo autor, as *componentes* do episódio emocional são os respetivos estados dos cinco subsistemas (fig. 3) e os *processos* consistem nas mudanças coordenadas ao longo do tempo.

FUNÇÃO EMOCIONAL	SUBSISTEMA DO ORGANISMO	COMPONENTE EMOCIONAL
Avaliação dos objetos e eventos	Processamento de informação (CNS)	Componente cognitivo
Regulação do sistema	Apoio (CNS, NES, ANS)	Componente neurofisiológico
Preparação e direção para ação	Executivo (CNS)	Componente motivacional
Comunicação da reação e intenção comportamental	Ação (SNS)	Componente de expressão motora
Monitorização do estado interno e organismo – interação ambiental	Monitor (CNS)	Componente de sentimento subjetivo

**Figura 3** Relação entre subsistemas do organismo, funções e componentes da emoção (Scherer, 2005). Nota: CNS = sistema nervoso central; NES = sistema neuro-endócrino; ANS = sistema nervoso autonómico; SNS = sistema nervoso somático.

Segundo Strongman (1987 cit. Queirós, 1997) a emoção é um estado corporal que envolve estruturas físicas, um comportamento específico ou geral, e ocorre em situações concretas. Por sua vez, Kleinginna e Kleinginna (1981 cit. Queirós, 1997) categorizaram as centenas de definições existentes, concluindo que a emoção é um conjunto complexo de interações entre fatores objetivos e subjetivos, mediados por sistemas neuronais e hormonais, e que podem provocar: 1) experiências afetivas, como sentimentos de excitação, de prazer ou desprazer; 2) processos cognitivos, como a percepção de efeitos emocionalmente relevantes, avaliações e processos de categorização; 3) ativação de processos gerais de ajustamento fisiológico às condições excitadoras; 4) comportamentos, que são geralmente adaptativos e dirigidos a um objetivo.

Izard (2009) procura discutir a origem da emoção, sendo que para isso recorre à perspectiva de alguns autores. Segundo Russell (2003 cit. Izard, 2009), o núcleo das emoções é contínuo no cérebro e fornece informação acerca do valor do estímulo em relação ao *arousal* e ao prazer/desprazer. Por sua vez, Izard postula que as emoções discretas ou interações entre as mesmas estão sempre presentes no cérebro consciente. Já Barrett (2006 cit. Izard, 2009) sugere que as emoções discretas surgem como resultado de um ato conceptual no núcleo do afeto, ou como função da estrutura conceptual que é proporcionada pela linguagem. Contrariamente, Izard defende que as emoções discretas não podem ser criadas, ensinadas ou aprendidas através de processos cognitivos. Assim, os processos conceptuais e percetuais são mais efeitos das emoções do que fontes da sua origem. Na mesma linha, as emoções podem ser ativadas e influenciadas por processos cognitivos, percetuais, avaliativos, conceptuais e não cognitivos (Izard, 2009), mas não podem ser criados por eles.

De acordo com Izard (2009) as *emoções básicas* são aquelas que se referem aos processos afetivos gerados pelos sistemas cerebrais sobre a deteção de um estímulo ecologicamente válido. Segundo o mesmo autor, as emoções básicas podem ser positivas ou

negativas. As primeiras são o interesse e a alegria, enquanto as segundas são a tristeza, ira, repulsa e medo. Scherer (1994 cit. Scherer, 2005) prefere designar as emoções básicas como emoções “modais”, dado o pouco consenso no significado e ausência de critérios na forma como “básico” é definido. As *emoções secundárias* são construídas a partir de outras emoções (Eckman, 1992 cit. Keltner & Lerner, *in press*).

Finalmente, importa distinguir as emoções enquanto *estado* e enquanto *traço*. As emoções traço são tendências duradouras (disposições) para experienciar emoções particulares. Referem-se a estilos gerais de respostas emocionais que persistem ao longo dos contextos e do tempo (Larsen & Katelaar, 1989). As emoções como *estados* são experiências momentâneas de uma emoção (Lerner & Keltner, 2001). A literatura científica da área tem demonstrado que as emoções traço predispõem os indivíduos a experienciar os estados emocionais correspondentes com uma intensidade e frequência mais elevada (e.g., Gross et al., 1998; Larsen & Ketelaar, 1989). Através de um estudo Lerner & Keltner (2001) constataram que os indivíduos disposicionalmente medrosos realizaram, de forma consistente, julgamentos e escolhas mais pessimistas.

### **6.1. Medição de emoções**

Os instrumentos de avaliação refletem, invariavelmente, um modelo estrutural implícito ou explícito. Por outras palavras, os investigadores tentam criar medidas que capturem os seus constructos básicos (Gray & Watson, 2007). No estudo da estrutura do afeto, foram surgindo teorias que privilegiam os modelos dimensionais e outras que destacam as emoções discretas. Enquanto as teorias dimensionais defendem que o afeto é composto por um grupo mais pequeno de dimensões gerais, os segundos focam-se em emoções discretas tais como medo, ira, tristeza e alegria (idem).

Ao longo do desenvolvimento da medição do afeto e das emoções foram surgindo instrumentos importantes (Gray & Watson, 2007). Para a análise que será feita de seguida, destacar-se-á o *Differential Emotions Scale* (DES, que, na sua versão mais atual, se designa por DES-IV; Izard, Libero, Putnam & Haynes, 1993), dado que será o instrumento utilizado na investigação empírica a descrever posteriormente (Capítulo II).



## **6.2. *Differential Emotions Scale (IV)***

A *Differential Emotions Scale*, construída com base na Teoria Diferencial de Emoções foi originalmente desenvolvida por Izard e colegas (1993) para medir dez emoções básicas: interesse, alegria, surpresa, tristeza, ira, nojo, felicidade, medo, vergonha/timidez e culpa. Ao longo dos últimos anos, o DES foi sofrendo algumas alterações no que toca à sua configuração, sendo que a versão atual é o DES-IV. O procedimento é o seguinte: o participante recebe instruções para classificar cada emoção numa escala de cinco pontos (1: raramente ou nunca; 5: muito frequentemente). Dependendo das instruções particulares que são usadas, os respondentes classificam os seus sentimentos correntes, os seus sentimentos na semana passada ou seu traço de afetividade de longo-termo. Por exemplo, se se pretender medir esta última dimensão, cada escala de emoção corresponderá a três itens respondidos sob a forma de “*Quão frequentemente, no seu dia-a-dia...*”. A diferença em relação às versões anteriores reside no facto de, por um lado, o DES-IV medir a vergonha e timidez separadamente, o que antes não acontecia e, por outro, porque se adicionou uma nova escala que mede a auto-hostilidade (Izard et al., 1993). O DES-IV inclui 12 escalas, sendo que ao todo é constituída por 36 itens. As escalas do DES mostram intercorrelações moderadas ou altas, todavia, alguns autores apontam que algumas escalas possuem moderada consistência interna (e.g. Gray & Watson, 2007), afirmando que estes problemas são devidos, em certa parte, ao pequeno número de itens (tipicamente três) que compõem cada escala. Outros autores encontraram informação válida e fiável neste instrumento (e.g. Blumberg & Izard, 1985; Carey, Finch & Carey, 1991). Além disso, as escalas são estáveis ao longo do tempo e estão significativamente correlacionadas com as variáveis da personalidade (Izard et al., 1993). O instrumento supracitado, ao longo do desenvolvimento das suas várias versões, foi utilizado em variados estudos (e.g. Izard et al., 2003; Abe, 2004; Fuenzalida, 1981; Youngstrom & Green, 2003).

## **7. Relação entre emoções e personalidade**

Nos últimos anos, a relação entre a personalidade e as emoções tem sido alvo de estudo por vários autores (Weiteing, 2009; Izard et al., 1993, Rusting e Larsen, 1997). Estes têm demonstrado uma relação evidente entre traços de personalidade e categorias específicas e gerais das emoções, tanto e tipos de estudo correlacionais, experimentais e longitudinais (Weiting, 2009). Assim, a evidência empírica revela que o Neuroticismo (N) tende a correlacionar-se com emoções negativas, mas não se correlaciona com as emoções positivas,

enquanto a Extroversão (E) se tende a correlacionar com as emoções positivas (e.g., Gross, Sutton & Ketelaar, 1998; Larsen & Ketelaar, 1989; Watson & Clark, 1992; Shiota, Keltner & John, 2006; Watson & Clark, 1984) mas já não com as emoções negativas (Izard et al., 1993; Rusting e Larsen, 1997; Costa & McCrae, 1980 cit. Diener, Smith & Fujita, 1995). Mais ainda, estes estudos demonstram que, não só o neuroticismo e a extroversão estão respetivamente correlacionados com emoções negativas e positivas, mas também que esta correlação se verifica ao nível das emoções temporárias, correntes e que predizem o afeto positivo e negativo futuro (Costa & McCrae, 1980 cit. Diener et al., 1995).

De acordo com Weiting (2009), os mecanismos biológicos subjacentes entre os traços e as emoções podem explicar porque é que o neuroticismo está fortemente relacionado com emoções negativas e de forma fraca com as emoções positivas, onde o inverso é também verdadeiro para a extroversão. Com efeito, os estudos recentes sugerem que há mecanismos neuronais e psicológicos para as relações entre neuroticismo e emoções negativas e entre as emoções positivas e a extroversão (Weiting, 2009; Rusting & Larsen, 1997). Por exemplo, uma das possíveis explicações avançadas pela literatura para a relação entre elevado neuroticismo e experiência de emoções negativas é a maior reatividade por parte dos indivíduos com níveis altos de neuroticismo a eventos desfavoráveis em relação aos sujeitos com baixo neuroticismo (Lommen et al., 2010).

Este autor (Weiting, 2009) tentou perceber se o neuroticismo poderia estar associado, em alguns momentos, a emoções positivas, usando, para tal, uma metodologia experimental. Neste estudo, os participantes completaram uma tarefa com uma dificuldade moderada e foram, de forma aleatória, distribuídos para grupos com *feedback* agradável ou desagradável. O autor constatou que os indivíduos com níveis elevados de neuroticismo reagiram de forma mais negativa ao *feedback* negativo. Além disso, experienciaram emoções negativas mais fortes do que os indivíduos com baixo neuroticismo quando tiveram um *feedback* positivo e, em média, experienciaram níveis mais elevados de emoções negativas. Mas, mais importante, o autor concluiu que a relação entre neuroticismo e emoções positivas é moderada pela situação (agradável ou desagradável). Numa situação levemente negativa, os indivíduos com elevado neuroticismo sentiram-se menos positivos do que os indivíduos com baixo neuroticismo. Todavia, não houve relação entre neuroticismo e emoções positivas numa situação ligeiramente positiva.

No que concerne às teorizações sobre a relação entre personalidade e emoções, pode afirmar-se que estas se têm organizado em torno de duas direções. Por um lado, alguns

autores defendem que as emoções edificam a personalidade. Mais concretamente, que os traços de personalidade refletem diferenças individuais na reatividade e sensibilidade às diversas emoções. Por outro lado, há autores que concebem a personalidade como um constructo que está na base da formação das emoções. Assim, segundo os mesmos, são os traços de personalidade que favorecem a seleção de circunstâncias de vida associadas de forma diferente a emoções positivas e negativas. Neste caso, seria a personalidade que contribuiria para a construção das emoções (Hansenne, 2004). Na primeira perspetiva é possível enquadrar a *Teoria Diferencial das Emoções* proposta por Izard et al., (1993) que sugere que a base das relações entre emoções e traços de personalidade decorre, principalmente, das características inerentes das emoções como processos organizacionais e motivacionais. Deste modo, as diferenças individuais na emocionalidade e nas características específicas da emoção são refletidas nos padrões das ligações entre emoção, cognição e ação, que por sua vez são os blocos constituintes dos traços da personalidade baseados na emoção (Izard et al., 1993). A *Teoria Diferencial das Emoções* assenta em cinco premissas, enunciadas de seguida.

Em primeiro lugar, *cada emoção básica possui propriedades motivacionais distintas*. Ou seja, cada emoção tende a organizar e facilitar as perceções, os pensamentos e ações de um modo particular, consistente com o estado motivacional associado à emoção. A título de exemplo, o medo modifica o modo de perceção e pensamento, estreitando o campo percetivo. Este estreitamento diminui o limiar para a deteção de perigo, modificando-se a cognição em curso através dos pensamentos ou estratégias de evitamento ou fuga (Hansenne, 2004; Izard et al., 1993). A segunda premissa assenta na ideia de que *as experiências e as expressões das emoções são relativamente estáveis*. Isto significa que as emoções agem sobre a elaboração da personalidade porque são estáveis e induzem estados motivacionais contínuos. Voltando ao exemplo anterior, percebe-se, então, que uma experiência de medo é sempre caracterizada por um mesmo estado motivacional que, por sua vez, motiva sempre o mesmo tipo de pensamento e ação (idem). Em terceiro lugar, *a emoção tem limiares de ativação, sendo que cada indivíduo tem um limiar característico para cada emoção*. As diferenças individuais nos limiares emocionais têm como consequência o facto de cada um dos sujeitos desenvolver relações emoções-ações distintas, que conduzem a personalidades diferentes. Em quarto lugar, *cada emoção tende a formar ligações estáveis particulares com determinadas emoções*. Com efeito, duas ou mais emoções básicas podem ocorrer tanto simultaneamente como alternadamente. Por exemplo, o padrão emocional ira-tristeza pode ajudar a explicar a

componente depressiva do Neuroticismo (Izard et al., 1993). Já a quinta e última premissa estabelece que *cada emoção tende a tornar-se ligada a pensamentos particulares ou memórias que formam estruturas cognitivo-afetivas*. Uma vez que as emoções induzem tipos particulares de pensamento, as mesmas inscrevem-se em redes mnésicas que participam nas imagens mentais, nos cenários mentais e nos esquemas de pensamento. Na medida em que as componentes das estruturas cognitivo-afetivas são motivacionais, eles tendem a ligar-se a ações particulares. É assim que as sequências emoção-cognição-ação se tornam organizadas num padrão que caracteriza o estilo do indivíduo em se adaptar ao desafio, frustração, ameaça e outros tipos de emoções, contribuindo para o desenvolvimento dos traços de personalidade (idem). Concluindo, a teoria em análise defende que a razão principal pela qual uma dada emoção está associada positiva ou negativamente a uma dimensão da personalidade encontra-se ligada ao aspeto motivacional da emoção.

Todavia, alguns autores situam-se numa posição ligeiramente diversa, postulando que os traços de personalidade favorecem a seleção de circunstâncias de vida que se associam diferencialmente a emoções positivas e negativas. Assim, autores como Tellegen (1985 cit. Hansenne, 2004), McCrae e Costa (1991 cit. Hansenne, 2004) sugerem que, ao contrário de Izard e colaboradores (1993), as relações entre personalidade e emoções se podem considerar nos dois sentidos, porém, isto ocorre em função dos traços de personalidade concretos. Assim, seguindo McCrae e Costa (1991 cit. Hansenne, 2004) no caso da extroversão e do neuroticismo, as emoções determinam a personalidade; no caso da agradabilidade e da conscienciosidade, é o traço de personalidade que determina as emoções (idem).

Mas para além da relação entre personalidade e a afetividade e emoções positivas ou negativas, muitos estudos focam-se na relação entre aquela e as emoções discretas. Um estudo de Izard e col. (1993) procurou analisar a estabilidade das experiências emocionais e as suas relações com os traços de personalidade, onde se utilizou instrumentos como o EPQ e o DES-IV. Os autores chegaram à conclusão de que as emoções discretas explicavam uma parte significativa da variância dos índices de personalidade. Com efeito, foi possível averiguar que a tristeza, o desprezo, o medo, a vergonha, a timidez, a culpa e auto-hostilidade estão correlacionados positivamente com o neuroticismo e que o interesse, a alegria e vergonha estão correlacionados com a extroversão. As relações mais fracas deram-se entre o psicoticismo que apenas teve uma correlação positiva com a auto-hostilidade. Outra investigação relevante neste tema foi a de Emmons & Diener (1986), que se focou numa abordagem interativa das relações entre personalidade e emoções, onde se encontrou

correlações fortes entre extroversão e alegria. Porém, demonstrou-se que os indivíduos neuróticos nem sempre estão infelizes, tal alguns autores referem (e.g. Costa & McCrae, 1980 cit. Emmons & Diener, 1986). Na verdade, a experiência de determinadas emoções nem sempre é independente do contexto em que os indivíduos se encontram. Relevante para o tema em análise é também o artigo “*The Personality Structure of Affect*” de Diener et al., (1995) que revelou que há uma estrutura de personalidade para as emoções discretas, de modo que os indivíduos que frequentemente experienciam emoções negativas têm mais probabilidade de experienciar outras emoções negativas também. Além disso, sugere que as avaliações negativas e positivas são baseadas em termos de diferenças individuais, avançando como hipótese de a extroversão e neuroticismo levarem a uma propensão para avaliar eventos como bons ou maus.

*Em suma*, verificamos que não existe uma única definição de emoção, porém, parece ser consensual a ideia de que as emoções surgem face a estímulos concretos e que possuem diversas manifestações. Quanto à relação entre personalidade e emoções, os estudos sugerem a relação entre emoções negativas e neuroticismo e, por outro lado, a relação entre emoções positivas e a extroversão.

## CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO (METODOLOGIA)

---

### 1. Objetivos e Hipóteses

O objetivo geral deste estudo é explorar a componente afetiva do sentimento de insegurança – o medo do crime – e as variáveis a ele correlacionadas (a percepção do risco de vitimação e o comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa). Mais concretamente procura-se perceber a associação entre as componentes do sentimento de insegurança e outras variáveis individuais que, até ao presente, não têm sido aprofundadamente exploradas. *Como corolário deste objetivo geral surgem alguns **objetivos específicos** aos quais este estudo vai tentar responder. São os seguintes:*

- a) Num primeiro momento, analisar a relação entre o medo do crime, a percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos e as variáveis individuais que têm sido estudadas na comunidade científica – sexo, idade, anos de escolaridade e vitimação na amostra estudada.

- b) Depois, procura-se estudar a relação entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as dimensões da personalidade baseadas na formulação de Eysenck – a extroversão, o neuroticismo e o psicoticismo. Ainda neste âmbito, perceber se a desejabilidade social se relaciona com as variáveis do sentimento de insegurança acima descritas.
- c) Analisar a relação entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais avaliadas pelo DES-IV.

Tendo-se enumerado os objetivos deste estudo, as **hipóteses** que se pretendem testar são as seguintes:

- a) O sexo, a idade, os anos de escolaridade e a vitimação influenciam os níveis de medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa.
- b) O medo do crime, o risco percebido e a adoção de comportamentos de segurança correlacionam-se com as dimensões da personalidade (neuroticismo, extroversão, psicoticismo) e com a desejabilidade social.
- c) O medo do crime, o risco percebido e a adoção de comportamentos de segurança correlacionam-se com as emoções disposicionais.
- d) Existe uma relação entre as variáveis individuais (sexo, idade, anos de escolaridade, experiências de vitimação), a personalidade, as emoções disposicionais e as variáveis do sentimento de insegurança.

## **2. Material e Métodos**

### **2.1. Caracterização do estudo**

O presente estudo insere-se no âmbito da investigação quantitativa, no qual se procedeu à aplicação de questionários para explorar a relação entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e outras variáveis individuais, não só sociodemográficas (sexo, idade, anos de escolaridade e vitimação), mas, também a personalidade e emoções disposicionais. Partindo do pressuposto de base que a forma como o investigador trabalha as variáveis do estudo define o tipo de estudo de investigação, pode dizer-se que a investigação presente é correlacional. Ou seja, o investigador observa as variáveis, não tendo controlo ou intervenção propositada sobre as variáveis do estudo (Marôco, 2011). Para além disso podemos caracterizar este estudo como explicativo, já que se procura explicar o sentimento de

insegurança – sendo esta explicação sempre parcial e nunca completa – associando a este um conjunto de variáveis que poderão ou não a ele estar relacionadas. E, portanto, procura-se contribuir para o conhecimento científico sobre o sentimento de insegurança, indo além da descrição das suas componentes.

## **2.2. Forma de constituição da amostra**

A amostra total deste estudo é constituída por 205 indivíduos. Esta amostra foi constituída em duas fases diferentes. Numa primeira fase, foram recrutados estudantes da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, tendo por base critérios de facilidade e conveniência. Com efeito, eram os indivíduos que se encontravam nesta instituição e, por esse motivo de proximidade seria mais fácil participarem neste estudo. Ainda nesta primeira etapa, procurou-se também recrutar voluntários de outras faculdades da mesma Universidade. Ao todo, foram recrutados, inicialmente, 99 estudantes. Seguidamente, pretendeu-se alargar o estudo a uma amostra mais heterogénea e diversificada, de modo a que não fosse constituída apenas por estudantes. Sendo assim, foram aplicados mais 106 questionários a uma amostra não selecionada de diferentes indivíduos, em várias zonas da cidade do Porto.

No que diz respeito ao método de constituição da amostra ou método de amostragem, pode afirmar-se que foi não probabilística, dado que não temos garantia de que cada elemento teve igual probabilidade de ser incluído, nem se pode estimar esta probabilidade. É também uma amostragem accidental causal ou conveniente, já que se selecionou os respondentes com base na sua disponibilidade e vontade de participação no estudo.

## **2.3. Instrumentos e variáveis do estudo**

Como já foi sendo referido, para a concretização dos objetivos do estudo foi construído um questionário<sup>11</sup> por um conjunto de investigadores da Escola de Criminologia. A este questionário foi implementada uma lógica ou estrutura que, seguidamente, será descrita. Este instrumento é constituído por um conjunto de grupos que permitem averiguar as hipóteses acima colocadas.

---

<sup>11</sup> O questionário encontra-se no anexo V.

### **2.3.1. Grupo I: Questões sociodemográficas<sup>12</sup>**

O grupo I é constituído por questões sociodemográficas, nomeadamente o sexo, a profissão, a situação profissional, as habilitações literárias e a idade. Adicionalmente, este grupo também tem questões relacionadas com a zona onde os indivíduos residem a maior parte do tempo e a forma como se deslocam para o seu emprego ou escola.

Neste grupo do questionário, destacam-se algumas variáveis independentes do estudo, ou seja, aquelas que poderão provocar um efeito nas variáveis dependentes. Mais concretamente, estas são o sexo, a idade e os anos de escolaridade. No que diz respeito à última variável independente referida (anos de escolaridade), é de notar que esta foi criada a partir da soma entre as habilitações literárias e a existência ou frequência de curso superior. Para as habilitações literárias, pediu-se aos indivíduos para assinalarem as suas habilitações, de 0 a 12. Numa pergunta seguinte, questionou-se aos indivíduos se tinham curso superior (sim ou não) ou se estavam a frequentar, pedindo-se para colocar o ano que frequentavam. Às pessoas que respondiam ter já um curso superior, somou-se 4 anos às habilitações literárias (12). E aos que frequentavam um curso superior, somou-se o ano de frequência aos anos de habilitações literárias. Desse modo, criou-se um índice de anos de escolaridade.

### **2.3.2. Grupo II: Questões gerais de insegurança e vitimação<sup>13</sup>**

Este grupo contende com questões gerais sobre vitimação e as variáveis que constituem o sentimento de insegurança, mais concretamente o medo do crime, o risco percebido e adoção de comportamentos de segurança. Relativamente às questões de vitimação (pergunta 1), o que se procura é verificar se os indivíduos da amostra já foram vítimas de crimes. Esta vitimação tem duas vertentes: por um lado, a prevalência cumulativa, isto é, se *alguma vez* (ao longo da vida) foi vítima de um dos crimes indicados; e, por outro lado, a frequência no último ano, ou seja, o número total de vezes que essa vitimação ocorreu no *último ano*. Os crimes apresentados são os que usualmente surgem nos inquéritos internacionais de vitimação e em outros estudos da Escola de Criminologia. Questiona-se, então, se já foi vítima de roubo de algum objeto do interior do seu veículo, de roubo do seu veículo, se alguém tentativa de assalto à habitação, assalto à habitação, se já foi vítima de outro tipo de furto por parte do assaltante, de outro tipo de roubo, se já foi vítima de ameaças de agressão e de agressão (efetiva). O objetivo de se ter colocado a vitimação no questionário tem a ver com a eventual

---

<sup>12</sup> No questionário em anexo, o grupo que aqui designamos por I encontra-se descrito como Grupo II.

<sup>13</sup> No questionário em anexo, o grupo que aqui designamos por II encontra-se descrito como Grupo III.



importância desta variável nas variáveis dependentes que constituem o sentimento de insegurança. Assim sendo, a vitimação é uma variável independente, ou seja, que pode influenciar as componentes do sentimento de insegurança.

No que toca às questões de insegurança, estas foram divididas, no questionário, de acordo com a divisão que tem sido feita das dimensões do sentimento de insegurança (o medo do crime, a perceção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos por razões de segurança). Estas, por sua vez, constituem as *variáveis dependentes* do estudo, isto é, as que podem sofrer a influência das variáveis independentes. O modo como estas dimensões foram operacionalizadas neste questionário foi semelhante ao que tem sido feito nos inquéritos internacionais e nacionais que sobre isto se debruçam. Assim sendo, a pergunta 2 diz respeito à componente emocional do sentimento de insegurança, o medo do crime, medido através de um conjunto de seis itens seguintes:

- Como se sente quando caminha sozinho na sua zona de residência durante o dia?
- Como se sente quando caminha sozinho na sua zona de residência durante a noite?
- Como se sente quando caminha sozinho na cidade do Porto durante o dia?
- Como se sente quando caminha sozinho na cidade do Porto durante a noite?
- Como se sente quando está sozinho na sua casa durante o dia?
- Como se sente quando está sozinho na sua casa durante a noite?

As respostas podiam ir de 1 (muito inseguro) a 5 (muito seguro). Por sua vez, a pergunta 3 é relativa à *perceção do risco de vitimação*, que é a componente cognitiva do sentimento de insegurança. Esta variável é operacionalizada por três itens, nomeadamente:

- Pensa que poderá ser vítima de roubo sem violência durante o próximo ano?
- Pensa que poderá ser vítima de roubo com violência durante o próximo ano?
- Pensa que a sua casa poderá ser assaltada durante o próximo ano?

Por último, este grupo é ainda constituído por um conjunto de questões que pretendem operacionalizar a componente comportamental do sentimento de insegurança (pergunta 4). Esta componente comportamental divide-se em três tipos de comportamentos: evitamento, proteção e autodefesa. A questão que se coloca é “*Por razões de segurança (...)*”

**Comportamentos de evitamento:**

- Evita contactos com determinadas pessoas?
- Evita determinadas ruas ou sítios?
- Evita sair à noite?

**Comportamentos de proteção:**

- Tem fechaduras de segurança ou alarmes na habitação?
- Quando se ausenta de casa por 2 ou mais dias pede aos vizinhos para a vigiarem?
- Costuma deixar a luz acesa quando sai à noite?

**Comportamentos de autodefesa:**

- Tem armas de defesa pessoal?
- Pratica desportos de defesa pessoal?

As variáveis constituintes do sentimento de insegurança são as que vão ser explicadas no nosso estudo, isto é, as que vão sofrer alteração pelas variáveis independentes. Por este motivo, são fundamentais na investigação.

**2.3.3. Grupo III: Medição da Personalidade a partir do EPQ-RS<sup>14</sup>**

Este grupo é constituído pelo conjunto de itens do *Eysenck Personality Questionnaire-Revised short form* (EPQ-RS; Eysenck & Eysenck, 1998), que é a versão reduzida e revista do *Eysenck Personality Questionnaire* (EPQ). Mais concretamente, o EPQ-RS possui 48 itens, sendo que são 12 itens para cada escala: neuroticismo, psicoticismo, extroversão e desejabilidade social. A cada item, os respondentes assinalam “sim” ou “não”. Este questionário já tinha sido aplicado em outros estudos da Escola de Criminologia, designadamente no estudo do comportamento de condução dos portugueses. As questões de personalidade são fundamentais para o presente estudo, já que se procura perceber se esta se relaciona com as variáveis constituintes do sentimento de insegurança. Neste caso, as dimensões da personalidade são, então, as variáveis independentes que poderão provocar um efeito nas variáveis dependentes (medo do crime, percepção do risco de vitimação e adoção de comportamentos por razões de segurança).

---

<sup>14</sup> No questionário em anexo, o grupo que aqui designamos por III encontra-se descrito como Grupo IV.

#### **2.3.4. Grupo IV: Medição das emoções disposicionais a partir do DES-IV<sup>15</sup>**

O presente grupo foi incluído após ter sido efetuada uma vasta revisão da literatura com o objetivo de se encontrar um instrumento de medição de emoções adequado para esta investigação. Com efeito, pretendia-se perceber se as emoções disposicionais (isto é, *como os indivíduos geralmente se sentem*) poderiam influenciar, por exemplo, a experiência de medo do crime dos sujeitos. O instrumento *Differential Emotions Scale* (DES-IV) pareceu o que mais validamente poderia ir de encontro aos objetivos, por permitir medir as emoções disposicionais e por ser um instrumento largamente utilizado na literatura. Após se ter encontrado e analisado o DES-IV, foi necessário proceder à tradução para a língua portuguesa de todos os itens, sendo que tal foi realizado a partir de reuniões entre investigadores da Escola de Criminologia<sup>16</sup>, procurando-se aumentar a fiabilidade do instrumento. Foram seguidas as instruções dos investigadores que construíram este instrumento, mais concretamente no que toca à ordenação dos itens.

#### **2.4. Procedimentos**

Este estudo foi concretizado através da aplicação de questionários a uma amostra de 205 indivíduos. Os questionários foram administrados de forma direta, isto é, através do autopreenchimento. Numa primeira fase, os questionários foram aplicados na Faculdade de Direito da Universidade do Porto a uma amostra de 99 indivíduos, maioritariamente estudantes. Os indivíduos foram recrutados através de anúncios que se realizaram nas salas de aula após autorização dos docentes correspondentes que foram contactados por correio eletrónico. Todos os questionários foram entregues dentro de um envelope e, após o preenchimento do mesmo, era pedido aos próprios sujeitos que o selassem por forma a garantir a confidencialidade.

Numa segunda fase, em que se pretendeu diversificar a amostra em termos de idades, escolaridade e profissão, procurou-se aplicar os questionários em outros locais que não as Universidades. Uma amostra de 106 voluntários preencheu os questionários após estarem devidamente informados sobre os objetivos da investigação e o anonimato e a confidencialidade. Para garantir esta confidencialidade, os questionários foram entregues dentro de um envelope que, no fim, era selado com o questionário lá dentro.

---

<sup>15</sup> No questionário em anexo, o grupo que aqui designamos por IV encontra-se descrito como Grupo V.

<sup>16</sup> Mestre Josefina Castro e Professora Doutora Carla Cardoso.

A todos os sujeitos da amostra foi solicitado para não colocarem o seu nome no questionário, procurando-se, assim, garantir o anonimato das respostas.

## **2.5. Procedimentos de Análise estatística**

Nesta secção iremos dar conta do conjunto de procedimentos estatísticos que foram realizados para a posterior análise dos dados. Para tal, dividiremos esta parte em duas secções: 1) Análise estatística descritiva e 2) Análise estatística inferencial. Note-se que os dados foram tratados a partir do software IBM SPSS Statistics 20.

### **2.5.1. Procedimentos de análise estatística descritiva**

Para a análise da estatística descritiva, foram empregadas algumas medidas de tendência central e medidas de dispersão. No caso das variáveis quantitativas como a idade, os anos de escolaridade, o medo do crime, o risco de vitimação, entre outras – utilizaram-se medidas como a média amostral ( $\bar{X}$ ) e desvio padrão (S.D) para verificar a dispersão face ao valor médio. Para além disso em determinados casos, também se usaram percentagens para contabilizar o número de pessoas, por exemplo, que realizaram um determinado comportamento ou que foram vitimadas.

No caso das variáveis qualitativas como o sexo e a vitimação ao longo da vida e nos últimos 12 meses, usaram-se, principalmente, percentagens. Com efeito, a sua natureza não permitia a realização de médias e, por isso, as percentagens foram a melhor forma de descrever estas variáveis.

Foi também realizada a comparação de médias e/ou percentagens entre os indivíduos do sexo feminino, masculino e amostra total. Para verificar se havia diferenças entre os sexos nas variáveis a analisar, utilizaram-se testes paramétricos ou não paramétricos de acordo com a violação ou não dos pressupostos da normalidade das distribuições. Os testes paramétricos exigem que a forma da distribuição amostral seja conhecida, sendo que a Distribuição Normal é a mais utilizada. Por outro lado, os testes não paramétricos não exigem, à partida, o conhecimento da distribuição amostral (Marôco, 2011). Nos casos em que não foi possível validar as condições de aplicação dos testes paramétricos, utilizam-se testes não paramétricos. Para testar a Normalidade, usou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov. Quando se compararam distribuições, utilizou-se o teste de Mann-Whitney, dada a violação dos pressupostos da normalidade.

Para a análise de algumas variáveis (e.g., medo do crime, percepção do risco de vitimação, adoção de comportamentos de segurança) em função de outras sociodemográficas como a idade ou a escolaridade, utilizou-se o teste de Mann-Whitney. Para tal, foi necessário, em primeiro lugar, dicotomizar os anos de escolaridade e a idade, sendo que o critério utilizado foi a média amostral.

Por sua vez, no caso das variáveis categóricas, para testar se dois ou mais grupos independentes diferem relativamente a uma determinada característica, isto é, se a frequência com que os elementos da amostra se repartem pelas classes de uma variável qualitativa é ou não aleatória, utilizou-se o teste do Qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Para tal, foi necessário, primeiramente, efetuar as respetivas tabelas de contingências.

Para medir a consistência interna do conjunto de itens que dão origem aos índices (por exemplo, índice do medo do crime), utilizou-se a medida do alfa ( $\alpha$ ) de Cronbach.

### **2.5.2. Procedimentos de análise estatística inferencial**

Para analisar a correlação entre variáveis, foram utilizadas medidas de associação (também designadas de coeficientes de correlação), que têm como objetivo quantificar a intensidade e direção da associação entre variáveis. Dependendo da normalidade ou não das distribuições, foram utilizados: o coeficiente de correlação de Pearson – que mede a intensidade e a direção da associação de tipo linear entre duas variáveis quantitativas – e o coeficiente de Spearman. O coeficiente de Spearman é utilizado quando não existe relação linear entre as variáveis, sendo, portanto, um coeficiente de correlação não paramétrico.

Foram realizadas correlações entre as variáveis para a amostra total e em função dos sexos. Seguidamente, também se realizaram correlações parciais controlando para a variável desejabilidade social. Pelo facto de as correlações parciais existentes no software SPSS dizerem respeito às correlações com o coeficiente de Pearson, foi necessário criar uma Syntax para a realização das correlações parciais onde o coeficiente de correlação fosse Spearman, nos casos em que não fosse possível utilizar o coeficiente de correlação de Pearson.

No caso das correlações entre variáveis dicotómicas (e.g., sexo) e variáveis quantitativas, a medida utilizada foi, em termos teóricos, o coeficiente Point Bi-Serial. Como o SPSS, na sua versão atual, ainda não contém uma forma de calcular este coeficiente, utilizou-se o coeficiente equivalente a este (Pearson nos casos referidos).

Estas medidas de associação variam entre  $-1 < R < 1$ . Embora não exista uma regra para especificar a intensidade da associação entre as variáveis, aceitou-se o contributo de Cohen.

Assim sendo, as correlações que tiverem um valor entre -1 e -0.5 e entre 0.5 e 1 foram consideradas elevadas. As correlações entre -0.5 e -0.3 e entre 0.3 e 0.5 foram consideradas moderadas. E, por último, as correlações que tiverem um valor entre -0.3 e 0 e entre 0 e 0.3 foram consideradas fracas. Para verificar se a correlação existente entre as duas variáveis era significativa, atendeu-se ao valor do *p-value* resultante. Aceitou-se que a correlação era significativa quando o *p-value* fosse inferior a 0.05.

Por último considerou-se importante a realização de regressões lineares com o objetivo de perceber que variáveis independentes explicam melhor as variáveis dependentes (medo do crime, percepção do risco de vitimação e adoção de comportamentos). Esta análise seguiu os seguintes passos. Em primeiro lugar, fez-se um primeiro modelo com as variáveis sociodemográficas e a vitimação. Depois, um modelo com as variáveis constituintes da personalidade e a desejabilidade social. Seguidamente, um terceiro modelo com as emoções disposicionais. Num último modelo, selecionou-se as variáveis que tiveram significância estatística na predição de cada uma das variáveis dependentes. Na análise dos modelos, atendeu-se a dois parâmetros principais: os valores do  $r$  ( $r$ ,  $r^2$ ,  $r^2$  ajustado) e o valor do  $\beta$ .

## CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO (RESULTADOS)

---

Através do teste estatístico Kolmogorov-Smirnov foi constatado que nenhuma das variáveis do estudo segue uma Distribuição Normal (ver tabela no anexo I). Por este motivo, encontra-se violado o principal pressuposto da utilização dos testes paramétricos. Assim sendo, os testes que vão ser realizados serão os testes não paramétricos já referidos na secção “Procedimentos de análise estatística” (ponto 2.5).

### 1. Caracterização da amostra segundo os dados sociodemográficos e vitimação

#### 1.1. Caracterização da amostra segundo o sexo, idade e anos de escolaridade

A tabela seguinte (1) refere-se às características sociodemográficas dos participantes do estudo, mais concretamente no que concerne às médias e desvios padrões da idade e dos anos de escolaridade dos indivíduos. A nossa amostra é constituída por 205 indivíduos, sendo que 53% são do sexo feminino e 47% são do sexo masculino.

**Tabela 1** Características sociodemográficas (sexo, idade e anos de escolaridade) dos participantes da amostra (n=205; sexo feminino: 53%; sexo masculino: 47%).

	Amostra total			Sexo feminino			Sexo masculino			
	N	X	SD	n	X	SD	n	X	SD	P
<b>Idade</b>	201	31.58	15.49	107	28.82	13.88	92	34.26	16.19	.002
<b>Anos de Escolaridade</b>	202	13.00	3.13	106	13.08	2.96	94	12.88	3.34	.780

A média de idades dos indivíduos é 31.58 anos, com um desvio padrão de 15.49. Como é possível verificar na tabela 1, a média de idades dos indivíduos do sexo masculino (X=34.26 anos) é superior à média de idades dos indivíduos do sexo feminino (X=28.82), sendo esta diferença estatisticamente significativa, dado pelo valor de *p-value* (0.002).

A média de anos de escolaridade da amostra total é 13 anos, sendo que tanto para o sexo feminino como masculino esta média é aproximadamente igual. Com efeito, nas mulheres a média é 13.08 anos e, nos homens, é de 12.88 anos. Esta diferença não é estatisticamente significativa (*p-value*=0.78).

## 1.2. Caracterização da amostra segundo a vitimação

A tabela 2 diz respeito aos resultados obtidos quanto à vitimação da amostra do estudo. A análise da vitimação é feita a partir de dois parâmetros: a prevalência cumulativa (vitimação ao longo da vida) e prevalência corrente (vitimação nos últimos 12 meses). As percentagens que se encontram na tabela 2 referem-se ao conjunto de pessoas que já foi vitimado, tanto ao nível da prevalência cumulativa como da prevalência corrente.

**Tabela 2** Prevalência cumulativa (alguma vez) e corrente (últimos 12 meses) de vitimação em função do sexo feminino, masculino e amostra total.

Vitimação	n	Amostra Total	n	Sexo feminino	n	Sexo masculino	p
<b>Prevalência cumulativa (%)</b>	200	58.5%	104	52.9%	92	64.1%	.111
<b>Prevalência corrente (%)</b>	174	35.6%	93	33.3%	78	37.2%	.600

Assim, no que diz respeito à prevalência cumulativa (*se alguma vez foi vítima de crime*) verifica-se que 52.9% dos sujeitos do sexo feminino já foi vítima de pelo menos um dos crimes listados. Por sua vez, os indivíduos do sexo masculino apresentam uma percentagem mais alta (64.1%) em relação às mulheres. Todavia, esta diferença não é estatisticamente significativa, dado o *p-value* resultante do teste  $X^2$  ser de 0.111. Por sua vez, a prevalência corrente, isto é, a percentagem de indivíduos que foram vítimas de crimes nos últimos 12 meses também não é significativamente diferente nos dois sexos. Com efeito, no

sexo feminino a percentagem é de 33.3% e, no sexo masculino, a percentagem é de 37.2%. O *p-value* resultante do teste  $X^2$  é superior a 0.05, como está patente na tabela 2.

## 2. Caracterização da amostra segundo o sentimento de insegurança

### 2.1. Consistência interna

Antes de procedermos à análise propriamente dita, importa referir que foram realizados testes de consistência interna para os índices de medo do crime e de perceção do risco de vitimação, utilizando-se a medida de  $\alpha$  de Cronbach. Assim sendo, para o índice do medo do crime, foi encontrado um  $\alpha$  de 0.86, que se considera elevado. Por sua vez, para o índice de perceção de risco de vitimação o  $\alpha$  encontrado foi de 0.77, também elevado.

### 2.2. Sentimento de insegurança, variáveis demográficas e vitimação<sup>17</sup>

#### 2.2.1. Sentimento de insegurança em função do sexo, idade e escolaridade

Na próxima tabela encontram-se os resultados que concernem à caracterização da amostra relativamente às variáveis que constituem o sentimento de insegurança. Estes dados serão analisados em função do sexo, da idade e anos de escolaridade. Para a referida análise, foi necessário proceder à dicotomização da idade e dos anos de escolaridade. O critério utilizado foi a média amostral. Como vimos anteriormente (ponto 1.1) a média de idades da amostra foi de 31.58 anos e, portanto, arredondou-se o valor para 32 anos. Na variável anos de escolaridade a média da amostra era de 13 anos.

**Tabela 3** Médias e desvios padrões das variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime perceção do risco de vitimação e adoção de comportamentos) em função do sexo, idade e escolaridade.

Variáveis	Amostra	Sexo		Idade		Anos de escolaridade	
	Total <sup>1</sup>	feminino	masculino	(anos) <sup>2</sup>			
	X±SD	X± SD	X±SD	<32	≥32	<13	≥13
<b>Medo do crime</b>	2.35±.70	2.56±.72	2.11±.59	2.27±.63	2.47±.80	2.52±.81	2.24±.59
<b>Perceção do risco</b>	2.55±.73	2.59±.71	2.47±.75	2.42±.70	2.74±.73	2.71±.76	2.44±.69
<b>Comportamento</b>	3.24±1.37	3.46±1.32	3.01±1.42	2.99±1.37	3.70±1.27	3.43±1.45	3.12±1.31

<sup>1</sup> Os índices do medo do crime e do risco de vitimação variam entre 1 e 5. A adoção de comportamentos varia entre 0 e 8.

<sup>2</sup> Tanto para a idade e para os anos de escolaridade, o critério de dicotomização foi a média.

<sup>17</sup> Para efeitos de formatação, a variável adoção de comportamentos por razões de segurança será designada, nas tabelas, como “Comportamento” e, por sua vez, a variável perceção do risco de vitimação como “Perceção do risco”.



Começamos pela variável *medo do crime*. Através dos valores médios manifestos pela tabela 3, percebe-se, desde logo, que as mulheres têm um nível mais elevado de medo do crime ( $X=2.56$ ) em relação aos homens ( $X=2.11$ ). Dado que o *p-value* resultante do teste de Mann-Whitney é  $<.001$ , é possível concluir que a função de distribuição da variável medo do crime nos dois grupos de indivíduos (feminino e masculino) é diferente. Para além de se comparar o medo do crime em relação ao sexo, procedeu-se também à análise da variável em função de dois grupos de idades. Como já foi referido, a variável foi dicotomizada a partir da média amostral (32 anos), possibilitando a existência de dois grupos: indivíduos com idades inferiores a 32 anos e indivíduos com idades superiores a 32 anos. Constata-se que a média do medo do crime é superior nos indivíduos com idades mais elevadas (maior que 32 anos) do que nos indivíduos mais jovens, no entanto, apesar desta tendência, o valor de *p* não atinge o significado estatístico ( $p=0.08$ ). Relativamente ao medo do crime em função da variável anos de escolaridade, é importante notar que os indivíduos com anos totais de escolaridade inferiores a 13 (valor correspondente à média amostral desta variável) têm níveis mais altos de medo do crime ( $X=2.52$ ) em comparação com os indivíduos com mais anos de escolaridade ( $X=2.24$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p=0.04$ ).

No que concerne à *perceção do risco de vitimação* verifica-se que o valor médio desta variável é superior nas mulheres ( $X=2.59$ ) em relação aos homens ( $X=2.47$ ). Todavia, o *p-value* resultante do teste estatístico Mann-Whitney ( $p-value=0.20$ ) indica-nos que a distribuição da variável risco de vitimação não difere nos dois sexos. Por sua vez, o valor médio desta variável é mais elevado nos indivíduos com idade superior a 32 anos ( $X=2.74$ ) em relação aos sujeitos com idade inferior a 32 anos ( $X=2.42$ ), atingindo esta diferença significado estatístico ( $p-value=0.02$ ). Tendo em conta a perceção do risco de vitimação em função da escolaridade, percebe-se, através dos resultados apresentados na tabela, que nos indivíduos com menor escolaridade (inferior a 13 anos) o valor médio de perceção do risco de vitimação é mais elevado ( $X=2.71$ ) em relação aos indivíduos com escolaridade superior a 13 anos ( $X=2.44$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p-value=0.01$ ).

Por último, relativamente à variável *comportamental* do sentimento de insegurança, conclui-se a partir da tabela que o valor médio da adoção de comportamentos (de evitamento, proteção e autodefesa) é significativamente superior nas mulheres ( $X=3.46$ ) em relação aos homens ( $X=3.01$ ), dado o valor de *p-value* (0.01). No que concerne à comparação da variável comportamento nos dois grupos de idades, verifica-se que o valor médio de adoção de comportamentos é superior nos indivíduos com idade superior a 32 anos ( $X=3.70$ ) em relação

aos indivíduos com idades inferiores a 32 anos ( $X=2.99$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p\text{-value}=0.00$ ). Respeitante à variável adoção de comportamentos em função da escolaridade surge a mesma tendência que até agora se tem observado para as outras variáveis que compõem o sentimento de insegurança. Efetivamente, nos sujeitos com menor escolaridade, o valor médio de adoção de comportamentos é superior ( $X=3.43$ ) em relação aos indivíduos com maior escolaridade ( $X=3.12$ ), todavia, esta diferença não é estatisticamente significativa ( $p\text{-value}=0.09$ ).

### 2.2.1.1. Caracterização da amostra em função dos comportamentos adotados

#### *Adoção de comportamentos e sexo*

A tabela 4 apresenta a proporção de indivíduos que referiram adotar determinados comportamentos por razões de segurança. Como é possível verificar, na amostra global, o comportamento em que há uma maior proporção de indivíduos é “evitar determinadas ruas ou sítios” e “evitar contactos com determinadas pessoas”. Há também um conjunto de indivíduos (51.2%) que reporta ter fechaduras de segurança ou alarmes na habitação. Alguns indivíduos pedem aos vizinhos para vigiarem a casa quando se ausentam por dois ou mais dias (33%) e costumam deixar a luz acesa quando saem à noite (29.6%). Outro comportamento de evitação que merece destaque é evitar sair à noite, o que é realizado por 23% da amostra. Os comportamentos menos usuais são ter armas de defesa pessoal (14.8%) e praticar desportos de defesa pessoal (9.4%).

**Tabela 4** Proporção de indivíduos que reportam adotar os comportamentos aqui referidos por questões de segurança. O valor do  $p\text{-value}$  é resultante do  $X^2$ .

	Comportamentos	Amostra	Mulheres	Homens	P
<b>Comportamentos de evitamento</b>	Evita contactos com determinadas pessoas	79.4%	87.7%	72.3%	.006
	Evita determinadas ruas ou sítios	85.4%	92.5%	76.6%	.002
	Evita sair à noite	23%	34%	11.7%	.000
<b>Comportamentos de proteção</b>	Tem fechaduras de segurança ou alarmes na habitação	51.2%	49.1%	52.7%	.609
	Quando se ausenta de casa por 2 ou mais dias pede aos vizinhos para a vigiarem	33%	36.8%	29.0%	.246
	Costuma deixar a luz acesa quando sai à noite	29.6%	33.0%	29.6%	.266
<b>Comportamentos de autodefesa</b>	Tem armas de defesa pessoal	14.8%	8.5%	22.6%	.006
	Pratica desportos de defesa pessoal	9.4%	6.6%	12%	.191

Quando se comparam estes comportamentos em função do sexo encontram-se diferenças estatisticamente significativas na proporção de indivíduos que reporta adotar os seguintes comportamentos: evitar determinadas ruas ou sítios (92.5% nas mulheres e 76.6%

nos homens), evitar contactos com determinadas pessoas (87.7% nas mulheres e 72.3% nos homens), evitar sair à noite (34% nas mulheres e 11.7% nos homens) e ter armas de defesa pessoal (8.5% nas mulheres e 22.6% nos homens). Como é possível de verificar na tabela, nos comportamentos de proteção não há diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres na adoção desses comportamentos.

### ***Comportamentos adotados, idade e anos de escolaridade***

A tabela 5 representa a proporção de indivíduos da amostra que reportou adotar o conjunto de oito comportamentos por razões de segurança.

**Tabela 5** Proporção de indivíduos que reportam adotar os comportamentos listados por questões de segurança em função da idade e dos anos de escolaridade. O valor do *p-value* é resultante do  $X^2$ .

Comportamentos		Idade			Anos de escolaridade		
		< 32	≥ 32	<i>p</i>	<13	≥ 13	<i>p</i>
<b>Comportamentos de evitamento</b>	Evita contactos com determinadas pessoas	81.1%	77.9%	.601	71.0%	84.1%	.029
	Evita determinadas ruas ou sítios	90.9%	75.4%	.003	73.9%	91.0%	.001
	Evita sair à noite	17.6%	34.8%	.006	36.2%	16.7%	.002
<b>Comportamentos de proteção</b>	Tem fechaduras de segurança ou alarmes na habitação	40.5%	70.6%	.000	59.4%	45.8%	.067
	Quando se ausenta de casa por 2 ou mais dias pede aos vizinhos para a vigiarem	22.9%	52.9%	.000	49.3%	23.7%	.000
	Costuma deixar a luz acesa quando sai à noite	26.9%	36.2%	.173	33.3%	27.5%	.388
<b>Comportamentos de autodefesa</b>	Tem armas de defesa pessoal	11.5%	21.7%	.056	15.9%	14.5%	.787
	Pratica desportos de defesa pessoal	7.6%	9.8%	.600	4.5%	11.3%	.119

Relativamente à adoção de comportamentos por razões de segurança em função dos grupos de idade (menores de 32 e maiores de 32) vemos que existem algumas diferenças. Constatamos que existem diferenças com significado estatístico para os seguintes comportamentos. Em primeiro lugar, *evitar determinadas ruas ou sítios*, onde os indivíduos com idades inferiores a 32 anos adotam mais esta forma de evitamento (90.9%) em relação aos indivíduos com idades superiores a 32 anos (75.4%). Depois, *evitar sair à noite* onde 17.6% dos indivíduos com idades inferiores a 32 anos afirmam adotar este comportamento, enquanto que esta percentagem é maior nos indivíduos com idades superiores a 32 anos (34.8%). A mesma diferença estatisticamente significativa também se constata para os comportamentos *ter fechaduras de segurança ou alarmes na habitação*, onde 40.5% dos indivíduos com idades inferiores a 32 referem adotar esse comportamento, em relação a 70.6% dos sujeitos com idades superiores a 32 anos e para o comportamento *pedir aos vizinhos para vigiar a casa quando se ausenta por 2 ou mais dias*. Com efeito, os indivíduos com idades mais elevadas adotam este comportamento com mais frequência (52.9%) em relação aos individuo com idades inferiores (22.9%).

No que diz respeito à adoção de comportamentos por razões de segurança em função da variável anos de escolaridade, pode afirmar-se a existência de diferenças estatisticamente significativas para os todos os comportamentos de evitamento. Com efeito, os indivíduos com uma escolaridade superior evitam em maior proporção contactos com determinadas pessoas e determinadas ruas ou sítios. Todavia, são os indivíduos com menor escolaridade que evita mais sair à noite em relação aos indivíduos com maior escolaridade. Encontram-se ainda diferenças com significado estatístico para o comportamento *pedir aos vizinhos para vigiarem a sua casa quando se ausenta por 2 ou mais dias* onde a proporção de indivíduos que o fazem com menos anos de escolaridade (49.5%) é superior em relação aos indivíduos com escolaridade superior (23.7%).

### 2.2.2 Sentimento de insegurança e vitimação

Na tabela 6 encontramos os resultados relativos à descrição das variáveis constituintes do sentimento de insegurança em função da vitimação nos últimos 12 meses. O que se observa são as médias e os desvios padrões do medo do crime, perceção do risco de vitimação e adoção de comportamentos de segurança para as vítimas e não vítimas. Os *p-values* apresentados referem-se ao resultado do teste de Mann-Whitney para verificar a diferença de distribuições das variáveis.

**Tabela 6** Medo do crime, perceção do risco de vitimação e adoção de comportamentos em função da vitimação nos últimos 12 meses para amostra total e os dois sexos.

	Amostra total ( $\bar{x} \pm S.D$ )			Sexo feminino ( $\bar{x} \pm S.D$ )			Sexo masculino ( $\bar{x} \pm S.D$ )		
	NV	V	<i>p</i>	NV <sup>1</sup>	V	<i>p</i>	NV	V	<i>p</i>
<b>Medo do crime</b>	2.26±.69	2.41±.70	.13	2.49±.69	2.64±.75	.25	1.97±.58	2.14±.52	.11
<b>Perceção do risco</b>	2.42±.73	2.68±.67	.03	2.42±.70	2.82±.68	.01	2.39±.78	2.45±.56	.74
<b>Comportamento</b>	3.08±1.34	3.37±1.28	.25	3.27±1.32	3.65±1.20	.24	2.86±1.35	3.07±1.36	.63

<sup>1</sup> NV significa não vítima, enquanto V significa vítima de crime nos últimos 12 meses.

No que diz respeito à variável emocional do sentimento de insegurança (*medo do crime*), verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas de médias nos indivíduos que não foram vitimados em relação aos que já foram, tanto na amostra global como nos dois sexos. Todavia, encontra-se uma tendência transversal à amostra total, homens e mulheres, mais concretamente o facto de as médias de medo do crime serem superiores nos indivíduos que já foram vitimados. A título de exemplo, nas mulheres, a média do medo do crime das pessoas que já foram vítimas é de 2.64 enquanto que a média nas não vítimas é de 2.49 e, portanto, inferior. Nos homens, o mesmo ocorre: os que não foram vítimas apresentam

um valor médio de medo do crime de 1.97, enquanto que os que foram têm uma média mais elevada ( $X=2.14$ ). Todavia, como já foi referido, estas diferenças não atingem significado estatístico.

Vejamos agora os resultados que concernem à *perceção do risco de vitimação*. Verifica-se que na amostra total e nas mulheres as diferenças que se encontram nas distribuições desta variável nas pessoas que foram vítimas e que não foram são estatisticamente significativas. Na amostra total, os sujeitos que foram vítimas têm uma média superior ( $X=2.68$ ) em relação aos que não foram vítimas de crime nos últimos 12 meses ( $X=2.42$ ). Nas mulheres, também as que foram vítimas têm uma média mais elevada ( $X=2.82$ ) em relação às que não foram vítimas de crimes ( $X=2.42$ ). Já nos indivíduos do sexo masculino não existem diferenças estatisticamente significativas a assinalar, todavia, a média da perceção do risco de vitimação é superior nos que foram vítimas em relação aos que não foram, como se constata na tabela. Finalmente, observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nas médias de adoção de comportamentos em função da vitimação. Não obstante, as médias dos indivíduos que foram vítimas são superiores em relação aos que não foram vítimas nos últimos 12 meses, sendo que tal se verifica tanto para a amostra total, como para o sexo feminino e masculino.

### 2.2.2.1 Adoção de comportamentos e vitimação

Na seguinte tabela (7) pretende-se aprofundar a descrição da variável comportamental do sentimento de insegurança, percebendo as diferenças nas proporções de adoção de comportamentos em função da vitimação.

**Tabela 7** Proporção de indivíduos que adotaram comportamentos por razões de segurança em função da vitimação nos últimos 12 meses para o sexo feminino, masculino e amostra total.

	Amostra Total			Sexo feminino			Sexo masculino		
	NV	V	P	NV <sup>1</sup>	V	p	NV	V	p
<b>Comportamentos</b>									
Evita contactos com determinadas pessoas	78.4%	87.1%	.16	86.9%	90.3%	.63	69.4%	86.2%	.09
Evita determinadas ruas ou sítios	83.9%	91.9%	.14	91.9%	96.8%	.37	73.5%	86.2%	.19
Evita sair à noite	19.8%	22.6%	.67	27.9%	35.5%	.45	10.2%	10.3%	.98
<b>Fechaduras ou alarmes</b>	45.9%	51.6%	.47	43.5%	48.4%	.66	47.9%	51.7%	.75
Pedir aos vizinhos para vigiar a casa quando se ausenta por 2 ou mais dias	33%	26.2%	.35	35.5%	33.3%	.84	30.6%	17.2%	.19
Deixar a luz acesa quando sai à noite	28.8%	27.9%	.89	30.6%	40.0%	.37	27.1%	17.2%	.32
<b>Armas de defesa pessoal</b>	14.4%	14.8%	.95	8.1%	10.0%	.76	22.9%	20.7%	.82
Praticar desportos de defesa pessoal	5.4%	16.1%	.02	4.8%	12.9%	.17	6.2%	17.2%	.13

Em primeiro lugar, constatamos que o *p-value* é apenas significativo para a resposta *pratica desportos de defesa pessoal*. Com efeito, os indivíduos que foram vítimas de crime nos últimos 12 meses afirmam em maior proporção praticar desportos de defesa pessoal. Isto significa que este comportamento e a vitimação não são independentes entre si. Apesar de só existir esta diferença com significado estatístico, verificamos que, tendencialmente, nos comportamentos de evitamento, tanto na amostra total como nos dois sexos as proporções de adoção destes comportamentos são superiores nos indivíduos que foram vítimas nos últimos 12 meses.

### **3. Caracterização da amostra segundo a Personalidade**

Passemos agora para a análise descritiva das variáveis da personalidade – neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e a desejabilidade social. Estas quatro dimensões fazem parte do EPQ-RS utilizado nesta investigação.

#### **3.1. Consistência interna**

Antes de se proceder à análise propriamente dita, importa considerar a consistência interna de cada uma das variáveis criadas a partir dos itens do EPQ-RS. Assim sendo, o  $\alpha$  de Cronbach do neuroticismo é relativamente elevado, tendo um valor de .794. Por sua vez, a extroversão tem um  $\alpha$  de .805, enquanto que a escala do psicoticismo obteve uma consistência interna muito baixa ( $\alpha=.366$ ). Por último, a escala de desejabilidade social obteve uma consistência interna semelhante à do neuroticismo e extroversão, com um  $\alpha$  de .724.

#### **3.2. Personalidade e variáveis sociodemográficas**

A tabela 8 apresenta os resultados descritivos referentes às variáveis constituintes da personalidade segundo Eysenck – neuroticismo, extroversão e psicoticismo social, assim como a desejabilidade social que é parte integrante do EPQ-RS. Mais concretamente, são apresentadas as médias e desvios padrões segundo o sexo, idade e escolaridade.

Quanto ao *neuroticismo*, observa-se que o nível médio desta variável é superior nos indivíduos do sexo feminino ( $X=6.01$ ) em relação aos indivíduos do sexo masculino ( $X=3.91$ ). Através do teste Mann-Whitney<sup>18</sup> constata-se que as distribuições da variável neuroticismo para o sexo feminino e masculino são estatisticamente diferentes (*p-value*= 0.00). Nas restantes variáveis sociodemográficas em análise (idade e escolaridade), não se observam

---

<sup>18</sup> Optou-se por este teste na medida e que as variáveis que constituem o EPQ-RS não seguem, na nossa amostra, uma distribuição normal.

diferenças estatisticamente significativas, apesar de se verificar que a média de neuroticismo nos indivíduos com idade inferior a 32 anos é superior ( $X=5.38$ ) em relação aos indivíduos com idades superiores a 32 anos ( $X=4.43$ ). Por sua vez, como se constata pela tabela, os indivíduos com mais anos de escolaridade têm níveis mais elevados de neuroticismo mas esta diferença não atinge significado estatístico.

**Tabela 8** Médias e desvios padrões das dimensões da personalidade (neuroticismo, extroversão, psicoticismo) e da desejabilidade social em função do sexo, idade e anos de escolaridade.

Variáveis	Amostra Total	Sexo feminino	Sexo masculino	Idade (anos)		Anos de escolaridade	
				<32	≥32	≤13	≥13
Neuroticismo	5.02±2.99	6.01±3.0**	3.91±2.57**	5.38±3.10	4.43±2.71	4.72±2.72	5.22±3.13
Extroversão	8.89±2.83	8.54±2.77*	9.24±2.91*	9.08±2.78	8.54±2.94	8.43±3.00	9.16±2.66
Psicoticismo	2.56±1.50	2.40±1.34	2.74±1.68	2.71±1.53	2.29±1.43	2.61±1.66	2.53±1.44
Desejabilidade Social	6.56±2.71	6.90±2.57	6.07±2.80	5.61±2.33*	8.13±2.58*	8.21±2.42*	5.61±2.38*

<sup>1</sup> X corresponde ao valor médio e SD corresponde ao desvio padrão. Os valores para as dimensões aqui representadas variam entre 0 e 12. O asterisco (\*) corresponde à existência de diferenças estatisticamente significativas das distribuições para um  $\alpha=0.05$  e (\*\*) corresponde a um  $\alpha=0.01$ .

Quanto à variável *extroversão*, verifica-se que o valor médio é mais alto nos indivíduos do sexo masculino ( $X=9.24$ ) em relação às mulheres ( $X=8.54$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p\text{-value}=0.030$ ). Através da tabela também é possível verificar que os indivíduos com idades inferiores a 32 anos têm um nível médio superior para esta dimensão em relação a indivíduos com idades superiores a 32 anos, porém, esta diferença não é significativa ( $p\text{-value}=0.086$ ). Por sua vez, observa-se que o nível médio de extroversão nos indivíduos com mais anos de escolaridade é superior em relação aos indivíduos com menos anos de escolaridade, todavia, as diferenças não atingem significado estatístico ( $p\text{-value}=0.117$ ).

Em relação à variável *psicoticismo*, verifica-se que as médias tanto em ambos os sexos como na amostra total são relativamente baixas. Comparando o sexo feminino e masculino, percebemos que as diferenças são residuais e não significativas estatisticamente ( $p\text{-value}=0.226$ ). Em relação à comparação entre os grupos de idade, o que se constata é que nos indivíduos com idades inferiores a 32 anos a média de psicoticismo é superior, mas esta diferença não é significativa ( $p\text{-value}=0.174$ ).

Por último, no que toca à variável *desejabilidade social*, existem diferenças entre os dois sexos. Com efeito, o valor médio de desejabilidade social é superior nas mulheres ( $X=6.90$ ) em relação aos homens ( $X=6.07$ ). Para o teste realizado, verifica-se que o  $p\text{-value}$  é

de .054, o que significa que está praticamente na zona de rejeição da hipótese de que a distribuição de desejabilidade social é igual em função dos dois sexos. No que diz respeito aos valores médios de desejabilidade social em função da idade, é visível que os indivíduos com idades superiores a 32 anos têm um valor médio bastante superior ( $X=8.12$ ) em relação aos indivíduos com idades inferiores ( $X=5.61$ ), sendo esta diferença estatisticamente significativa ( $p\text{-value}=0.000$ ). Por último, no que concerne aos anos de escolaridade, constata-se que a média da desejabilidade social em indivíduos com escolaridade inferior a 13 anos é superior ( $X=8.21$ ) em relação aos indivíduos com escolaridade superior a 12 anos ( $X=5.61$ ), atingindo esta diferença significado estatístico ( $p\text{-value}=0.000$ ).

### 3.3. Personalidade e vitimação

Na próxima tabela (9) apresentam-se as médias das dimensões da personalidade e da desejabilidade social em função da vitimação. Os valores do  $p\text{-value}$  são resultantes do teste de Mann-Whitney.

**Tabela 9** Médias e desvios-padrões do neuroticismo, extroversão, psicoticismo e desejabilidade social em função da vitimação nos últimos 12 meses.

	Amostra total ( $\bar{X} \pm S.D$ )			Sexo feminino ( $\bar{X} \pm S.D$ )			Sexo masculino ( $\bar{X} \pm S.D$ )		
	NV	V	<i>p</i>	NV <sup>1</sup>	V	<i>p</i>	NV	V	<i>p</i>
Neuroticismo	5.14±2.96	4.97±2.99	.649	6.37±2.75	5.83±3.33	.385	3.67±2.51	4.22±2.33	.260
Extroversão	8.87±3.03	9.03±2.62	.889	8.15±2.96	9.23±2.54	.107	9.76±2.93	8.75±2.80	.030
Psicoticismo	2.64±1.44	2.46±1.49	.392	2.45±1.41	2.63±1.24	.607	2.90±1.46	2.26±1.77	.089
Desejabilidade Social	6.29±2.63	6.45±2.83	.555	6.48±2.51	6.90±2.49	.303	6.04±2.80	5.72±3.00	.642

Constata-se que, na amostra total, não existem diferenças estatisticamente significativas nas médias das dimensões para os indivíduos vitimados e não vitimados, dado o valor de  $p\text{-value}$  ser superior a 0.05 para todas as variáveis. Depois, nos sujeitos do sexo feminino, também não se observam diferenças que atinjam o significado estatístico. Todavia, nos sujeitos de sexo masculino, os indivíduos que não foram vítimas têm uma média mais elevada no psicoticismo ( $X=2.26$ ) em relação aos que não foram vitimados ( $X=2.90$ ). Apesar de esta diferença não atingir o significado estatístico, o valor de  $p\text{-value}$  encontra-se perto da zona de não rejeição ( $p\text{-value}=0.089$ ). Observa-se, ainda, uma diferença com significado estatístico ( $p\text{-value}=0.030$ ) para a dimensão da personalidade extroversão onde, os indivíduos que não foram vítimas têm uma média de extroversão superior ( $X=9.76$ ) em relação aos que foram vítimas nos últimos 12 meses ( $X=8.75$ ).



#### 4. Caracterização da amostra segundo as emoções disposicionais

##### 4.1. Consistência interna

A tabela com as emoções, itens que lhes deram origem e a consistência interna de cada escala encontra-se no anexo II. A escala da timidez ( $\alpha=.811$ ) e da auto-hostilidade ( $\alpha=.807$ ) têm os alfas mais elevados, seguidos da tristeza ( $\alpha=.783$ ), medo ( $\alpha=.761$ ), alegria ( $\alpha=.688$ ), interesse ( $\alpha=.655$ ) desprezo ( $\alpha=.661$ ), surpresa ( $\alpha=.622$ ), repulsa ( $\alpha=.612$ ) e a ira ( $\alpha=.606$ ). Por último, as escalas da vergonha ( $\alpha=.559$ ) e da culpa ( $\alpha=.500$ ) têm os alfas mais baixos.

##### 4.2. Emoções disposicionais, sexo, idade e anos de escolaridade

Passemos agora para a análise das médias e desvios padrões das emoções em função das variáveis demográficas sexo, idade e anos de escolaridade (tabela 10)

**Tabela 10** Médias e desvios padrões das emoções disposicionais em função do sexo, amostra total, idade e escolaridade. As médias das emoções variam entre 1 e 5.

	Amostra Total	Sexo feminino	Sexo masculino	$p^1$	Idade		$p$	Anos de escolaridade		$p$
	X $\pm$ SD	X $\pm$ SD	X $\pm$ SD	-	<32	$\geq 32$	-	<13	$\geq 13$	-
Interesse	3.23 $\pm$ .75	3.20 $\pm$ .80	3.27 $\pm$ .70	.36	3.38 $\pm$ .72	2.99 $\pm$ .76	.00	2.95 $\pm$ .67	3.39 $\pm$ .73	.00
Alegria	3.29 $\pm$ .67	3.26 $\pm$ .71	3.33 $\pm$ .64	.48	3.41 $\pm$ .64	3.11 $\pm$ .67	.00	3.08 $\pm$ .65	3.41 $\pm$ .65	.00
Surpresa	2.34 $\pm$ .69	2.43 $\pm$ .61	2.23 $\pm$ .75	.02	2.44 $\pm$ .65	2.18 $\pm$ .69	.00	2.15 $\pm$ .63	2.45 $\pm$ .69	.00
Tristeza	1.95 $\pm$ .77	2.18 $\pm$ .82	1.69 $\pm$ .61	.00	2.00 $\pm$ .77	1.88 $\pm$ .77	.12	1.90 $\pm$ .75	1.99 $\pm$ .78	.43
Ira	1.78 $\pm$ .60	1.84 $\pm$ .62	1.70 $\pm$ .56	.12	1.83 $\pm$ .64	1.68 $\pm$ .52	.23	1.71 $\pm$ .54	1.81 $\pm$ .63	.38
Repulsa	1.69 $\pm$ .64	1.75 $\pm$ .72	1.63 $\pm$ .53	.56	1.68 $\pm$ .69	1.72 $\pm$ .69	.91	1.70 $\pm$ .67	1.68 $\pm$ .61	.91
Desprezo	1.57 $\pm$ .66	1.54 $\pm$ .61	1.62 $\pm$ .72	.59	1.64 $\pm$ .73	1.47 $\pm$ .51	.38	1.47 $\pm$ .52	1.64 $\pm$ .72	.22
Medo	1.79 $\pm$ .73	1.99 $\pm$ .79	1.56 $\pm$ .57	.00	1.90 $\pm$ .73	1.62 $\pm$ .70	.00	1.64 $\pm$ .69	1.88 $\pm$ .74	.01
Vergonha	1.92 $\pm$ .68	2.02 $\pm$ .71	1.82 $\pm$ .63	.06	2.05 $\pm$ .71	1.71 $\pm$ .58	.00	1.68 $\pm$ .55	2.05 $\pm$ .71	.00
Timidez	1.82 $\pm$ .79	2.00 $\pm$ .89	1.65 $\pm$ .62	.01	1.98 $\pm$ .84	1.58 $\pm$ .62	.00	1.65 $\pm$ .64	1.93 $\pm$ .85	.03
Culpa	1.84 $\pm$ .60	1.85 $\pm$ .62	1.85 $\pm$ .58	.70	1.88 $\pm$ .60	1.78 $\pm$ .59	.50	1.81 $\pm$ .60	1.86 $\pm$ .60	.60
Auto-hostilidade	1.60 $\pm$ .72	1.73 $\pm$ .84	1.45 $\pm$ .53	.02	1.67 $\pm$ .76	1.48 $\pm$ .66	.06	1.47 $\pm$ .55	1.64 $\pm$ .74	.11

<sup>1</sup> Os p-values apresentados na tabela são resultantes do teste de diferença de distribuições (Mann-Whitney). Consideram-se significativos abaixo de 0.05.

Em primeiro lugar, para a variável *sexo*, encontramos diferenças estatisticamente significativas nas médias das emoções surpresa, tristeza, medo, timidez e auto-hostilidade. Com efeito, em todas estas emoções referidas, o *p-value* é inferior a 0.05. No que diz respeito à emoção positiva surpresa, observa-se que a média desta é superior nas mulheres em relação aos homens. Na emoção negativa tristeza, a média é superior nas mulheres ( $X=2.18$ ) em relação aos indivíduos do sexo masculino ( $X=1.69$ ). Na emoção disposicional medo, também as mulheres têm médias mais elevadas ( $X=1.99$ ) em relação aos homens ( $X=1.56$ ). Seguidamente, na emoção timidez, novamente os sujeitos do sexo feminino têm uma média mais elevada ( $X=2.00$ ) em relação aos homens ( $X=1.65$ ). Por último, observa-se a mesma tendência para a emoção negativa de auto-hostilidade, onde as mulheres têm níveis mais elevados desta emoção em relação aos homens, sendo esta diferença, como já foi supra referido, estatisticamente significativa.

Analisando agora as emoções em função da *idade*, constata-se que existem diferenças estatisticamente significativas para as emoções interesse, alegria, surpresa, medo, vergonha e timidez. Em relação às emoções positivas (interesse, alegria e surpresa), interessantemente verifica-se que os valores médios destas são superiores nos indivíduos com idades inferiores a 32 anos em relação aos indivíduos com mais de 32 anos, tal como se constata pela tabela. Todavia, o mesmo acontece nas emoções disposicionais negativas referidas. Senão vejamos. Para a variável medo, o valor médio nos indivíduos mais novos é de  $X=1.90$ , enquanto que nos indivíduos mais velhos é de  $X=1.62$ . Seguidamente, na emoção vergonha, o valor médio é superior nos indivíduos com menos de 32 anos ( $X=2.05$ ) em relação aos indivíduos com mais de 32 anos ( $X=1.71$ ). Na emoção timidez, também os indivíduos mais novos têm um valor médio mais elevado ( $X=1.98$ ) em relação aos indivíduos mais velhos ( $X=1.58$ ).

Relativamente à análise das emoções em função dos anos de escolaridade, também se verificam diferenças estatisticamente significativas para as emoções interesse, alegria, surpresa, tristeza, desprezo, medo e timidez. Nas emoções positivas (interesse, alegria e surpresa), há uma tendência interessante, isto é, nos indivíduos com mais anos de escolaridade (superior a 13 anos) há um valor médio superior nestas emoções. Além disso, o mesmo acontece para as emoções negativas, isto é, a média de emoções negativas é superior nos indivíduos com mais anos de escolaridade em relação aos sujeitos com menos anos de escolaridade.

### 4.3. Emoções disposicionais e vitimação

Com o objetivo de se completar a descrição da amostra segundo as emoções, importa observar a seguinte tabela onde se analisa as emoções de acordo com a vitimação (tabela 11). Ou seja, as médias e desvios-padrões das emoções para os indivíduos vitimados e não vitimados.

**Tabela 11** Médias e desvios padrões das emoções disposicionais em função da vitimação nos últimos meses para a amostra total, sexo feminino e sexo masculino.

Emoções	Amostra total ( $\bar{x} \pm S.D$ )			Sexo feminino ( $\bar{x} \pm S.D$ )			Sexo masculino ( $\bar{x} \pm S.D$ )		
	NV	V	<i>p</i>	NV <sup>1</sup>	V	<i>p</i>	NV	V	<i>p</i>
Interesse	3.27±.74	3.26±.75	.94	3.20±.79	3.35±.84	.33	3.36±.69	3.18±.66	.25
Alegria	3.36±.67	3.29±.67	.57	3.30±.69	3.30±.77	.82	3.44±.63	3.29±.57	.22
Surpresa	2.33±.70	2.38±.64	.44	2.38±.63	2.58±.58	.07	2.24±.78	2.18±.59	.90
Tristeza	1.97±.73	1.97±.84	.75	2.19±.71	2.26±.98	.83	1.68±.65	1.70±.55	.63
Ira	1.78±.60	1.81±.63	.86	1.87±.58	1.85±.72	.57	1.64±.58	1.77±.56	.26
Repulsa	1.66±.58	1.77±.74	.57	1.70±.64	1.90±.88	.50	1.62±.51	1.67±.56	.76
Desprezo	1.60±.69	1.58±.64	.92	1.56±.59	1.58±.70	.82	1.65±.58	1.58±.61	.88
Medo	1.78±.66	1.88±.86	.66	1.97±.69	2.13±.98	.66	1.51±.52	1.69±.66	.31
Vergonha	1.94±.71	1.97±.65	.64	2.11±.74	2.01±.66	.98	1.73±.60	1.94±.64	.33
Timidez	1.84±.83	1.88±.74	.51	2.05±.95	2.05±.82	.84	1.59±.57	1.75±.63	.15
Culpa	1.84±.59	1.89±.62	.64	1.87±.60	1.89±.68	.98	1.82±.59	1.93±.54	.27
Auto-hostilidade	1.57±.60	1.72±.97	.94	1.68±.63	1.98±1.21	.94	1.45±.56	1.48±.55	.69

A constatação que se pode realizar é a inexistência de diferenças estatisticamente significativas nos valores médios das emoções de acordo com os indivíduos que foram e que não foram vitimados. Com efeito, tal se verifica não só para a amostra total, mas também nos dois sexos. Na realidade, a única emoção em que o *p-value* se encontra próximo da zona de rejeição (*p-value*=.07) é na emoção surpresa e no sexo feminino. Mais concretamente, os indivíduos que foram vitimados têm um nível mais elevado de surpresa do que os que não foram vitimados. Porém, esta diferença não atinge o significado estatístico.

## 5. Relações entre variáveis

Após termos caracterizado a amostra, importa agora percebermos as relações existentes entre as variáveis do estudo. Na apresentação dos resultados, destacaremos as correlações significativas.

### 5.1. Relação entre sentimento de insegurança e variáveis sociodemográficas

A tabela em que se apresentam os dados das correlações entre as variáveis para a amostra total encontra-se no anexo III. Da mesma tabela, importa enunciar as correlações *significativas* encontradas. Assim, destaca-se a correlação positiva entre o medo do crime e a percepção do risco de vitimação ( $r=.49$ ), entre o medo do crime e a adoção dos comportamentos de segurança ( $r=.35$ ) e entre a percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos de segurança ( $r=.22$ ). Seguidamente, verifica-se também que o medo do crime correlaciona-se negativamente com os anos de escolaridade ( $r= -.23$ ) mas não se correlaciona com a idade ( $r=.01$ ). A percepção do risco de vitimação correlaciona-se positivamente com a idade ( $r=.17$ ) mas negativamente com os anos de escolaridade ( $r= -.17$ ). O mesmo se verifica com a adoção de comportamentos que se correlaciona positivamente com a idade ( $r=.17$ ) mas negativamente com os anos de escolaridade ( $r= -.17$ ). Por sua vez, o sexo correlaciona-se negativamente com o medo do crime ( $r= -.33$ ) e com a adoção de comportamentos ( $r= -.16$ ). Já o risco percebido não se correlaciona com o sexo<sup>19</sup>.

Analisemos agora as correlações diferenciando o sexo feminino e masculino. Na tabela 12 encontram-se as correlações entre as dimensões de insegurança e as variáveis sociodemográficas para o sexo feminino. Observa-se que o medo do crime se correlaciona positivamente com a percepção do risco de vitimação ( $r=.41$ ), com a adoção de comportamentos ( $r=.33$ ) e, negativamente, com os anos de escolaridade ( $r= -.32$ ). Ou seja, os indivíduos do sexo feminino mais medrosos são os que têm menos anos de escolaridade.

Por sua vez, constata-se que a percepção do risco de vitimação não se correlaciona de forma estatisticamente significativa com a adoção de comportamentos no sexo feminino ( $r=.12$ ), mas também não existe correlação entre a percepção do risco de vitimação e as variáveis sociodemográficas em análise (idade e anos de escolaridade).

---

<sup>19</sup> Para realizarmos a correlação entre o sexo (variável dicotómica) e as dimensões do sentimento de insegurança utilizamos o coeficiente de correlação de Pearson que é equivalente ao coeficiente Point Bi-Serial  $r_{pb}$ . Dado que o sexo feminino está categorizado como “1” e o sexo masculino como “2”, uma correlação negativa entre, por exemplo, o sexo e o medo do crime significa que os indivíduos do sexo masculino experienciam níveis mais baixos de medo do crime.

**Tabela 12** Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime, percepção do risco de vitimação e comportamento) e as variáveis sociodemográficas para o sexo feminino.

	1	2	3	4	5
<b>1.Medo do crime</b>	-	<b>.41**</b>	<b>.33**</b>	.14	<b>-.32**</b>
<b>2.Percepção do risco</b>	-	-	.15	.12	-.11
<b>3.Comportamento</b>	-	-	-	.21*	<b>-.21*</b>
<b>4.Idade</b>	-	-	-	-	<b>-.23*</b>
<b>5. Anos de escolaridade</b>	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

No que diz respeito aos comportamentos adotados pelos indivíduos do sexo feminino, verifica-se que existe uma correlação positiva entre estes e a idade ( $r=.21$ ) mas negativa com os anos de escolaridade ( $r=-.21$ ).

Atentemos agora à seguinte tabela (13) onde se encontram as correlações que dizem respeito ao sexo masculino. Observa-se que a correlação entre o medo do crime e a percepção do risco de vitimação é positiva ( $r=.58$ ), assim como a correlação entre o primeiro e a adoção de comportamentos por razões de segurança ( $r=.31$ ). O medo do crime no sexo masculino correlaciona-se ainda de forma negativa com os anos de escolaridade ( $r= -.26$ ) mas, tal como se verificou no sexo feminino, não existe correlação entre medo do crime e idade ( $r=.07$ ). Ao contrário do que se verificou para o sexo feminino (inexistência de correlação entre percepção do risco de vitimação e adoção de comportamentos), essa correlação para o sexo masculino existe e é positiva ( $r=.26$ ). Para além disso, a percepção do risco de vitimação correlaciona-se de forma positiva com a idade ( $r=.32$ ), ou seja, os indivíduos mais velhos percecionam mais risco de vitimação, mas negativamente com os anos de escolaridade ( $r= -.27$ ). Por sua vez, a adoção de comportamentos também se correlaciona de forma positiva com a idade ( $r=.24$ ) e, portanto, os indivíduos do sexo masculino mais velhos adotam mais comportamentos, porém, não se encontra uma correlação entre adoção de comportamentos e os anos de escolaridade. Note-se que no sexo feminino existia uma correlação entre esta variável e os anos de escolaridade, que era negativa.

**Tabela 13** Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime, percepção do risco de vitimação e comportamento) e as variáveis sociodemográficas para o sexo masculino.

	1	2	3	4	5
<b>1.Medo do crime</b>	-	<b>.58**</b>	<b>.31**</b>	.07	<b>-.26*</b>
<b>2.Percepção do risco</b>	-	-	<b>.26*</b>	<b>.32**</b>	<b>-.27**</b>
<b>3.Comportamentos</b>	-	-	-	<b>.24**</b>	-.13
<b>4.Idade</b>	-	-	-	-	<b>-.39**</b>
<b>5. Anos de escolaridade</b>	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

### 5.1.1. Relação entre sentimento de insegurança e variáveis sociodemográficas controlando para a desejabilidade social

Dado que a desejabilidade social pode ser um fator que influencie a correlação entre as variáveis, importa agora atentar às seguintes tabelas nas quais se operaram as correlações parciais entre as variáveis anteriores (sentimento de insegurança e sociodemográficas) controlando para a desejabilidade social.

**Tabela 14** Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime, percepção do risco de vitimação e comportamento) e as variáveis sociodemográficas controlando para a desejabilidade social no sexo feminino.

	1	2	3	4	5
<b>1.Medo do crime</b>	-	<b>.37**</b>	<b>.23*</b>	.02	<b>-.22*</b>
<b>2.Percepção do risco</b>	-	-	.04	.01	-.00
<b>3.Comportamento</b>	-	-	-	.03	-.02
<b>4.Idade</b>	-	-	-	-	-.05
<b>5. Anos de escolaridade</b>	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

Atentando-se à tabela 14, verifica-se que quando se controlam as correlações entre as referidas variáveis para a desejabilidade social no sexo feminino, a correlação entre o medo do crime e a percepção do risco de vitimação mantém-se positiva ( $r=.37$ ), assim como a correlação entre o medo do crime e a adoção de comportamentos ( $r=.23$ ). A correlação entre o medo do crime e os anos de escolaridade mantém-se negativa ( $r=-.22$ ). Por sua vez, a percepção do risco de vitimação não se correlaciona nem com a adoção de comportamentos nem com nenhuma das variáveis sociodemográficas, tal como já anteriormente acontecia. No entanto, se existia uma correlação positiva entre a adoção de comportamentos e a idade e uma

correlação negativa entre a adoção de comportamentos e os anos de escolaridade para o sexo feminino, estas deixam de existir após se controlar para a desejabilidade social.

**Tabela 15** Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança (medo do crime, risco de vitimação e comportamento) e as variáveis sociodemográficas controlando para a desejabilidade social no sexo masculino.

	1	2	3	4	5
<b>1.Medo do crime</b>	-	.55**	.29**	-.06	-.14
<b>2.Percepção do risco</b>	-	-	.25*	.24*	-.17
<b>3.Comportamento</b>	-	-	-	.22*	-.09
<b>4.Idade</b>	-	-	-	-	-.22*
<b>5. Anos de escolaridade</b>	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

Por sua vez, atentando-se à tabela 15, constata-se que quando se controlam as correlações entre o sentimento de insegurança e as variáveis sociodemográficas para a desejabilidade social no sexo masculino, observam-se algumas alterações. Senão vejamos. Enquanto que a correlação positiva entre o medo do crime e o risco percebido e entre o primeiro e a adoção de comportamentos se mantém quase constante, a correlação que existia entre o medo do crime e os anos de escolaridade deixa de ter significado estatístico. Por sua vez, a correlação negativa entre a percepção do risco de vitimação e os anos de escolaridade deixa de ter significado estatístico.

## 5.2.Relação entre a personalidade e as variáveis sociodemográficas

Atentemos à tabela 16 onde se encontram as correlações entre as dimensões da personalidade e as variáveis sociodemográficas. Vejamos as correlações significativas. Em primeiro lugar, através da tabela 16 observa-se que o neuroticismo se correlaciona de negativamente com a extroversão ( $r = -.29$ ) com a idade ( $r = -.18$ ) e, igualmente, de forma negativa com o sexo ( $r = -.36$ ). A dimensão da personalidade “psicoticismo” não se correlaciona nem com as outras dimensões da personalidade nem com nenhuma das variáveis sociodemográficas. Por sua vez, verifica-se que a desejabilidade social se correlaciona com a idade ( $r = .39$ ), o que significa que são os indivíduos mais velhos que respondem mais desejavelmente, e correlaciona-se negativamente com os anos de escolaridade, ou seja, os indivíduos com menos anos de escolaridade reportam mais desejabilidade social. Em último lugar, constata-se uma correlação negativa entre a desejabilidade social e o sexo, significando que os homens apresentam níveis mais baixos de desejabilidade social.

**Tabela 16** Correlações entre as dimensões da personalidade, a desejabilidade social e as variáveis demográficas (idade e anos de escolaridade).

	1	2	3	4	5	6	7
1.Neuroticismo	-	-.29**	-.00	-.92	-.18*	-.06	-.36**
2.Extroversão	-	-	-.04	-.10	-.08	.12	.12
3.Psicoticismo	-	-	-	-.10	-.03	.02	.11
4.Desejabilidade Social	-	-	-	-	.39**	-.48**	-.15*
5. Idade	-	-	-	-	-	-	-
6. Anos de escolaridade	-	-	-	-	-	-	-
7.Sexo	-	-	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

### 5.3. Personalidade e sentimento de insegurança

Analiseemos agora as relações existentes entre as dimensões da personalidade, a desejabilidade social e o sentimento de insegurança. A tabela com as correlações para a amostra geral encontra-se no anexo IV. Nesta tabela, verifica-se que o medo do crime se correlaciona positivamente o neuroticismo ( $r=.23$ ) e com a desejabilidade social ( $r=.29$ ). Por sua vez, a percepção do risco de vitimação correlaciona-se negativamente com o psicoticismo ( $r= -.15$ ) e com a desejabilidade social ( $r=.27$ ). Por último, a adoção de comportamentos correlaciona-se negativamente com o psicoticismo ( $r= -.28$ ) e positivamente com a desejabilidade social ( $r=.30$ ).

Dado que uma das questões importantes do estudo é a relação entre a personalidade e o medo do crime e tendo-se averiguado uma correlação positiva entre o medo do crime e a personalidade, importa verificar que esta correlação é moderada para a desejabilidade social. Após ter-se realizado a *correlação parcial* entre neuroticismo e medo do crime controlando para a desejabilidade social, verificou-se que esta se manteve positiva e se tornou mais elevada ( $r= .25$ ).

#### 5.3.1. Relação entre personalidade e sentimento de insegurança para os dois sexos

Relativamente aos indivíduos do sexo feminino (tabela 17), verifica-se a existência de uma correlação entre o medo do crime e a desejabilidade social ( $r=.29$ ) mas a correlação que se encontrava entre o medo do crime e neuroticismo na amostra total aqui já não se observa. Por outro lado, a correlação positiva entre a desejabilidade social e a percepção do risco de



vitimação é positiva ( $r=.25$ ), assim como a correlação entre a desejabilidade social e a adoção de comportamentos ( $r=.44$ ).

**Tabela 17** Correlação entre sentimento de insegurança, dimensões da personalidade e desejabilidade social para o sexo feminino.

	Neuroticismo	Extroversão	Psicoticismo	Desejabilidade Social
<b>Medo do crime</b>	.16	-.08	.12	<b>.29**</b>
<b>Percepção do risco</b>	.07	-.19	.03	<b>.25*</b>
<b>Comportamento</b>	-.15	.03	-.19	<b>.44**</b>

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

Realizando agora a mesma análise para o sexo masculino, observam-se alguns dados relevantes (tabela 18). Com efeito, enquanto que no sexo feminino não existia uma correlação entre risco de vitimação e psicoticismo, no sexo masculino a correlação existente é negativa ( $r= -.29$ ), tal significando que os indivíduos que têm níveis mais elevados de psicoticismo percebem menos risco de vitimação no próximo ano.

**Tabela 18** Correlação entre sentimento de insegurança, dimensões da personalidade e desejabilidade social para o sexo masculino.

	Neuroticismo	Extroversão	Psicoticismo	Desejabilidade Social
<b>Medo do crime</b>	.17	-.03	-.17	<b>.28**</b>
<b>Percepção do risco</b>	.06	-.07	<b>-.29**</b>	<b>.25**</b>
<b>Comportamento</b>	.09	-.03	<b>-.32**</b>	.11

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

Outro dado interessante que se observa é que também existe uma correlação negativa entre a adoção de comportamentos e o psicoticismo ( $r=-.32$ ), ou seja, os indivíduos do sexo masculino que têm níveis mais elevados de psicoticismo são os que referem adotar menos comportamentos por razões de segurança.

Mas será que estas correlações encontradas no sexo masculino se alteram quando se controla para a desejabilidade social? Após a realização das correlações parciais controlando para esta variável, percebe-se que a *correlação entre a percepção do risco de vitimação e o psicoticismo* se mantém quase constante ( $r= -.27$ ) com significado estatístico ( $p\text{-value}=.012$ ), assim como a *correlação entre a adoção de comportamentos e o psicoticismo* ( $r= -.31$ ) igualmente com significado estatístico ( $p\text{-value}=.004$ ).

#### 5.4. Relação entre emoções disposicionais e variáveis sociodemográficas<sup>20</sup>

Através da seguinte tabela (19) é possível verificar as correlações entre as emoções disposicionais e as variáveis sociodemográficas. Destaquemos as que se correlacionam de forma estatisticamente significativa. A emoção interesse correlaciona-se negativamente com a idade ( $r = -.21$ ) e positivamente com os anos de escolaridade ( $r = .30$ ). Por sua vez, a alegria correlaciona-se negativamente com a idade ( $r = .26$ ) e positivamente com os anos de escolaridade ( $r = .20$ ). Já a surpresa correlaciona-se negativamente com a idade ( $r = -.25$ ) e negativamente com o sexo ( $r = -.15$ ). Ou seja, os indivíduos mais velhos experienciam menos emoção surpresa e os indivíduos do sexo masculino tendem a experienciar menos surpresa. Relativamente às emoções negativas, constata-se que a tristeza se correlaciona negativamente com a idade ( $r = -.16$ ) e com o sexo ( $r = -.32$ ). A ira e a repulsa não se correlacionam com nenhuma variável sociodemográfica, tal como se constata pela tabela, enquanto que o desprezo se correlaciona positivamente com os anos de escolaridade. Já a emoção disposicional medo correlaciona-se negativamente com a idade (quanto maior a idade dos indivíduos, menor é a tendência para experienciarem medo) e com o sexo ( $r = -.29$ ), ou seja, os indivíduos do sexo masculino experienciam, normalmente, menos medo. Existe uma correlação negativa entre a vergonha e a idade ( $r = -.31$ ) e entre a primeira e os anos de escolaridade, embora positiva e fraca ( $r = .16$ ).

**Tabela 19** Correlações entre as emoções disposicionais e as variáveis sociodemográficas.

Escalas DES-IV	Idade	Anos de escolaridade	Sexo
Interesse	-.21**	.30**	.05
Alegria	-.26**	.20**	.05
Surpresa	-.25**	.13	-.15*
Tristeza	-.16*	-.06	-.32**
Ira	-.11	.04	-.12
Repulsa	-.07	-.11	-.09
Desprezo	.00	.16*	.06
Medo	-.29**	.04	-.29**
Vergonha	-.31**	.16*	-.15*
Timidez	-.31**	.01	-.23**
Culpa	-.12	-.08	.00
Auto-hostilidade	-.17*	-.00	-.19**

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

<sup>20</sup> Para a concretização dos objetivos do estudo, não se achou relevante a separação entre sexos para a relação entre as emoções disposicionais e as variáveis sociodemográficas.

Já a timidez se correlaciona negativamente com a idade ( $r = -.31$ ) e negativamente com o sexo ( $r = -.23$ ), ou seja, os indivíduos do sexo masculino tendem a experienciar menos timidez. Enquanto que a culpa não se correlaciona com nenhuma das variáveis sociodemográficas, a auto-hostilidade correlaciona-se negativamente com a idade ( $r = -.17$ ) e com o sexo ( $r = -.19$ ), o que significa que os indivíduos mais velhos experienciam menos auto-hostilidade e os indivíduos do sexo masculino têm níveis mais baixos desta emoção.

### 5.5. Relação entre sentimento de insegurança e emoções disposicionais

#### *Medo do crime e emoções disposicionais*

A tabela seguinte (20) apresenta as correlações entre as dimensões do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais. Em primeiro lugar constata-se que o medo do crime se correlaciona negativamente com duas emoções positivas – o interesse ( $r = -.28$ ) e a alegria ( $r = -.23$ ). Seguidamente, observa-se que o medo do crime se correlaciona positivamente com as seguintes emoções negativas: a tristeza ( $r = .20$ ) e o medo ( $r = .25$ ), não se correlacionando com mais nenhuma emoção disposicional. Estas correlações positivas existentes entre o medo do crime e a tristeza, assim como o medo do crime e o medo significam que os indivíduos que reportam mais medo do crime reportam, igualmente, mais tristeza e medo.

**Tabela 20** Correlação entre o medo do crime, a perceção do risco de vitimação e comportamento e as emoções disposicionais medidas através do instrumento DES-IV.

Escalas DES-IV	Medo do crime	Perceção do risco	Comportamento
Interesse	-.28**	-.20**	-.13
Alegria	-.23**	-.21**	-.10
Surpresa	-.01	.02	.05
Tristeza	.20**	.08	-.02
Ira	.10	.07	.00
Repulsa	.07	.08	.10
Desprezo	-.09	-.10	.03
Medo	.25**	.05	.03
Vergonha	.13	.00	.02
Timidez	.06	.04	-.01
Culpa	-.02	.04	-.05
Auto-hostilidade	.11	.06	.03

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

***Percepção do risco de vitimação e emoções disposicionais***

Relativamente às correlações entre o risco de vitimação e as emoções, verifica-se que apenas existem duas que atingem significado estatístico: percepção do risco de vitimação e interesse ( $r = -.20$ ) e percepção do risco de vitimação e alegria ( $r = -.21$ ). Mais concretamente, o risco de vitimação correlaciona-se negativamente com estas duas emoções negativas, significando que os indivíduos que reportam níveis mais elevados de risco de vitimação, reportam, por sua vez, menos emoções positivas de interesse e alegria.

***Adoção de comportamentos e emoções disposicionais***

Através da tabela constata-se que a adoção de comportamentos não se correlaciona com nenhuma as emoções disposicionais.

**5.5.1. Relação entre sentimento de insegurança e emoções disposicionais controlando para a desejabilidade social**

Mais uma vez, é importante perceber se a desejabilidade social pode moderar a relação entre o sentimento de insegurança e as emoções. Assim, a seguinte tabela (21) apresenta os resultados das correlações parciais entre as dimensões do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais, todavia, controladas pela desejabilidade social. Será que as correlações significativas encontradas anteriormente se mantêm?

**Tabela 21** Correlações entre as dimensões do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais controlando para a desejabilidade social.

Escalas DES-IV	Medo do crime	Percepção do risco	Comportamento
Interesse	-.20**	-.13	-.04
Alegria	-.19**	-.18*	-.06
Surpresa	-.05	.08	.01
Tristeza	.23**	.09	-.00
Ira	.16*	.12	.06
Repulsa	.06	.08	.09
Desprezo	-.03	-.04	.10
Medo	.28**	.07	.05
Vergonha	.19*	.05	.06
Timidez	.08	.05	-.01
Culpa	-.02	.04	-.02
Auto-hostilidade	.15*	.09	.06

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

### ***Medo do crime e emoções disposicionais***

Em primeiro lugar, verifica-se que o medo do crime e as emoções positivas que anteriormente se correlacionavam com essa variável (interesse e alegria) continuam a correlacionar-se de forma negativa. Se anteriormente o medo do crime e a emoção tristeza tinham uma correlação de  $r=.20$ , esta aumentou após se ter controlado para a desejabilidade social ( $r=.23$ ). Verifica-se que o medo do crime e a ira se correlacionam positivamente ( $r=.16$ ) embora era correlação seja fraca, o que anteriormente não se observava. Por sua vez, a correlação entre medo do crime e medo disposicional que antes de se ter controlado para a desejabilidade social era de  $r=.25$ , após se controlar para aquela variável aumentou para  $r=.28$ . Por último, nos resultados das correlações parciais visualizados a partir da tabela, constata-se que o medo do crime se correlaciona positivamente com a vergonha e com a auto-hostilidade.

### ***Percepção do risco de vitimação e emoções disposicionais***

Antes de se ter efetuado as correlações parciais, verificou-se que o risco se correlacionava negativamente com as emoções positivas interesse e alegria. Porém, após se ter controlado para a desejabilidade social, a correlação existente entre percepção do risco de vitimação e o interesse deixa de ser significativa e a correlação entre o risco de vitimação e a alegria, embora estatisticamente significativa torna-se menos elevada ( $r=.18$ ).

### ***Adoção de comportamentos e emoções disposicionais***

Constata-se a partir da tabela que, tal como acontecia anteriormente, a variável adoção de comportamentos não se correlaciona com nenhuma das emoções disposicionais.

## **5.5.2. Relação entre sentimento de insegurança e emoções disposicionais por sexo**

Vejamos a relação entre as componentes do sentimento de insegurança e as emoções disposicionais diferenciando esta relação pelo sexo. Na tabela 22, temos representados, em primeiro lugar, os resultados das correlações bivariadas e, entre parênteses, as correlações controlando para a desejabilidade social no sexo feminino e na tabela 23 no sexo masculino.

### **5.5.2.1. Sexo feminino**

No que diz respeito à relação entre *medo do crime e emoções*, destacamos as correlações significativas antes de se controlar para a desejabilidade social. Em primeiro

lugar, observam-se correlações negativas entre o medo do crime e as emoções disposicionais de índole positiva, mais concretamente o interesse ( $r = -.24$ ) e a alegria ( $r = -.19$ ). Por sua vez, o medo do crime correlaciona-se positivamente com algumas emoções negativas – a tristeza ( $r = .20$ ), a ira ( $r = .20$ ) e o medo ( $r = .33$ ). Quando se controla a relação entre medo do crime e as emoções para a desejabilidade social, verifica-se que a correlação negativa entre o interesse e o medo do crime diminui ( $r = -.24$ ), mas a correlação entre aquela e a alegria perde o significado estatístico. A correlação positiva entre o medo do crime e a tristeza mantém-se ( $r = .20$ ) e com ira aumenta ( $r = .26$ ). Além disso, a correlação positiva entre o medo do crime e o medo disposicional aumenta ( $r = .36$ ) e com a vergonha passa a haver significado estatístico.

Quanto à relação entre a percepção do risco de vitimação e as emoções, verificamos que existem duas correlações negativas entre a percepção do risco de vitimação e o interesse ( $r = -.30$ ) e a alegria ( $r = -.19$ ). Para além disso, existe uma correlação positiva entre aquela variável e repulsa ( $r = .21$ ). Quando controlamos a relação entre as variáveis em análise para a desejabilidade social, apenas a correlação entre repulsa e percepção do risco de vitimação mantém o significado estatístico.

No que diz respeito à relação entre a adoção de comportamentos e as emoções disposicionais, constata-se a inexistência de correlações entre estas variáveis, antes e depois de se controlar para a desejabilidade social.

**Tabela 22** Correlações entre emoções disposicionais e sentimento de insegurança antes e depois de se ter controlado para a desejabilidade social no sexo feminino.

Escalas DES-IV	Medo do crime	Percepção do risco	Comportamento
Interesse	<b>-.27**(-.24*)</b>	<b>-.30**(-.03)</b>	-.10(.05)
Alegria	<b>-.19**(-.12)</b>	<b>-.19*(-.13)</b>	-.02(.00)
Surpresa	-.02(.08)	.06(.12)	.11(-.03)
Tristeza	<b>.20*(.20*)</b>	.12(.12)	-.17(-.12)
Ira	<b>.20*(.26*)</b>	.14(.19)	-.05(.02)
Repulsa	.16(.16)	<b>.21*(.21*)</b>	.01(.00)
Desprezo	.00(.04)	-.08(-.04)	.03(.10)
Medo	<b>.33**(.36**)</b>	.12(.14)	.02(-.04)
Vergonha	.19( <b>.21*</b> )	.04(.05)	-.08(-.07)
Timidez	.02(.07)	.11(.15)	-.18(-.14)
Culpa	.12(.17)	.14(.18)	-.11(-.05)
Auto-hostilidade	.10(.14)	.09(.12)	-.06(-.02)

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

### 5.5.2.2. Sexo masculino

Passemos agora para análise da relação entre o sentimento de insegurança e as emoções disposicionais referente ao sexo masculino. Quanto ao *medo do crime*, constatamos que este

se correlaciona apenas com duas variáveis de forma negativa, nomeadamente com o interesse ( $r = -.34$ ) e com a alegria ( $r = -.28$ ). Quando controlamos estas correlações para a desejabilidade social, a correlação entre o medo do crime e o interesse diminui ( $r = -.26$ ) mas mantém-se significativa e, por sua vez, a correlação entre o medo do crime e a alegria aumenta ( $r = -.30$ ).

Quanto à percepção do risco de vitimação, verifica-se que esta apenas se correlaciona com o interesse ( $r = -.33$ ) e com a alegria ( $r = -.22$ ), sendo que estas correlações se mantêm após se ter controlado para a desejabilidade social, embora a correlação entre a percepção do risco de vitimação e o interesse diminua ( $r = -.27$ ).

Por último, a variável adoção de comportamentos correlaciona-se negativamente com o interesse ( $r = -.33$ ) e com a repulsa ( $r = -.21$ ), todavia, estas correlações perdem significado estatístico quando se controla para a desejabilidade social.

**Tabela 23** Correlações entre emoções disposicionais e sentimento de insegurança antes e depois de se ter controlado para a desejabilidade social no sexo masculino.

Escalas DES-IV	Medo do crime	Percepção do risco	Comportamento
Interesse	-.34**(-.26*)	-.33**(-.27*)	-.33**(-.17)
Alegria	-.28**(-.30**)	-.22**(-.23*)	-.19(-.19)
Surpresa	-.19(-.13)	-.08(-.01)	-.08(-.05)
Tristeza	.00(.06)	-.01(.04)	-.08(.10)
Ira	-.07(-.01)	-.06(.00)	.02(.04)
Repulsa	-.01(-.03)	-.04(-.06)	.21*(.20)
Desprezo	-.18(-.10)	-.11(-.03)	.05(.09)
Medo	.02(.05)	-.04(-.01)	-.01(.00)
Vergonha	-.04(.04)	-.07(.00)	.04(.07)
Timidez	-.06(-.06)	-.05(-.05)	-.09(.09)
Culpa	-.14(-.12)	-.05(-.02)	-.03(-.02)
Auto-hostilidade	.09(.13)	.04(.07)	.08(.09)

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

## 5.6. Relação entre emoções disposicionais e personalidade

Por razões de aprofundamento, atentemos às correlações entre as dimensões da personalidade e as emoções disposicionais (tabela 24).

### *Neuroticismo e emoções disposicionais*

A partir da tabela constatamos que o neuroticismo se correlaciona negativamente com duas emoções positivas: o interesse ( $r = -.16$ ) e com a alegria ( $r = -.30$ ). Ou seja, o neuroticismo e estas emoções positivas variam em sentido contrário. Por sua vez, o neuroticismo correlaciona-se positivamente com a surpresa ( $r = .25$ ), a tristeza ( $r = .65$ ), a ira

( $r=.49$ ), a repulsa ( $r=.33$ ), o medo ( $r=.47$ ), a vergonha ( $r=.40$ ), a timidez ( $r=.48$ ), a culpa ( $r=.41$ ) e a auto-hostilidade ( $r=.50$ ).

**Tabela 24** Correlações entre as emoções disposicionais do DES-IV, as dimensões da personalidade e desejabilidade social.

Correlação	Neuroticismo	Extroversão	Psicoticismo	Desejabilidade Social
Interesse	-.16*	.22**	.06	-.32**
Alegria	-.30**	.36**	.07	-.15*
Surpresa	.24**	-.01	.18*	-.19**
Tristeza	.65**	-.24**	.07	.06
Ira	.49**	-.16*	.02	-.17*
Repulsa	.33**	-.13	.02	.01
Desprezo	.13	.01	.11	-.21**
Medo	.47**	-.13	-.01	-.05
Vergonha	.40**	-.08	.00	-.15*
Timidez	.48**	-.12	.02	-.03
Culpa	.41**	-.22**	-.02	-.12
Auto-hostilidade	.50*	-.20**	.08	.11

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

### *Extroversão e emoções disposicionais*

Em primeiro lugar, verifica-se que a extroversão está positivamente correlacionada com as emoções positivas, nomeadamente com o interesse ( $r=.22$ ) e a alegria ( $r=.36$ ). A extroversão correlaciona-se negativamente com a tristeza ( $r= -.24$ ), a ira ( $r= -.16$ ), a culpa ( $r= -.22$ ) e a auto-hostilidade ( $r= -.20$ ).

### *Psicoticismo e emoções disposicionais*

Passando agora para a dimensão da personalidade psicoticismo, constatamos que há apenas uma emoção-traço com a qual esta dimensão se correlaciona: a surpresa. Esta correlação é positiva ( $r=.18$ ), o que significa que os indivíduos com classificações mais elevadas no psicoticismo têm, também, níveis mais elevados de surpresa.

### *Desejabilidade social e emoções disposicionais*

Por último, importa verificar as correlações existentes entre a desejabilidade social e as emoções disposicionais que constituem o DES-IV. Como é possível constatar, a desejabilidade social correlaciona-se negativamente com o interesse ( $r= -.32$ ), com a alegria ( $r= -.15$ ), com a surpresa ( $r= -.19$ ), com a ira ( $r= -.17$ ), com o desprezo ( $r= -.21$ ) e com a vergonha ( $r= -.15$ ). Dado que nos encontramos perante correlações negativas, tal significa que



a desejabilidade social e estas emoções disposicionais variam em sentido contrário. Interessantemente, a desejabilidade social e a emoção-traço medo não se correlacionam, enquanto que, como vimos anteriormente, a desejabilidade social e o medo do crime correlacionam-se positivamente.

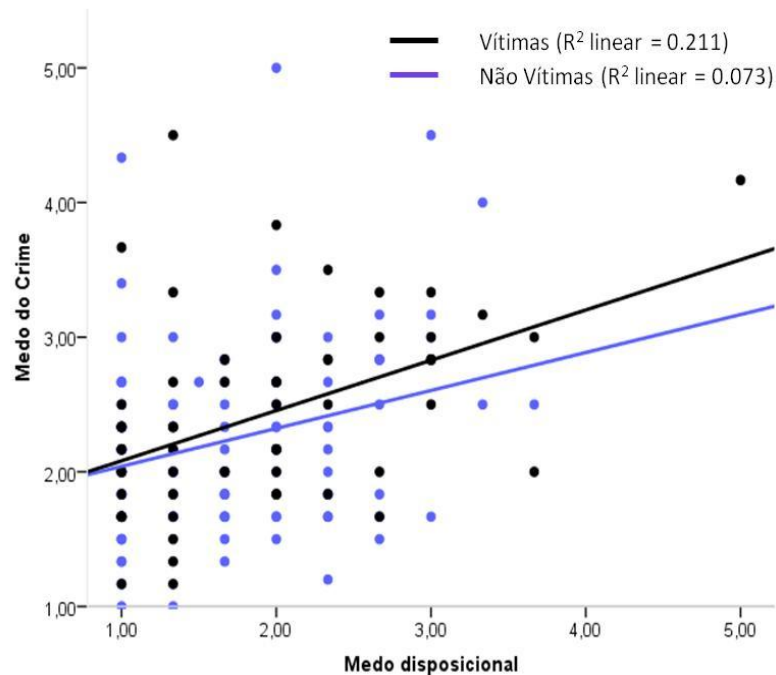
## **6. Medo do crime, medo disposicional e vitimação nos últimos 12 meses**

Tendo-se verificado uma correlação positiva entre o medo do crime e o medo disposicional, importa agora verificar se existe uma interação entre o medo disposicional e a vitimação nos últimos 12 meses que possa, de alguma forma, alterar os níveis de medo do crime. Para testar esta hipótese, em primeiro lugar efetuou-se uma análise regressional tendo o medo do crime como variável dependente e o medo disposicional como variável independente em função da vitimação, isto é, separando os indivíduos que foram vítimas e os que não foram vítimas. Atentemos, aos resultados desta análise regressional.

Para os indivíduos que nos últimos 12 meses não foram vítimas de crime, o  $r$  do modelo de regressão é de .21, enquanto que o  $r^2$  é de .07 e o  $r^2$  ajustado tem o valor de .07, que é bastante baixo. Quando temos em atenção os indivíduos que foram vítimas de crime nos últimos 12 meses, os resultados alteram-se significativamente. Assim, o  $r$  de explicação do modelo é de .46, enquanto que o  $r^2$  é de .21. Por sua vez, o  $r^2$  ajustado tem o valor de .20, e assim, bastante superior em relação ao anterior.

Após se ter observado este resultado, isto é, nos indivíduos que foram vítimas a relação entre medo do crime e medo disposicional é amplificada em relação aos que não foram vítimas, importa agora verificar se existe uma interação entre o medo disposicional e a vitimação nos últimos 12 meses.

Tendo-se efetuado uma análise univariada de variância, constatou-se que a interação entre a vitimação e a emoção medo não é estatisticamente significativa, porém, encontra-se perto da zona de rejeição ( $p\text{-value}=.088$ ). Apesar deste resultado, a análise regressional foi demonstrou que existia uma amplificação do medo do crime quando os indivíduos foram vitimados nos últimos 12 meses. Para expressar estas diferenças, foi realizado um gráfico representativo das diferenças observadas (figura 4):



**Figura 4** Gráfico demonstrativo do efeito do medo disposicional no medo do crime tendo em conta os indivíduos que foram vítimas e os que não foram vítimas de crime nos últimos 12 meses.

Neste gráfico, a linha negra representa os indivíduos que foram vítimas de crime, enquanto que a linha azul representa os indivíduos que não foram vítimas. Através desta representação sugere-se que a reta que representa os indivíduos que foram vítimas tem uma inclinação positiva superior em relação aos que não foram vítimas (linha azul). Como já foi referido anteriormente, o  $r^2$  do modelo que tem a variável medo do crime como dependente nos indivíduos que foram vítimas é superior em relação  $r^2$  do modelo em que não foram vítimas.

Em suma, este importante resultado indica que quando os indivíduos são vítimas de crime recentemente (nos últimos 12 meses), a relação entre o medo do crime e a emoção medo aumenta.

## 7. Variáveis preditoras do sentimento de insegurança

Pretende-se agora perceber que variáveis independentes melhor predizem as variáveis dependentes. As variáveis dependentes são o medo do crime, a perceção do risco de vitimação e os comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa, ou seja, aquelas que constituem o sentimento de insegurança. Assim, irá testar-se o poder preditivo de quatro modelos para cada variável dependente: 1) variáveis sociodemográficas e vitimação, 2) as dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e a desejabilidade social 3) as

emoções disposicionais e 4) o modelo final, que resultará das variáveis cujo significado estatístico é significativo.

### 7.1. Variáveis preditoras do medo do crime

#### *Variáveis sociodemográficas e medo do crime*

Observa-se a partir da tabela 25 que 21% da variância total no medo do crime é explicada pelas variáveis independentes presentes no modelo de regressão linear. A par disto, constata-se que este modelo é significativo, dado que  $p$  é igual a .000. Tendo em conta o valor de  $p$  para cada variável, para um nível de significância de  $\alpha=.05$ , conclui-se que apenas o sexo ( $p=.000$ ) e os anos de escolaridade ( $p=.001$ ) afetam significativamente a variável medo do crime. A vitimação encontra-se perto da zona de rejeição, porém, não atinge o significado estatístico na predição do medo do crime.

**Tabela 25** Predição do medo do crime a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação (variáveis independentes).

Variável	B	SE B	$\beta$	T	$p$
<b>Sexo</b>	-.509	.098	-.375	-5.218	<b>.000</b>
<b>Idade</b>	.001	.004	.024	.272	.786
<b>Anos de escolaridade</b>	-.070	.020	-.296	-3.512	<b>.001</b>
<b>Vitimação (12 meses)</b>	.176	.098	.124	1.791	.075

Nota.  $r=.478$ ;  $r^2=.229$ ;  $r^2_{ajustado}=.210$  ( $p=.000$ );

Neste modelo, verifica-se que o sexo e os anos de escolaridade são as variáveis que apresentam uma maior contribuição relativa para a explicação do medo do crime no âmbito das variáveis sociodemográficas. Com efeito, o valor de  $\beta$  no sexo é de  $-.375$ , isto é, o sexo entra negativamente para a explicação do medo do crime, como aliás, já tinha sido concluído anteriormente. Por sua vez, o valor de  $\beta$  nos anos de escolaridade é de  $-.296$ , entrando, tal como o sexo, negativamente para a explicação do medo do crime.

#### *Dimensões da personalidade e medo do crime*

Através da tabela 26 constata-se que 11.3% da variância total do medo do crime é explicada pelas variáveis independentes e que este modelo tem significado estatístico ( $p=.000$ ). Seguidamente, observa-se que há duas variáveis independentes que tiveram um efeito significativo na predição do medo do crime: o neuroticismo e a desabilidade social.

Efetivamente, ambas, para um  $\alpha=.05$ , tiveram um  $p=.000$ , ou seja, com significado estatístico. Por sua vez, o mesmo não aconteceu com o psicoticismo e a extroversão.

**Tabela 26** Predição do medo do crime a partir das dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e desejabilidade social (variáveis independentes).

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
Neuroticismo	.052	.017	.226	3.086	.000
Extroversão	-.002	.017	-.007	-.101	.920
Psicoticismo	.000	.032	-.001	-.008	.993
Desejabilidade Social	.075	.018	.298	4.192	.000

Nota:  $r= .365$ ;  $r^2=.133$ ;  $r^2$  ajustado=.113, ( $p=.000$ )

Neste modelo as variáveis que mais contribuíram para a explicação do medo do crime foram, em primeiro lugar, a desejabilidade social, que entrou de forma positiva na explicação daquela variável ( $\beta= .298$ ) e, seguidamente, o neuroticismo ( $\beta=.226$ ) que também entrou de forma positiva. Estes resultados já tinham sido averiguados aquando da realização das correlações que foram ambas positivas com o medo do crime.

### *Emoções disposicionais e medo do crime*

Neste terceiro modelo (tabela 27) procura-se ver quanto da variância total do medo do crime é explicada pelas emoções disposicionais. Através do valor do  $r^2$  ajustado constata-se que as variáveis independentes explicam 19.8% da variância total.

**Tabela 27** Predição do medo do crime a partir das emoções disposicionais (variáveis independentes).

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
Interesse	-.212	.074	-.229	-2.845	.005
Alegria	-.109	.085	-.104	-1.265	.207
Surpresa	-.035	.083	-.035	-.425	.672
Tristeza	.008	.099	.009	.085	.933
Ira	-.001	.111	-.001	-.013	.990
Desprezo	-.086	.076	-.081	-1.125	.262
Medo	.384	.100	.404	3.835	.000
Culpa	-.233	.100	-.201	-2.315	.022
Vergonha	.095	.089	.094	1.072	.285
Timidez	-.147	.079	-.167	-1.854	.065
Auto-Hostilidade	.068	.081	.070	.834	.405
Repulsa	.062	.086	.057	.718	.474

Nota:  $r= .495$ ;  $r^2= .245$ ;  $r^2$  ajustado=.198, ( $p=.000$ )

Este modelo tem significado estatístico ( $p=.000$ ). Por sua vez, verifica-se que nem todas as emoções têm um efeito significativo no medo do crime, mas apenas algumas. Assim sendo,

para um  $\alpha=.05$ , as variáveis com significado estatístico e que ajudam a explicar a variância são: o interesse ( $p=.005$ ), o medo ( $p=.000$ ) e a culpa ( $p=.022$ ).

Observa-se que neste modelo as variáveis que mais contribuem para a explicação do medo do crime são o medo disposicional ( $\beta=.404$ ), que, como vimos anteriormente, se correlaciona positivamente com o medo do crime, o interesse, que entra negativamente para a explicação do medo do crime ( $\beta=-.229$ ) e a culpa ( $\beta=-.201$ ).

### ***Modelo de explicação final do medo do crime***

Vejamos agora o modelo final (tabela 28) constituído pelas variáveis independentes que tiveram um significado estatístico na predição do medo do crime. Nesta seguinte tabela, iremos então incluir como variáveis independentes o sexo, os anos de escolaridade, o neuroticismo e a desejabilidade social, o interesse, o medo e, por último, a culpa.

**Tabela 28** Predição do medo do crime a partir das variáveis que nos modelos anteriores tiveram significado estatístico, nomeadamente o sexo, os anos de escolaridade, o neuroticismo, a desejabilidade social, o interesse, a culpa e o medo.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
Sexo	-.231	.093	-.177	-2.376	<b>.014</b>
Anos de escolaridade	-.046	.016	-.216	-2.878	<b>.004</b>
Neuroticismo	.016	.018	.075	.929	.354
Desejabilidade Social	.018	.019	.073	.950	.343
Interesse	-.166	.060	-.188	-2.775	<b>.006</b>
Medo	.317	.072	.355	4.384	<b>.000</b>
Culpa	-.254	.087	-.233	-2.923	<b>.004</b>

Nota.  $r=.553$ ;  $r^2=.306$ ;  $r^2$  ajustado=.279 ( $p=.000$ )

As variáveis independentes introduzidas neste modelo final explicam 27.9% da variância total do medo do crime, sendo que o modelo é estatisticamente significativo ( $p=.000$ ). Verifica-se, além disso, que há um conjunto de variáveis que não tem significado estatístico para a predição do medo do crime, pois, tendo como  $\alpha=.05$ , o *p-value* que apresentam é superior a .05, nomeadamente o neuroticismo ( $p=.354$ ) e a desejabilidade social ( $p=.342$ ). De resto, todas as variáveis têm significado estatístico na predição do medo do crime: o sexo ( $p=.014$ ), os anos de escolaridade ( $p=.004$ ), a emoção-traço interesse ( $p=.006$ ), a emoção-traço medo ( $p=.000$ ) e a emoção-traço culpa ( $p=.004$ ). Ou seja, quando todas as variáveis independentes que, em modelos anteriores, tiveram significado estatístico na predição da variável dependente são colocadas num modelo final, o neuroticismo e a desejabilidade social deixam de ter poder preditivo. Para além disso, interessa notar que o medo disposicional é a variável que mais contribui para a explicação do medo do crime

( $\beta=.355$ ), seguido da culpa ( $\beta=-.233$ ), anos de escolaridade ( $\beta=-.216$ ), interesse ( $\beta=-.188$ ) e o sexo ( $\beta=-.177$ ).

## 7.2.Variáveis preditoras da percepção do risco de vitimação

Importa agora percebermos que variáveis independentes são preditoras da percepção do risco de vitimação. Para tal, iremos realizar os mesmos procedimentos já efetuados para a variável medo do crime. Isto é, apresentaremos quatro modelos de regressão com quatro conjuntos de variáveis. Começemos pelo primeiro, em que as variáveis independentes são as sociodemográficas e a vitimação.

### *Variáveis sociodemográficas e percepção do risco de vitimação*

Através da tabela 29 podemos verificar que 7,9% da variância total da percepção do risco de vitimação é explicada pelas variáveis sociodemográficas e vitimação, sendo que este modelo é estatisticamente significativo ( $p=.002$ ). Porém, nem todas as variáveis independentes têm um significado estatístico na predição do risco de vitimação. Com efeito, para um  $\alpha=.05$ , apenas o sexo ( $p=.045$ ) e a vitimação (.011) predizem a variável dependente.

**Tabela 29** Predição da percepção do risco de vitimação a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação nos últimos 12 meses.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
<b>Sexo</b>	-.222	.111	-.156	-2.00	<b>.047</b>
<b>Idade</b>	.009	.005	.175	1.86	<b>.065</b>
<b>Anos de escolaridade</b>	-.030	.022	-.123	-1.354	.178
<b>Vitimação (12 meses)</b>	.286	.111	.192	2.571	<b>.011</b>

Nota.  $r=.318$ ;  $r^2=.101$ ;  $r^2$  ajustado=.079 ( $p=.002$ )

Para além disso, verifica-se que as variáveis que mais contribuem para a explicação do medo do crime são, em primeiro lugar, a vitimação nos últimos 12 meses ( $\beta=.192$ ), a idade ( $\beta=.175$ ) e, por último, o sexo ( $\beta=-.156$ ).

### *Dimensões da personalidade e percepção do risco de vitimação*

Passemos agora para os resultados da regressão linear em que se irá ter em conta as dimensões da personalidade enquanto variáveis independentes de predição do risco de vitimação (tabela 30).

**Tabela 30** Predição da percepção do risco de vitimação a partir das dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão e psicoticismo – e desejabilidade social (variáveis independentes).

Variáveis	B	SE B	$\beta$	T	p
Neuroticismo	.021	.018	.086	1.142	.255
Extroversão	-.016	.019	-.062	-.821	.413
Psicoticismo	-.058	.035	-.120	-1.65	.101
Desejabilidade Social	.064	.020	.236	3.244	.001

Nota.  $r = .297$ ;  $r^2 = .088$ ;  $r^2$  ajustado = .067 ( $p = .003$ )

Verificamos que 6.7% da variância da percepção do risco de vitimação é explicada pelas variáveis independentes aqui apresentadas – as dimensões da personalidade (extroversão, psicoticismo e neuroticismo) e a desejabilidade social. De acordo com o valor do *p-value* (.003), este modelo tem significado estatístico. Todavia, nem todas as variáveis dependentes têm um poder preditivo, já que nem todas têm significado estatístico como é possível verificar. Com efeito, apenas a desejabilidade social, para um  $\alpha = .05$  tem significado estatístico ( $p = .001$ ). É, por sua vez, também a desejabilidade social que tem uma maior contribuição para a explicação da percepção do risco de vitimação ( $\beta = .236$ ) que entra positivamente, seguida do psicoticismo ( $\beta = -.120$ ) que entra para o modelo de forma negativa na explicação daquela variável.

### ***Emoções disposicionais e percepção do risco de vitimação***

Constata-se, a partir dos resultados apresentados na tabela 31, que apenas 3% da variância total do risco de vitimação é explicada por este conjunto de variáveis independentes (emoções).

**Tabela 31** Análise de regressão linear para as variáveis independentes emoções disposicionais preditoras da percepção do risco de vitimação.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
Interesse	-.171	.086	-.176	-1.985	.049
Alegria	-.092	.098	-.085	-.941	.348
Surpresa	.078	.096	.074	.816	.416
Tristeza	.008	.114	.008	.068	.946
Ira	.171	.128	.140	1.331	.185
Desprezo	-1.60	.088	-.145	-1.827	.069
Medo	.022	.115	.022	.189	.850
Culpa	-.025	.116	-.021	-.218	.828
Vergonha	-.026	.103	-.025	-.257	.798
Timidez	.047	.092	.050	.508	.612
Auto-Hostilidade	-.075	.094	-.074	-.797	.426
Repulsa	.068	.100	.059	.679	.498

Nota.  $r = .296$ ;  $r^2 = .088$ ;  $r^2$  ajustado = .030 ( $p = .117$ )

Por outro lado, também se verifica, através do valor do *p-value* ( $p=.117$ ), que é superior a .05, que este modelo não tem significado estatístico. A par disto, tendo em conta os valores de *p-value* registados na tabela para cada emoção, verifica-se que, excluindo o interesse ( $p=.049$ ), nenhuma outra variável independente tem significado estatístico na predição do risco de vitimação. Repara-se que mesmo o interesse encontra-se na linha da não rejeição, já que, arredondando o valor, ficaríamos com um *p-value* de .05. Por o nosso modelo não ter significado estatístico, não iremos incluir esta variável no modelo final.

### ***Modelo final de explicação da perceção do risco de vitimação***

Neste modelo final incluímos as variáveis que tiveram significado estatístico na predição do risco percebido nos modelos anteriores (tabela 32).

**Tabela 32** Predição da perceção do risco de vitimação a partir das variáveis que nos modelos anteriores tiveram significado estatístico, nomeadamente o sexo, a vitimação nos últimos 12 meses e a desejabilidade social.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	P
Sexo	-.131	.106	-.094	-1.232	.220
Vitimação (12 meses)	.276	.109	.191	2.527	.012
Desejabilidade Social	.051	.020	.195	2.556	.012

Nota.  $r=.295$ ;  $r^2=.087$ ;  $r^2$  ajustado=.07 ( $p=.002$ )

Neste modelo final podemos verificar que 7% da variância total da perceção do risco de vitimação é explicada pelas variáveis independentes introduzidas neste modelo – o sexo, a vitimação nos últimos 12 meses e a desejabilidade social. Neste modelo, que tem significado estatístico ( $p=.002$ ), o sexo deixa de ter em efeito significativo no risco de vitimação, restando como preditoras a vitimação ( $p=.012$ ) e a desejabilidade social ( $p=.012$ ). Ou seja, são estas variáveis que têm um significado estatístico na predição da perceção risco de vitimação. Além disso, tendo em conta os valores de  $\beta$ , são as variáveis que têm mais importância na explicação desta variável – vitimação nos últimos 12 meses têm um  $\beta$  igual a .191, enquanto que a desejabilidade social tem um  $\beta$  igual a .195.

## **7.3. Variáveis preditoras da adoção de comportamentos por razões de segurança**

### ***Variáveis sociodemográficas e adoção de comportamentos***

Tal como anteriormente foi realizado, começamos pelo modelo onde se introduzem as variáveis sociodemográficas e a vitimação, passando depois para os seguintes modelos (tabela



33). Através da tabela constatamos que 8.6% da variância total da variável comportamentos é explicada pelas variáveis independentes (sociodemográficas e vitimação nos últimos 12 meses).

**Tabela 33** Predição da adpção de comportamentos a partir das variáveis sociodemográficas e vitimação nos últimos 12 meses.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
<b>Sexo</b>	-.638	.206	-.240	-3.097	<b>.002</b>
<b>Idade</b>	.027	.009	.274	2.922	<b>.004</b>
<b>Anos de escolaridade</b>	-.005	.042	-.011	-.123	.902
<b>Vitimação (12 meses)</b>	.361	.207	.130	1.742	.083

Nota.  $r=.329$ ;  $r^2=.108$ ;  $r^2$  ajustado=.086 ( $p=.001$ )

Além disso, sendo o valor de  $p=.001$ , podemos afirmar que este modelo tem significado estatístico. Por sua vez, as variáveis independentes sexo ( $p=.002$ ) e a idade (.004) são as que contribuem para a predição dos comportamentos, para um  $\alpha=.05$ . Verifica-se que também são estas as variáveis que mais contribuem para a explicação da adoção de comportamentos, dado o valor de  $\beta$ . Com efeito, a idade é a variável que mais contribui para a explicação da adoção de comportamentos ( $\beta=.274$ ), entrando de forma positiva. Por sua vez, o sexo também explica a adoção de comportamentos, entrando de forma negativa para a explicação daquela variável ( $\beta=-.240$ ). Apesar de não ter atingido o significado estatístico, a variável vitimação nos últimos 12 meses também parece relevante na explicação da adoção de comportamentos, entrando positivamente para a adoção de comportamentos ( $\beta=.130$ ).

### *Dimensões da personalidade e adoção de comportamentos*

As variáveis independentes introduzidas neste modelo explicam 10.2% da variância da adoção de comportamentos, sendo que este modelo atingiu o significado estatístico (.000).

**Tabela 34** Predição da adoção de comportamentos a partir das dimensões da personalidade – neuroticismo, extroversão, psicoticismo – e desejabilidade social.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
<b>Neuroticismo</b>	.027	.034	.058	.782	.435
<b>Extroversão</b>	.005	.035	.011	.150	.881
<b>Psicoticismo</b>	-.192	.065	-.209	-2.932	<b>.004</b>
<b>Desejabilidade Social</b>	.129	.036	.254	3.551	<b>.000</b>

Nota.  $r=.349$ ;  $r^2=.122$ ;  $r^2$  ajustado=.102, ( $p=.000$ )

Por outro lado, verificamos que apenas duas das quatro variáveis independentes têm um significado estatístico na predição da adoção de comportamentos, o psicoticismo ( $p=.004$ ) e a desejabilidade social ( $p=.000$ ). São também estas as variáveis que têm maior poder de explicação na variável em análise (tabela 34). Com efeito, a desejabilidade social entra de forma positiva na explicação da adoção de comportamentos ( $\beta=.254$ ), enquanto que o psicoticismo entra de forma negativa ( $\beta= -.209$ ).

### *Emoções disposicionais e adoção de comportamentos*

O primeiro aspeto que se constata (tabela 35) é que apenas 2.5% da variância total dos comportamentos é explicada pelas variáveis independentes (as emoções). Na mesma linha, verifica-se que este modelo não tem significado estatístico, já que o *p-value* é superior a .05 ( $p=.157$ ).

**Tabela 35** Predição da adoção de comportamentos a partir das emoções disposicionais.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
Interesse	-.208	.163	-.114	-1.280	.202
Alegria	-.085	.186	-.041	-.459	.647
Surpresa	-.139	.181	-.069	-.763	.446
Tristeza	-.192	.217	-.107	-.886	.377
Ira	-.182	.243	-.079	-.751	.454
Desprezo	.191	.166	.091	1.146	.253
Medo	.284	.219	.151	1.299	.195
Culpa	-.277	.220	-.121	-1.262	.209
Vergonha	.256	.195	.127	1.314	.190
Timidez	-2.13	.174	-.122	-1.225	.222
Auto-Hostilidade	.106	.178	.055	.598	.551
Repulsa	.400	.189	.185	2.115	<b>.036</b>

Nota.  $r=.287$ ;  $r^2=.082$ ;  $r^2$  ajustado=.025 ( $p=.157$ )

Por outro lado, apenas uma variável (a emoção repulsa) tem significado estatístico na predição dos comportamentos. Porém, dado que este modelo não tem significado estatístico, a emoção repulsa enquanto variável independente não será incluída no modelo final.

### *Modelo final de explicação da adoção de comportamentos*

Nesta tabela (36) encontram-se os resultados da regressão linear em que se testou um modelo final de predição da variável dependente adoção de comportamentos a partir de um conjunto de variáveis independentes que, nos modelos anteriores, tiveram significado estatístico na predição daquela variável dependente.

**Tabela 36** Predição da adoção de comportamentos a partir das variáveis que nos modelos anteriores, tiveram significado estatístico.

Variável	B	SE B	$\beta$	T	p
<b>Sexo</b>	-.347	.201	-.128	-1.728	.086
<b>Idade</b>	.009	.008	.099	1.201	.231
<b>Psicoticismo</b>	-.178	.063	-.199	-2.823	<b>.005</b>
<b>Desejabilidade Social</b>	.098	.041	.195	2.400	<b>.017</b>

Nota.  $r=.373$ ;  $r^2=.139$ ;  $r^2_{ajustado}=.12$  ( $p=.000$ )

Assim sendo, neste modelo final, verificamos que 12% da variância total dos comportamentos é explicada pelas variáveis independentes sexo, idade, psicoticismo e desejabilidade social. Este modelo tem um significado estatístico ( $p\text{-value}=.000$ ). Por sua vez, constata-se que nem todas as variáveis independentes predizem os comportamentos com significado estatístico, mas apenas o psicoticismo ( $p=.005$ ) e a desejabilidade social ( $p=.017$ ). O sexo encontra-se quase na linha de rejeição, porém, não atinge o significado estatístico ( $p=.086$ ). A variável mais importante para a predição da adoção de comportamentos é a dimensão da personalidade “psicoticismo” que entra negativamente para a explicação daquela variável ( $\beta=-.199$ ). Seguidamente, é a desejabilidade social que entra positivamente ( $\beta=.195$ ).

Em suma, pudemos constatar que as variáveis independentes que melhor predizem o *medo do crime* são o sexo, os anos de escolaridade e as emoções disposicionais interesse, medo e culpa. Por sua vez, as que predizem a *percepção do risco de vitimação* com significado estatístico são as variáveis ‘vitimação nos últimos 12 meses’ e a desejabilidade social. Por último, as variáveis independentes que têm poder preditivo na *adoção de comportamentos* são o psicoticismo e a desejabilidade social. Todos estes modelos finais tiveram significado estatístico.

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

---

A presente dissertação teve como principal objetivo estudar as componentes do sentimento de insegurança – o medo do crime, a percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos por razões de segurança – a partir de um conjunto de variáveis individuais que foram até então escassamente relacionadas com aquelas componentes: a personalidade e as emoções disposicionais. Mais concretamente, pretendeu-se perceber se estas dimensões poderiam ser importantes na explicação do sentimento de insegurança. Para atingir este objetivo, foi aplicado um questionário a uma amostra não aleatória de 205 indivíduos da cidade do Porto.

Através desta investigação foi possível constatar alguns resultados que já tinham sido concluídos pela comunidade científica e outros que, a nosso ver, vão além desta. Com efeito, foi possível confirmar a primeira hipótese inicialmente colocada: *o sexo, a idade, os anos de escolaridade e a vitimação influenciam os níveis de medo do crime, da percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa na amostra estudada*. Mas de que forma influenciam? Em primeiro lugar, no que diz respeito à variável sexo, verificou-se que as mulheres apresentaram níveis mais elevados na componente emocional do sentimento de insegurança (medo do crime) e na componente comportamental, isto é, adotam mais comportamentos por razões de segurança. Já no que concerne à percepção do risco de vitimação, apesar de tendencialmente as mulheres perceberem mais risco, esta diferença não atingiu o significado estatístico no nosso estudo. A literatura científica da área tem demonstrado que o sexo é o melhor preditor do sentimento de insegurança. Ou seja, as mulheres têm mais medo do crime do que os homens (Reid & Konrad, 2004; Rader et al., 2009; Schafer et al., 2006), antecipam um maior risco de vitimação (LaGrange & Ferraro, 1989) e adotam mais comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa do que os homens (Madriz, 1997). Na presente investigação, apenas não se encontrou diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres na variável risco percebido. Por outro lado, a comunidade científica tem constatado a existência de um *paradoxo medo-vitimação* (Warr, 1984), isto é, as mulheres têm níveis mais elevados de medo do crime, porém são as menos vitimadas. No nosso estudo, verificamos a existência de níveis superiores de medo do crime no sexo feminino, porém, as diferenças de vitimação entre homens e mulheres não atingiram significado estatístico.

No que diz respeito à variável idade, averiguou-se que esta não teve influência no medo do crime, porém, houve diferenças nos grupos de idades considerados para a percepção do risco de vitimação e para a adoção de comportamentos de segurança, onde os indivíduos mais velhos demonstraram ter níveis mais elevados nestas componentes do sentimento de insegurança (cognitiva e comportamental). O facto de a idade e o medo do crime não se correlacionarem vai de encontro a alguns resultados que têm sido encontrados na literatura. Com efeito, autores como LaGrange e Ferraro (1989) concluíram que quando se tem em conta crimes específicos os indivíduos mais velhos têm menos medo do crime em relação aos mais novos. Um estudo experimental de Ziegler & Mitchel (2003) verificou que os indivíduos mais velhos reportaram menos medo do crime do que os sujeitos mais novos da amostra. Relativamente à variável sociodemográfica anos de escolaridade observou-se que esta se correlacionou negativamente com o medo do crime, o risco percebido e adoção de comportamentos. Assim, os indivíduos com menos anos de escolaridade tiveram níveis mais elevados naquelas componentes, algo que também tem sido concluído pela literatura científica (e.g, Smith & Hill, 1991).

Já quanto à relação entre as variáveis do sentimento de insegurança e a vitimação, constatou-se que o medo do crime é independente da vitimação, tanto na amostra total, como nos dois sexos, apesar de se observar a tendência para os mais vitimados terem médias mais elevadas no medo do crime. Por sua vez, o risco de vitimação não é independente da vitimação, sendo que tal apenas se verificou, de forma significativa, no sexo feminino. Isto é, as mulheres que foram vitimadas, nos últimos 12 meses, percebem um maior risco de vitimação. Porém, não se verificou uma relação entre ter sido vitimado nos últimos 12 meses e a adoção de comportamentos. Como dissemos anteriormente, os resultados têm sido mistos quanto à relação entre a vitimação e as componentes do sentimento de insegurança. Enquanto que alguns autores, em estudos transversais, encontraram um efeito da vitimação no medo do crime, outros estudos não confirmaram esta hipótese (ver Hale, 1996).

No que diz respeito à segunda hipótese colocada - *o medo do crime, a percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos de evitamento, proteção e autodefesa correlacionam-se com as dimensões da personalidade (neuroticismo, extroversão, psicoticismo)* – constatarem-se resultados muito relevantes para a presente investigação. Como foi dito ao longo do enquadramento teórico, poucos estudos se têm debruçado sobre a relação entre o sentimento de insegurança e a personalidade. Neste estudo, pretendeu-se perceber, em primeiro lugar, se a personalidade é uma variável importante na explicação do

sentimento de insegurança. Para estudar estas hipóteses, utilizou-se o instrumento EPQ-RS (versão abreviada e revista do *Eysenck Personality Questionnaire*) que possui escalas para a medição do neuroticismo, extroversão, psicoticismo e a desejabilidade social (*liescale*). Assim, o medo do crime correlaciona-se positivamente com o neuroticismo. Apesar de não ser uma correlação forte ( $r=.23$ ) é um dado que poderá fornecer pistas para a importância do estudo do efeito da personalidade no medo do crime. Este dado já tinha também sido alcançado por Klama & Egan (2001), cuja correlação encontrada foi de .29. *Como explicamos esta correlação positiva entre o medo do crime e a personalidade?* Definimos o medo do crime como uma *reação emocional negativa* (diferente de uma percepção e de uma cognição). Por sua vez, verificamos que, segundo Eysenck & Eysenck (1998a) o neuroticismo está associado a traços como a ansiedade, a timidez, a tristeza e a emocionalidade. Ou seja, os indivíduos com níveis elevados de neuroticismo têm uma propensão para experienciar emoções negativas. Portanto, esta poderá ser uma explicação para a correlação encontrada entre o medo do crime e o neuroticismo, que, embora não seja elevada, é estatisticamente significativa. Esta correlação mantém-se na amostra total mesmo após se controlar para a desejabilidade social. Todavia, constatamos também que quando se analisa em separado a relação entre o medo do crime e o neuroticismo para os dois sexos, as correlações entre estas variáveis deixam de ter significado estatístico. Nas mulheres, a correlação entre o medo do crime e o neuroticismo foi de .16, enquanto que nos homens foi de .17. Esta inexistência de diferenças significativamente estatísticas para o sexo pode ser devida ao tamanho amostral, que poderá influenciar a correlação entre as variáveis em análise.

O medo do crime não se correlacionou com mais nenhuma dimensão da personalidade (psicoticismo e extroversão). Porém, tal não se sucedeu quando tivemos em conta as restantes componentes do sentimento de insegurança. Com efeito, observou-se uma interessante correlação negativa entre a percepção do risco de vitimação e o psicoticismo ( $r= -.29$ ) e entre a adoção de comportamentos de segurança e o psicoticismo ( $r= -.32$ ). Todavia, esta correlação apenas se verificou no sexo masculino e não no sexo feminino. Tal significa que os indivíduos do sexo masculino que têm níveis mais elevados de psicoticismo percebem menos risco de vitimação – isto é, consideram menos a probabilidade de serem vitimados no próximo ano – e, por outro lado, adotam menos comportamentos por razões de segurança. Consideramos pertinente a explicação baseada no facto de que os indivíduos com níveis mais elevados de psicoticismo terem características como conduta antissocial, frieza, impessoalidade, rigidez, egocentrismo, falta de empatia e criatividade (Eysenck & Eysenck, 1998b). Devido a estas

características, os indivíduos têm uma menor propensão para perceberem risco e para adotarem comportamentos por razões de segurança. Um estudo de Jamison (1980) encontrou uma correlação negativa entre a percepção do risco e o psicoticismo, o que vai de encontro ao nosso resultado. Estas correlações encontradas entre o psicoticismo, o risco de vitimação e a adoção de comportamentos mantêm-se mesmo após se controlar para a desejabilidade social no sexo masculino.

Além deste resultado interessante, a nossa investigação também encontrou um resultado surpreendente e inesperado, contrariando um estudo de Sutton & Farrall (2005). Concretamente, foram encontradas correlações positivas entre a desejabilidade social e as componentes do sentimento de insegurança, tanto na amostra total como nos indivíduos do sexo feminino e masculino. Com efeito, nas mulheres, a desejabilidade social correlacionou-se com o medo do crime ( $r = .29$ ), assim como nos homens ( $r = .28$ ). A desejabilidade social também se correlacionou positivamente com o risco percebido nas mulheres ( $r = .25$ ) e nos homens ( $r = .25$ ). Por sua vez, também se encontrou uma correlação estatisticamente significativa entre a desejabilidade social e a adoção de comportamentos de segurança nas mulheres ( $r = .44$ ) mas não nos homens. Através da análise correlacional entre a desejabilidade social e as variáveis sociodemográficas, percebemos que são os indivíduos com menos escolaridade ( $r = -.48$ ) e os sujeitos mais velhos ( $r = .39$ ) que reportam níveis mais elevados de desejabilidade social. No trabalho de Sutton & Farrall (2005), encontrou-se uma correlação negativa entre desejabilidade social e medo do crime nos indivíduos do sexo masculino e uma inexistência de correlação entre desejabilidade social e medo do crime nos sujeitos do sexo feminino. Os autores explicaram este resultado a partir da ideia de que nos homens há uma menor tendência para se reportar medo do crime porque, na visão da sociedade, não é esperado que os homens o façam. Todavia, outro estudo importante (Hardyns & Pauwels, 2010) encontrou uma correlação positiva entre a vertente comportamental do medo e a desejabilidade social, utilizando o mesmo instrumento que o estudo de Sutton & Farrall (2005) e o da presente investigação (*Eysenck Personality Questionnaire*). *Como explicamos as correlações positivas entre desejabilidade social e as componentes do sentimento de insegurança no presente estudo?* Podemos apontar duas sugestões possíveis. A primeira sugestão tem a ver com a validade, mais concretamente com a hipótese de os nossos resultados se tornarem enviesados pelo facto de os indivíduos responderem de forma desejável quando reportam sentirem-se inseguros. Todavia, se assim fosse, poderíamos esperar uma correlação igualmente positiva entre a desejabilidade social e,

por exemplo, o medo disposicional, o que não acontece no nosso estudo. Apesar de não negarmos a possibilidade da primeira sugestão, a nossa visão para o resultado sucedido (correlação positiva entre desejabilidade social e as componentes do sentimento de insegurança) direciona-se para uma segunda explicação. Efetivamente, consideramos estas correlações como uma hipótese de que, na nossa amostra, face ao atual contexto de inseguranças mais gerais e problemáticas (a crise, o desemprego, a falta de perspetivas futuras, a instabilidade), os indivíduos utilizarem o crime (e o medo dele) como um *bode expiatório* para realizarem uma chamada de atenção para aquelas inseguranças mais gerais e atualmente sentidas. Com efeito, os indivíduos podem não necessariamente sentirem-se muito medrosos, anteciparem um risco elevado e adotarem comportamentos face ao *crime* mas sim à *insegurança* advinda de problemas transversais ao contexto português. Esta ideia não é nova. De facto, a hipótese de que o medo do crime não é, muitas vezes, medo do *crime* mas de *inseguranças mais gerais*, já foi avançada por outros autores que se incluem nas teorias da *Sociedade do risco*. Nestas teorias, o medo do crime é conceptualizado como uma expressão de um conjunto mais largo de sentimentos de insegurança ou de incerteza(s) sobre a vida (Doran & Burgess, 2012; Holloway & Jefferson, 1997; Lupton & Tulloch, 1999). Os autores destas teorias propõem que o medo do crime fornece uma saída para expressar sentimentos gerais de ansiedade que predominam no dia-a-dia. O crime torna-se um *bode expiatório* adequado para as inseguranças e ansiedades mais gerais (Hollway & Jefferson, 1997; Lupton & Tulloch, 1999). Numa sociedade de risco (Beck, 1992), existe um conjunto de riscos imprevisíveis e incontrolláveis que afetam todos os indivíduos independentemente da posição social ou classe social. Pelo contrário, os riscos focados no discurso do medo do crime tendem a ter vítimas identificadas e ofensores identificados. Isto faz com que sejam *conhecidos*. É por isso que, segundo a literatura, os indivíduos não têm medo de crimes onde não haja uma vítima identificada nem um criminoso identificado (e.g., crimes de corrupção) (Hollway & Jefferson, 1997). Outros autores (Dammert & Malone, 2003) defendem que o medo do crime deve ser relacionado com outras inseguranças, dado que não abrange apenas o medo de atos criminais *per se*, mas é antes uma manifestação de inseguranças diárias mais largas, incluindo económicas, políticas e sociais. Partilhando nós também esta perspetiva, defendemos que, apesar do medo do crime ser indubitavelmente uma *emoção* (negativa) e ter uma dimensão eminentemente individual, também não deixa de ter uma componente social. Portanto, não depende apenas das nossas características individuais, mas da forma como o *social* é apreendido (e o que é apreendido). Com efeito, o medo do crime é uma reação



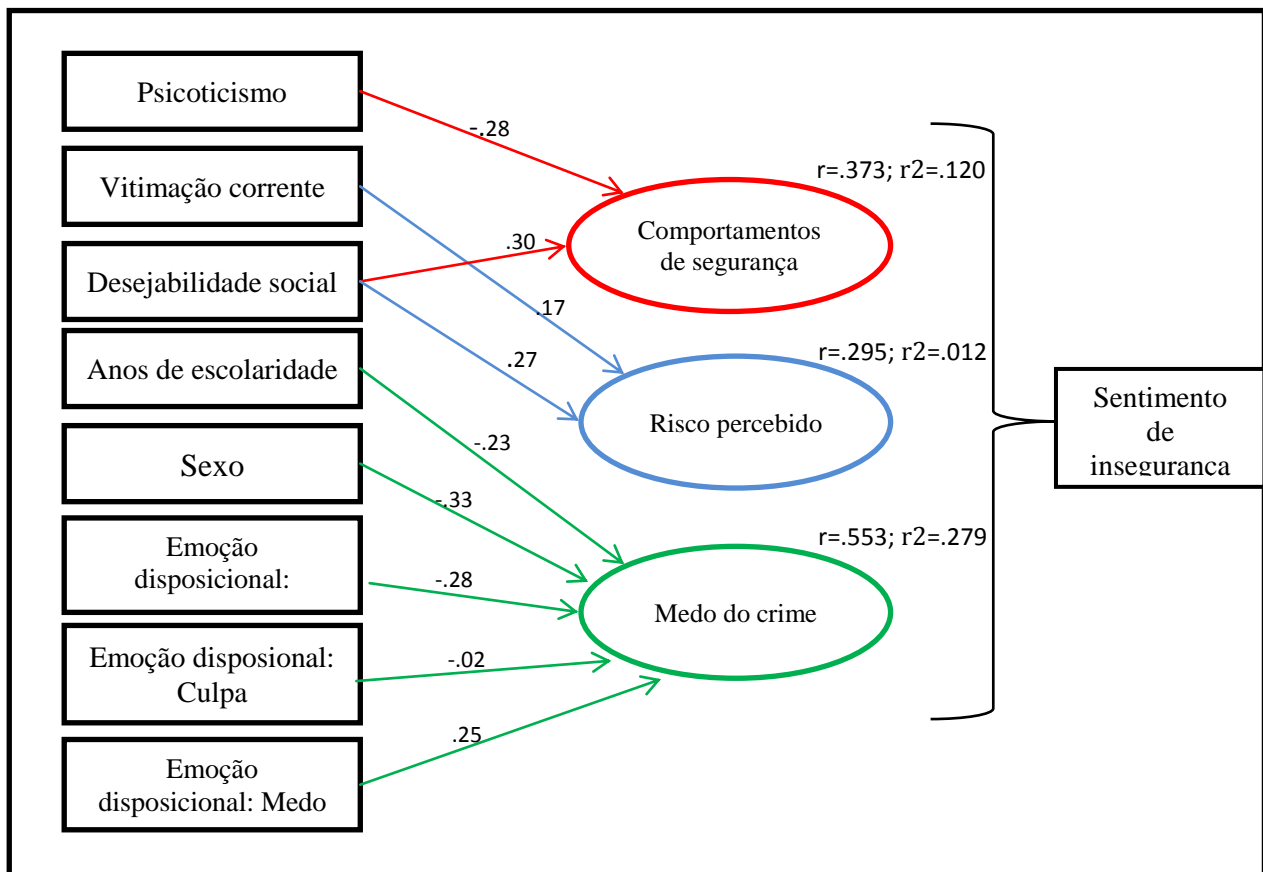
emocional que ocorre face à possibilidade de vitimação ou símbolos associados a esta. Estes símbolos são, por exemplo, dimensões contextuais do espaço, como as incivildades, a falta de luminosidade, locais não familiares, mas também a simples presença de um estranho em locais isolados. Ou seja, o medo do crime, apesar de ser uma resposta individual, é uma resposta a um contexto social e cultural mais largo.

Outro dado fundamental resultante da nossa investigação foi a relação encontrada entre o medo do crime e o medo enquanto emoção disposicional, medido através do *Differential Emotions Scale* (IV). Esta correlação positiva observou-se não só para a amostra total ( $r=.25$ ) mas também para o sexo feminino ( $r=.33$ ) mas já não para o sexo masculino ( $r=.02$ ). Assim, estes dados sugerem que os indivíduos do sexo feminino com tendência para experienciarem, geralmente, níveis mais elevados de medo (enquanto emoção disposicional) são também os que reportam níveis mais elevados de medo do crime. Este resultado manteve-se após se ter controlado a correlação para a desejabilidade social. Portanto, o nosso estudo vai de encontro ao de Chadee et al (2008) que encontrou uma relação entre a ansiedade e o medo do crime e também, parcialmente, com a teoria de Gabriel e Greeve (2008) que referiram a existência de uma relação entre o medo do crime situacional e o medo do crime disposicional. Para além desta correlação positiva entre o medo do crime e a emoção disposicional mediu verificou-se que quando os indivíduos foram vitimados recentemente (no presente estudo, últimos 12 meses) a relação entre o medo do crime e o medo disposicional é amplificada em relação aos indivíduos que não foram vítimas. Apesar de não se ter encontrado uma interação entre medo disposicional e experiências de vitimação que atingisse o significado estatístico, as análises regressionais demonstraram a existência de diferenças. Com efeito, para os indivíduos que nos últimos 12 meses não foram vítimas de crime, o  $r^2$  ajustado do modelo de regressão foi de .07. Quanto nos focamos nos sujeitos que foram vítimas de crime nos últimos 12 meses, o  $r^2$  ajustado do modelo passa para .20, sendo significativo. *Qual a razão para esta amplificação dos níveis de medo do crime no nosso estudo?* Uma sugestão que podemos avançar para este resultado obtido é que o facto de os indivíduos não terem sido vítimas de crime recentemente, faz com que o medo da vitimação em específico não esteja relacionado com as características disposicionais, justamente por estes indivíduos não terem tido essa experiência de vitimação. Todavia, será de esperar que os indivíduos que já foram vítimas e, principalmente, se essa vitimação foi recente, o medo do crime que sentem irá correlacionar-se com o medo disposicional. Assim, a relação entre o que somos disposicionalmente e o medo do crime *não é imutável e invariante*: pode depender das nossas experiências, entre elas as de vitimação.

Além de termos estudado o medo do crime, a percepção do risco de vitimação e a adoção de comportamentos de segurança enquanto variáveis que se correlacionavam com outras (sociodemográficas, personalidade e emoções disposicionais), operamos um conjunto de procedimentos estatísticos que permitiram ver que variáveis melhor prediziam as componentes do sentimento de insegurança. Os resultados obtidos foram, em parte, de encontro ao que já era esperado e ao que se tem encontrado na literatura. Com efeito, pudemos constatar que as variáveis independentes que melhor predisseram o *medo do crime* foram o sexo, os anos de escolaridade e as emoções disposicionais como o interesse, o medo e a culpa. Neste modelo, que procurou conjugar as diferentes variáveis independentes em estudo, verificamos que a personalidade não foi uma variável que explicou o medo do crime de forma estatisticamente significativa. Todavia, consistentemente, o sexo e os anos de escolaridade tiveram um poder explicativo do medo do crime, a par do medo disposicional. O que nos surpreendeu foi o facto de as emoções interesse e culpa entrarem no modelo de forma negativa enquanto preditoras da componente emocional do sentimento de insegurança. Quanto à variável interesse, torna-se difícil encontrar uma explicação consistente para o facto de os indivíduos com disposição para experienciar menos interesse serem os que reportam mais medo do crime. No entanto, uma explicação possível poderia ser a de o facto dos indivíduos que revelam maior interesse serem indivíduos que têm prazer em explorar novos ambientes e, logo, são menos adversos ao risco. Sendo menos adversos ao risco, poderão, então, ter níveis menos elevados de medo do crime. Na nossa amostra, encontramos uma correlação negativa entre a emoção disposicional interesse e a percepção do risco ( $r = -.20$ ). Tal significa que os indivíduos que experienciam, geralmente, mais interesse, são indivíduos que percebem menos risco de vitimação. Para além disso, apesar de o risco ser uma componente cognitiva e o medo do crime ser uma componente emocional, a verdade é que estas dimensões se correlacionam positivamente na amostra ( $r = .49$ ). Todavia, esta explicação para a correlação negativa entre interesse disposicional e medo do crime é apenas sugestiva e necessita de ser testada empiricamente. Por sua vez, a culpa também entrou negativamente para a explicação do medo do crime. Uma explicação que poderá ser sugerida tem a ver com o facto de, apesar de a culpa ser uma emoção negativa (assim como o medo), são emoções de ordem diferente. Isto é, enquanto que a culpa é uma emoção que nos responsabiliza face ao que nos acontece, o medo do crime é uma emoção “orientada para o outro/exterior”. Isto é, os indivíduos têm medo do crime, medo do “outro” que não está sob o seu controlo. Por esse motivo, quanto mais os indivíduos tendem a culpar-se a si pelo o que acontece, isto é, quanto

mais se responsabilizam a eles próprios e sentem que a situação está por eles controlada, menos medo do crime (do que não podem controlar) poderão sentir. Porém, novamente, esta explicação é meramente sugestiva, necessitando de ser testada empiricamente. Por sua vez, as variáveis que tiveram poder preditivo na *percepção do risco de vitimação* foram as seguintes: vitimação nos últimos 12 meses e a desejabilidade social. Assim, constatou-se que o facto de se ter sido vitimado nos últimos 12 meses explica os níveis mais elevados de percepção do risco de vitimação. Todavia, a par disto, o risco percebido também é explicado pela desejabilidade social. Por último, as variáveis independentes que tiveram um importante poder preditivo na *adoção de comportamentos* foram o psicoticismo e a desejabilidade social.

A partir dos dados obtidos no presente estudo propõe-se um modelo de explicação que sumarie o sentimento de insegurança. Atentemos ao seguinte esquema (figura 5).



**Figura 5** Esquema exemplificativo do modelo final proposto de explicação das variáveis constituintes do sentimento de insegurança. Os valores das setas referem-se às correlações entre as variáveis.

Como se verifica no modelo proposto, diferentes variáveis independentes explicam cada uma das variáveis dependentes do nosso estudo. Além das conclusões referidas anteriormente, destaca-se uma muito importante: apesar de estas três variáveis fazerem parte de um constructo mais largo e de se correlacionarem entre si, elas não se confundem, pelo facto de

haver diferentes variáveis a explicar cada uma destas componentes. Por este motivo, importa sempre, para efeitos de investigação científica, separar e definir cada um destes três componentes, mesmo fazendo parte de um constructo mais largo.

Mas, apesar de estes resultados que consideramos relevantes, a presente investigação não está isenta de críticas. Há, na comunidade científica, um amplo debate sobre a forma de operacionalização das componentes do sentimento de insegurança, principalmente no que diz respeito à componente emocional (Ferraro & LaGrange, 1987; Farrall et al., 1997; Gray et al., 2008; Farrall & Gadd, 2004; Jackson, 2005). A principal crítica que tem sido realizada à medição do medo do crime é o facto de muitos estudos utilizarem apenas um item em que se questiona “como se sente ou sentiria a caminha sozinho no seu bairro à noite?”. Recentemente, a operacionalização desta dimensão tem vindo a ser melhorada, utilizando-se um número maior de itens para ter em conta a sua complexidade. Todavia, os autores referidos também chamam a atenção para o facto de aquele tipo de questões não referir, sequer, o termo “medo” e, portanto, coloca-se a dúvida de estar a medir, efetivamente, uma componente emocional. A verdade é que tem sido a forma de medir esta componente e é forma de operacionalização utilizada pelos inquéritos internacionais de vitimação como o *International Crime Victims Survey* (ICVS). Na nossa investigação optamos por utilizar um conjunto de seis itens baseados nos inquéritos internacionais de vitimação, em que se questionou como é que os indivíduos se sentem quando caminham sozinhos de noite e dia na sua zona de residência, de noite e de dia na cidade do Porto e nos mesmos espaços temporais mas dentro das suas habitações. A consistência interna do índice do medo do crime foi elevada ( $\alpha=.86$ ). Em investigações futuras, poderá optar-se pela utilização de novas medidas do medo do crime em que seja possível, tal como referem autores como Gray et al., (2008) ter em conta a frequência e a intensidade dos episódios emocionais de medo do crime.

Outro aspeto que sugerimos em termos de metodologia é relativamente ao tamanho da amostra. Assim, consideramos necessária a replicação e extensão do estudo a amostras mais elevadas e diversificadas. Na nossa investigação, foi feito um esforço para a diversificação da amostra. Com efeito, tal como foi explicado ao longo da dissertação, numa primeira fase a amostra era constituída apenas por estudantes de várias Faculdades da Universidade do Porto. Seguidamente, o mesmo inquérito foi aplicado a indivíduos com outras idades e profissões, no sentido de diversificarmos a amostra, o que foi uma mais-valia para o presente estudo. O principal objetivo foi garantir que os resultados obtidos não fossem devido às características da amostra, mas sim à verdadeira relação entre as variáveis dependentes e independentes, o

que nos remete para a validade interna. Mesmo assim, consideramos que num próximo estudo é importante aumentar o tamanho da amostra e diversificá-la o mais possível.

Em termos de validade das conclusões estatísticas, foram realizadas opções metodológicas com vista a garanti-la. Por exemplo, procedeu-se à verificação da potencial violação dos pressupostos de normalidade para cada variável, por forma a perceber se era possível utilizar testes paramétricos. Como as variáveis não seguiram uma distribuição normal usaram-se testes não paramétricos. Todavia, as regressões lineares são métodos estatísticos em que se pressupõe a normalidade das distribuições, o que no nosso estudo não aconteceu, como já foi referido. No entanto, de acordo com o Teorema do Limite Central, para uma amostra superior a 30 indivíduos, a distribuição das médias amostrais pode ser aproximada por uma distribuição normal. Assim, considerou-se relevante utilizar esse método, com o objetivo de verificar que variáveis independentes melhor prediziam as variáveis dependentes (medo do crime, risco percebido e adoção de comportamentos de segurança). Este procedimento foi fundamental para consolidar a análise que pretendíamos realizar.

Por último, é importante ainda criticar o facto de algumas variáveis terem uma consistência interna aquém do necessário para podermos garantir completamente a validade das conclusões estatísticas. Mais concretamente, como foi verificado ao longo do trabalho, algumas emoções disposicionais medidas com o DES-IV tiveram baixos alfas de Cronbach (e.g., a culpa e a vergonha), assim como a escala de psicoticismo medida através do EPQ-RS ( $\alpha=.37$ ). No que respeita ao psicoticismo, a verdade é que a generalidade dos estudos que utiliza esta dimensão tem obtido baixa consistência interna para aquela escala. Por exemplo, um estudo de Francis, Brown & Philipchalk (1992) encontrou baixos coeficientes alfa de Cronbach tanto para os homens ( $\alpha=.33$ ) como para as mulheres ( $\alpha=.52$ ). Outro estudo de Tiwari, Singh e Singh (2009) encontrou um nível alfa igualmente baixo ( $\alpha=.24$ ) para o psicoticismo. Relativamente às emoções disposicionais referidas, enquanto que no nosso estudo o alfa de Cronbach para a emoção culpa foi de .55, no estudo de Izard e colaboradores (1993) foi de .73. Por sua vez, o alfa de Cronbach para a emoção vergonha na nossa investigação foi de .56, relativamente mais baixa do que a encontrada por Izard e colaboradores (1993) no estudo referido ( $\alpha=.60$ ).

Pretende-se agora fornecer algumas pistas de investigação para o futuro. Em primeiro lugar, consideramos relevante aprofundar a *componente emocional* do sentimento de insegurança, ou seja, o medo do crime. Para estudar esta componente, consideramos importante ir além dos instrumentos que vulgarmente são utilizados na sua medição

(designadamente os inquéritos), utilizando outro tipo de metodologias que não têm sido aplicadas a esta área, como os instrumentos da neuropsicofisiologia. Neste contexto de laboratório, apesar de ser uma situação mais artificial, é possível tomar controlo sobre as variáveis e, portanto, aumentar a validade interna. É também exequível induzir emoções através de diferentes estímulos previamente preparados e passíveis de serem manipulados. Numa investigação futura pretendemos construir uma base de dados de fotografias de contexto urbano de diferentes condições: baixa luminosidade, elevada luminosidade, diferentes níveis de incividades físicas, entre outros aspetos contextuais. Esta base de dados segue a ideia e procedimentos de Lang (1980) e Lang et al., (2005) que construiu o *International Affective Picture System* (IAPS), uma base de dados de fotografias de diferentes níveis de valência, dominância e intensidade. Nesse futuro estudo, mediante um conjunto de contextos urbanos representados, será possível medir as reações neuropsicofisiológicas através de diferentes índices tais como a atividade eletrodérmica da pele, o ritmo cardíaco e os potenciais evocados. Poderá então estudar-se que tipos de características ou pistas ambientais desencadeiam níveis mais elevados de medo e, inclusivamente, se este medo é mediado por outras variáveis individuais como a personalidade e as emoções disposicionais. Por exemplo, será que os indivíduos com níveis mais elevados de emoção disposicional medo têm reações emocionais mais elevadas a um determinado contexto em relação a indivíduos com níveis mais baixos de emoção disposicional medo? Seria uma importante questão para tentar responder.

Por outro lado, consideramos também importante o uso de metodologias mistas que complementassem as metodologias quantitativas do presente estudo, designadamente metodologias qualitativas para estudar dimensões individuais e contextuais de onde emergem sentimentos, emoções, perceções, ideias e significados. Com efeito, através de uma abordagem qualitativa, as emoções são situadas nos detalhes das circunstâncias no decorrer da vida dos indivíduos, percebendo-se o significado e a importância que estas situações têm para a experiência do medo do crime. Através das metodologias qualitativas, seria importante perceber o significado que os indivíduos atribuem às experiências de vitimação diretas e indiretas e o impacto que estas têm no sentimento de insegurança. Podia também explorar-se se o medo do crime é uma reação frequente e intensa na vida dos sujeitos e a importância que aquele tem no quotidiano dos indivíduos. Por outro lado, também seria relevante explorar a questão já lançada previamente acerca do medo do crime enquanto um elemento que poderá representar, face ao contexto atual, um conjunto de inseguranças mais gerais e preocupantes

nas vidas dos sujeitos. Vários investigadores têm utilizado métodos qualitativos para estudar o sentimento de insegurança (Stanko, 1990, Taylor, 1996 cit. Pain, Williams & Hudson, 2000; Koskela & Pain, 2000; Hollander, 2001).

Por último, importa referir que a presente dissertação pretendeu fornecer novas contribuições para a área do sentimento de insegurança, estudando objetos que, apesar de largamente explorados na literatura (personalidade e emoções) não têm sido associados às dimensões do sentimento de insegurança. No entanto, mais do que a importância de termos constatado os resultados já discutidos, é a relevância de novas questões terem surgido e que são suscetíveis de serem estudadas. Por exemplo, porque é que apenas existe uma correlação entre psicoticismo e risco percebido/psicoticismo e adoção de comportamentos nos indivíduos do sexo masculino? E porque é que apenas nas mulheres se verifica a correlação entre o medo disposicional e o medo do crime? Como é que podemos explicar a correlação consistentemente observada entre o sentimento de insegurança e a desejabilidade social? O medo do crime é efetivamente uma emoção com manifestações psicofisiológicas face a determinados contextos ou é uma emoção racionalizada pelos sujeitos no momento de responderem aos inquéritos?

Muitas questões ficam por responder. Mas, como diria Claude Bernard, as hipóteses lançadas são *férteis*. E estas, por sua vez, são o motor da investigação científica que, aliado a um espírito crítico, humilde e curioso, sem a pretensão da explicação definitiva das coisas, poderá contribuir para a complexificação e compreensão do objeto de estudo em causa, tendo sido esse, indubitavelmente, o nosso desígnio na presente investigação.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Abe, J. (2004). Shame, guilt and personality judgment. *Journal of Research in Personality*, 38(2), 85-104.
- Adams, R. & Serpe, R. (2000). Social integration, fear of crime and life satisfaction. *Sociological Perspectives*, 43(4), 605-629.
- Agra, C. d. (2007). Podemos medir a Criminalidade e a Segurança? *Sep. De Inovação, poder e desenvolvimento: Congresso de Cidadania*, 227-234.
- Agra, C. d., Quintas, J. & Fonseca, E. (2001). De lá securité démocratique à la démocratie sécuritaire: le cas Portugais. *Déviance et Société*. 25(4), 499-513.
- Aluja, A., García, O. & García, L. (2003). A psychometric analysis of the revised Eysenck Personality Questionnaire short scale. *Personality and Individual Differences*, 35(2), 449-460.
- Amerio, P. & Roccato, M. (2007). Psychological reactions to crime in Italy: 2002-2004. *Journal of Community Psychology*, 35(1), 91-102.
- Armstrong, T. & Katz, C. (2010). Further evidence on the discriminant validity of perceptual incivilities measures. *Justice Quarterly*, 27(2), 280-304.
- Atkins, S., Husain, S., & Storey, A. (1991). *The influence of street lighting on crime and fear of crime*. Crime Prevention Unit Paper 28. London: Home Office.
- Barker, A. & Crawford, A. (2006). Fear of crime and insecurity in Europe. Assessing Deviance, *Crime and Prevention in Europe*. Project CRIMPREV.
- Beck, U. (1992). *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage.
- Bishop, I. & Rohrmann, B. (2003). Subjective responses to simulated and real environments. *Landscape and Urban Planning*, 65(4), 261-277.
- Blumerg, S. & Izard, C. (1985). Discriminating patterns of emotions in 10 and 11 years old children's anxiety and depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5,: 852-857.
- Boers, U. (1992). Fear of violent crime. In Heitmeyer, W. and Hagan, J. (Eds.), *International Handbook of Violence Research*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 1131-1150.
- Borooah, V. & Carcach, C. (1997). Crime and fear: evidence from Australia. *British Journal of Criminology*, 37(4), 635-657.



- Brantingham, P. e Brantingham, P. (1981). *Environmental criminology*. 2ª Ed., Illinois: Waveland Press, Inc.
- Carey, T., Finch, A. & Carey, M. (1991). Relation between different emotions and depression in emotionally disturbed children and adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 594-597.
- Chadee, D. & Ditton, J. (2003). Are older people most afraid of crime? Revisiting Ferraro and LaGrange in Trinidad. *British Journal of Criminology*, 43(2), 417-433.
- Chadee, A. D., Virgil, J. N. & Ditton, J. (2008). State-trait anxiety and fear of crime: a social psychological perspective. In S. Farrall & M. Lee (eds.) *Fear of crime: critical voices in an age of anxiety*. USA e Canadá: Routledge-Cavendish.
- Connelly, B. S. & Ones, D. S. (2008). The personality of corruption: a national-level analysis. *Cross-cultural Research*, 42(4), 353-385.
- Costa, P., Terracciano, A., McCrae, R. (2001). Gender differences in personality traits across cultures: robust and surprising findings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(2), 322-331.
- Cusson, M. (2006). *Criminologia*. Cruz Quebrada: Casa das Letras/Editorial Notícias.
- Dammert, L. & Malone, M. (2003). Fear of crime or fear of life? Public insecurities in Chile. *Bulletin of Latin American Research*, 22(1), 79-101.
- Delisi, M. & Regoli, B. (2000). Individual neighborhood attachment and perceptions of neighborhood safety. *American Journal of Criminal Justice*, 24(2), 181-188.
- Diener, E., Smith, H. & Fujita, F. (1995). The personality structure of affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 130-141.
- Doran, B. J. & Burgess, M. (2012). *Putting fear of crime on the map: investigating perceptions of crime using geographic information systems*. London: Springer.
- Doran, B. & Lees, B. (2005). Investigating the spatiotemporal links between disorder, crime and the fear of crime. *The Professional Geographer*, 57(1), 1-12.
- Duncan, T., Duncan, S., Okut, H., Strycker, L. & Hix-Small, H. (2003). A multilevel contextual model of neighborhood collective efficacy. *American Journal of Community Psychology*, 32(3-4), 245-252.
- Emmons, R. e Diener, E. (1986). An interactional approach to the study of personality and emotion. *Journal of Personality*, 54(2), 371-384.
- Eysenck, H. J. e Eysenck, S.B.G. (1997). *Cuestionario revisitado de personalidad de Eysenck*. Madrid: Publicaciones de Psicología Aplicada.

- Eysenck, H. (1998a). *Dimensions of personality*. USA and UK: Transaction Publishers.
- Eysenck, H. e Eysenck, S. (1998b). *Manual of the Eysenck Personality Scales*. 10 Ed. London: Hodder & Stoughton Educational.
- Farrall, S. (2007). *Experience and expression in the fear of crime: full research report*, Swindon, ESRC.
- Farrall, S., Bannister, J., Ditton, J. & Gilchrist, E. (1997). Questioning the measurement of the fear of crime: Findings from a major methodological study. *British Journal of Criminology*, 37(4), 657-78.
- Farrall, S. & Gadd, D. (2004). The frequency of the fear of crime. *British Journal of Criminology*, 44(1), 127-132.
- Feingold, A. (1994). Gender differences in personality: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 429-456.
- Ferrando, P. (1997). Dimensional analysis of the EPQ-R lie scale with a Spanish sample: gender differences and relations to N, E and P. *Personality and Individual Differences*, 23(4), 631-637.
- Ferrando, P. (2008). The impact of social desirability bias on the EPQ-R item scores: an item response theory analysis. *Personality and Individual Differences*, 44(8), 1784-1794.
- Ferraro, K. (1995). *Fear of crime: interpreting the victimization risk*. New York: State University of New York Press.
- Fisher, B., & Nasar, J. (1995). Fear spots in relation to microlevel physical cues - exploring the overlooked. *Journal Of Research in Crime and Delinquency*, 32(2), 214-239.
- Fonseca, E. (1998). *Representação Social da Insegurança: Crime e Crise*. Tese de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Francis, L., Brown, L. & Philipchalk, R. (1992). The development of an abbreviated form of the revised Eysenck personality questionnaire (EPQR-A): Its use among students of England, Canada, the USA and Australia. *Personality and individual differences*, 13(4), 443-449.
- Franklin, T. W., Franklin, C.A., & Fearn, N.E. (2008). A multilevel analysis of the vulnerability, disorder, and social integration models of fear of crime. *Social Justice Research*, 21, 204-227.
- Fuenzalida, C. (1981). Validation of the Differential Emotions Scale in 613 mothers. *Motivation and Emotion*, 5(1), 37-45.

- Gabriel, U., & Greve, W. (2003). The Psychology of Fear of Crime: conceptual and Methodological Perspectives. *British Journal of Criminology*, 43, 600-614.
- Gibson, C., Zhao, J., Lovrich, N. & Gaffney, M. (2002). Social integration, individual perceptions of collective efficacy, and fear of crime in three cities. *Justice Quarterly*, 19(3), 537-564.
- Goldberg, L. R., Sweeney, D., Merenda, P. F., Hughes, J. E. (1998). Demographic variables and personality: the effects of gender, age, education and ethnic/racial status on self-descriptions of personality attributes. *Personality and Individual Differences*, 24(3), 393-403.
- Gomme (1988). The role of experience in the production of fear of crime: a test of a causal model. *Canadian Journal of Criminology*, 30, 67-76.
- Gray, E., Jackson, J. & Farral, S. (2008). Reassessing the fear of crime. *European Journal of Criminology*, 5(3), 363-380.
- Gray, E. e Watson, D. (2007). Assessing Positive and Negative Affect via Self-Report. In Coan, J. & Allen, J. *Handbook of emotion elicitation and assessment*. Oxford: Oxford University Press.
- Grabosky, P. (1995). Fear of crime, and fear reduction strategies. *Trends and Issues in Crime and Criminal Justice*, 44, 1-6.
- Gross, J., Sutton, S. e Ketelaar, T. (1998). Relations between affect and personality: support for the affect-level and affective-reactivity views. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 279-288.
- Guedes, I., Cardoso, C. & Agra C. d. (2012). Medo do crime: revisão conceptual e metodológica. In. Agra, C. d. (Ed.). *Criminologia*. No prelo.
- Hale, C. (1996). Fear of crime: A review of the literature, *International Review of Victimology*, 4, 79-150.
- Hansenne, M. (2004). *Psicologia da personalidade*. Lisboa: Climepsi.
- Hanyu, K. (1997). Visual Properties and Affective Appraisals in Residential Areas After Dark. *Journal of Environmental Psychology*, 17, 301-315.
- Hanyu, K. (2000). Visual Properties and Affective Appraisals in Residential Areas in Daylight. *Journal of Environment Psychology*, 20, 273-284.
- Hardyns, W. & Pauwels, L., (2010). Different measures of fear of crime and survey measurement error. In: M. Cools, B. De Ruyver, M. Easton, L. Pauwels, P. Ponsaers, G. Vande Walle, T. Vander Beken, F. Vander Laenen, G. Vermeulen & G. Vynckier

- (Eds.), *Governance of Security Research Papers Series III, New Empirical Data, Theories and Analyses on Safety, Societal Problems and Citizens' Perceptions* (pp. 19-39). Antwerpen: Maklu.
- Herzog, T., e Chernick, K. (2000). Tranquility and Danger in Urban and Natural Settings. *Journal of Environmental Psychology*, 20, 29-39.
- Hollander, J. (2001). Vulnerability and dangerousness: the construction of gender through conversation about violence. *Gender & Society*, 15(1), 83-109.
- Holloway, W. & Jefferson, T. (1997). The risk society in an age of anxiety: situating fear of crime. *The British Journal of Sociology*, 48(2), 255-266.
- Hunter, A. (1978). Symbols of incivility: social disorder and fear of crime in urban neighborhoods. Paper presented to the Annual Meeting of the American Criminological Society, Dallas.
- Hunter, A. & Baumer, T. (1982). Street traffic, social integration and fear of crime. *Sociological Inquiry*, 52(2), 122-131.
- Innes, M. & Fielding, N. (2002). From community to communicative policing: "Signal Crimes" and the problem of public reassurance. *Sociological Research Online*, 7(2).
- Innes, M. (2004). Signal crimes and signal disorders: notes on deviance as communicative action. *The British Journal of Sociology*, 55(3), 335-353.
- Izard, C. (2009). Emotion theory and research: highlights, unanswered questions and emerging issues. *Annual Review Psychology*, 60, 1-25.
- Izard, C., Libero, D., Putnam, P. & Haynes, O. (1993). Stability of emotion experiences and their relations to traits of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(5), 847-860.
- Jackson, J. (2004). Experience and expression: social and cultural significance in the fear of crime. *The British Journal of Criminology*, 44(6), 946-966.
- Jackson, J. (2005). Validating new measures of the fear of crime. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(4), 297-315.
- Jackson, J. (2006). Introducing fear of crime to risk research. *Risk analysis*, 26(1), 253-264.
- Jamison, R. (1980). Psychoticism, deviancy and perception of risk in normal children. *Personality and Individual Differences*, 1(1), 87-91.
- Kaplan, R. & Kaplan, S. (1989). Environmental preference: a comparison of four domains of predictors. *Environment and Behavior*, 21(5), 509-530.

- Kelling, G. & Coles, C. (1998). *Fixing broken windows: restoring order and reducing crime in our communities*. New York: A Touchstone Brook.
- Keltner, D. & Lerner, J. S. (in press). Emotion. In D. Gilbert, S. Fiske, and G. Lindsey (Eds.). *Handbook of Social Psychology* (5<sup>th</sup> edition). New York: McGraw Hill.
- Klama, E. & Egan, V. (2011). Personality and mental health influences on fear of crime and attitudes to punishment. *Personality and Individual Differences*, 51, 613-617.
- Koskela, H. & Pain, R. (2000). Revisiting fear and place: women's fear of attack and the built environment. *Geoforum*, 31(2), 269-280.
- Kuhn, A. & Agra, C. d. (2010). *Somos todos criminosos?* Porto: Casa das Letras.
- LaGrange, R. & Ferraro, K. (1987). The measurement of fear of crime. *Sociological Inquiry*, 57(1), 70-97.
- LaGrange, R. L., & Ferraro, K. F. (1989). Assessing Age and Gender Differences in Perceived Risk and Fear of Crime. *Criminology*, 27(4), 697-720.
- Lang, P.J. (1980). Behavioral treatment and bio-behavioral assessment: computer applications. In: Sadowski, J.B, Johnson, J.H, Williams, T.A. (Eds.), *Technology in Mental Health Care Delivery Systems*. Ablex Publishing, Norwood, NJ. pp. 119-137.
- Lang, P.J., Bradley, M.M., e Cuthbert, B.N. (2005). *International affective picture system (IAPS): Affective ratings of pictures and instruction manual. Technical Report A-6*. University of Florida, Gainesville, FL.
- Larsen, J. R. & Ketelaar, T. (1989). Extraversion, neuroticism and susceptibility to positive and negative mood induction procedures. *Personality and Individual Differences*, 10(12), 1221-1228.
- Lerner, J. S. & Keltner, D. (2001). Fear, anger and risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(1), 146-159.
- Liska, A. E., Sanchirico, A. & Reed, M. D. (1988). Fear of crime and constrained behavior specifying and estimating a reciprocal effects model. *Social Forces*, 66(3), 827-837.
- Lommon, M., Engelhard, I. & Marcel, A. (2010). Neuroticism and avoidance of ambiguous stimuli: better safe than sorry. *Personality and individual differences*, 49(8), 1001-1006.
- Lupton, D. & Tulloch, J. (1999). Theorizing fear of crime: beyond the rational/irrational opposition. *British Journal of Sociology*, 50(3), 507-523.
- Lynn, R. & Martin, T. (1997). Gender differences in extraversion, neuroticism and psychoticism in 37 nations. *Journal of Social Psychology*, 137(3), 369-374.

- Machado, C. (2004). *Crime e Insegurança. Discursos do Medo, Imagens do Outro*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Machado, C. & Agra, C. d. (2002). Insegurança e medo do crime: da rutura da sociabilidade à reprodução da ordem social. *Revista Portuguesa da Ciência Criminal*, 12, 79-101.
- Madriz, E. (1997). *Nothing Bad Happens to Good Girls: Fear of Crime in Women's Lives*. Berkeley: University of California Press.
- Mann, R., Birks, Y., Hall, J., Torgerson, D. & Watt, I. (2006). Exploring the relationship between fear of falling and neuroticism: a cross-sectional study in community-dwelling women over 70. *Age Ageing*, 35(2), 143-147.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com SPSS Statistics*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martin, T. & Kirkcaldy, B. (1998). Gender differences on the EPQ-R and attitudes to work. *Personality and Individual Differences*, 24(1), 1-5.
- McCrae, R. & Costa, P. (1991). Adding liebe und arbeit: the full Five-Factor Model and well-being. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(2), 227-232.
- McCrae, R. & Costa, P. (2004). A contemplated revision of the NEO Five-Factor Inventory. *Personality and Individual Differences*, 36(3), 587-596.
- McCrae, R., Costa, P., de Lima, M., Simões, A., Ostendorf, F., Angleitner, A., Marusic, I., Bratko, D., Caprara, V., Barbaranelli, C., Chae, J. & Piedmont, R. (1999). Age differences in personality across the adult life span: parallels in five cultures. *Development Psychology*, 35(2), 466-477.
- Mesch, G. S. (2000). Perceptions of risk, lifestyle activities, and fear of crime. *Deviant Behavior*, 21(1), 47-62.
- Nasar, J. (1983). Adults viewers' preferences in residential scenes: a study of the relationship between of environmental attributes to preference. *Environment and Behavior*, 15(5), 589-614.
- Nasar, J. (1984). Visual preferences in urban street scenes: a cross-cultural comparison between Japan and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 15(1), 79-93.
- Nasar, J., e Fisher, B. (1993). Hot spots of fear of crime: A multiple-method investigation. *Journal of Environmental Psychology*, 13, 187-206.
- Nasar, J., e Jones, K. (1997). Landscapes of fear and stress. *Environment and Behavior*, 29(3), 291-323.

- Nelson, A., Bromley, R. & Thomas, C. (2001). Identifying micro-spatial patterns of violent crime and disorder in the British city centre. *Applied Geography*, 21, 249-279.
- Oh, J. & Kim, S. (2009). Aging, neighborhood attachment, and fear of crime: testing reciprocal effects. *Journal of Community Psychology*, 37(1), 21-40.
- Oliveira, J. (2002). Neuroticismo: algumas variáveis diferenciais. *Análise Psicológica*, 4(XX), 647-655.
- Pain, R., Williams, S. & Hudson, B. (2000). Auditing fear of crime on North Tyneside: a qualitative approach. *British Society of Criminology Conference: Selected proceedings, Volume 3*.
- Painter, K. (1994). The Impact of Street Lighting on Crime, Fear and Pedestrian Use. *Security Journal*, 5, 116-124.
- Painter, K. (1996). Street Lighting, Crime and Fear of Crime: A Summary of Research. In: T. Bennett (ed.), *Preventing Crime and Disorder*. Cambridge, UK: Institute of Criminology.
- Paulhus, D. L. (1984). Two-component models of socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(3), 598-609.
- Perkins, D. e Taylor, R. (1996). Ecological assessments of community disorder: their relationship to fear of crime and theoretical implications. *American Journal of Community Psychology*, 24(1), 63-107.
- Petherick, N. (2000). Environmental design and fear: the prospect-refuge model and the university college of the Cariboo Campus. *Western Geography*, 10, 89-112.
- Phillips, T. e Smith, P. (2004). Emotional and behavioral responses to everyday incivility. *Journal of Sociology*, 40(4), 378-399.
- Queirós, C. (1997). *Emoções e cognições em consumidores de droga e delinquentes* (Vol. 7, Ed., 176 p.) Droga-Crime: estudos interdisciplinares). Lisboa: Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Rader, N. E., May, D.C., Goodrum, S. (2007). An empirical assessment of the “threat of victimization”: considering fear of crime, perceived risk, avoidance, and defensive behaviors. *Sociological Spectrum: Mid-South Sociological Association*, 27(5), 475-505.
- Reid, L. W. & Konrad, M. (2004). The gender gap in fear of crime: assessing the interactive effects of gender and perceived risk on fear of crime. *Sociological Spectrum*, 24, 399-425.
- Robert, P. (2002). *O cidadão, o Crime e o Estado*. Lisboa: Editorial Notícias.

- Robinson, J., Lawton, B. Taylor, R. & Perkins, D. (2003). Multilevel longitudinal impacts of incivilities: fear of crime, expected safety and block satisfaction. *Journal of Quantitative Criminology*, 19(3), 237-274.
- Russo, S. & Roccato, M. (2010). How long does victimization foster fear of crime? A longitudinal study. *Journal of Community Psychology*, 38, 960-974.
- Rusting, C. e Larsen, R. (1997). Extraversion, neuroticism, and susceptibility to positive and negative affect: A test of two theoretical models. *Personality and Individual Differences*, 22(5), 607-612.
- Sampson, R. (2009). Disparity and diversity in the contemporary city: social (dis)order revisited. *The British Journal of Sociology*, 60(1), 1-31.
- Sampson, R., Raudenbush, S. & Earls, F. (1997). Neighborhoods and violent crime: a multilevel study of collective efficacy. *Science*, 277(5328), 918-924.
- Sampson, R. & Raudenbush, S. (1999) Systematic Social Observation of Public Spaces: A New Look at Disorder in Urban Neighborhoods. *American Journal of Sociology*, 10, 603–51.
- Sampson, R. & Raudenbush, S. (2004). Seeing disorder: neighborhood stigma and the social construction of “Broken Windows”. *Social Psychology Quarterly*, 67(4), 319-342.
- Schafer, J. A., Huebner, B. M. & Bynum, T. S. (2006). Fear of crime and criminal victimization: gender-based contrasts. *Journal of Criminal Justice*, 34(3), 285-301.
- Scherer, K. R. (2005). What are emotions? And how can they be measured?. *Social Science Information*, 44(4), 695-729.
- Schroeder, H. & Anderson, L. (1984). Perception of personal safety in urban recreation sites. *Journal of Leisure Research*, 16(2), 178-194.
- Sessar, K. (2008). Methodological, conceptual and political problems with fear of crime and insecurity. *Assessing Deviance, Crime and Prevention in Europe*. Project CRIMPREV.
- Sherman, L., Gartin, P. & Buerger, M. (1989). Hot spots of predatory crime: routine activities and the criminology of place. *Criminology*, 27(1), 27-55.
- Shiota, M. N., Keltner, D. & John, O. P. (2006). Positive emotion dispositions differentially associated with Big Five personality and attachment style. *The Journal of Positive Psychology*, 1(2), 61-71.
- Singer, J. (1984). *The human personality: An introductory text*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich.



- Skogan, W. (1987). The impact of victimization on fear. *Crime & Delinquency*, 33(1), 135-154.
- Skogan, W. (1999). Measuring What Matters: Crime, Disorder, And Fear. In R. Lanworthy (Ed.), *Measuring What Matters: Proceedings From the Policing Research Institute Meetings*. Research Report. Washington, DC: U.S. Department of Justice, National Institute of Justice and Office of Community Oriented Policing Services.
- Smith, L. N. & Hill, G. D. (1991). Perceptions of crime seriousness and fear of crime. *Sociological Focus*, 24(4), 315-327.
- Solomon, R. (2008). *True to our feelings: what our emotions are really telling*. Oxford: Oxford University Press.
- Solomon, O., Olufemi, S., Aidesylvester, O. (2007). Psychosocial analysis of fear of corrupt practices among university students: a case study of olabisi onabanjo university. *African Journal for the Psychological Study of Social Issues*, 10(1), 29-52.
- Sutton, R. M., Farrall, S. (2005). Gender, socially desirable responding and the fear of crime: are women really more anxious about crime? *British Journal of Criminology*, 45(2), 212-224.
- Taylor, R. (1999). The incivilities thesis: Theory, measurement and policy. In Langworthy, R. (Ed.), *Measuring what matters: Proceedings from the Policing Research Institute meetings* (pp. 65–88). Washington, DC: National Institute of Justice.
- Taylor, R. (2002). Fear of crime, social ties and collective efficacy: maybe masquerading measurement, maybe déjà vu all over again. *Justice Quarterly*, 19(4), 773-792.
- Taylor, R. & Hale, M. (1986). Testing alternative models of fear of crime. *The Journal of Criminal Law & Criminology*, 77(1), 151-189.
- Tiwari, T., Singh, A. & Singh, I. (2009). The short-form revised Eysenck personality questionnaire: A Hindi edition (EPQRS-H). *Industrial Psychiatry Journal*, 18(1), 27-31.
- Tseloni, A. & Zarafonitou, C. (2008). Fear of crime and victimization: a multivariate analyses of competing measurements. *European Journal of Criminology*, 5(4), 387-409.
- Warr, M. (1984). Fear of victimization: why are woman and the elderly more afraid? *Social Science Quarterly*, 65(3), 681-702.
- Warr, M. (1990). Dangerous situations: social context and fear of victimization. *Social Forces*, 68(3), 891-907.
- Warr, M. (2000). Fear of crime in the United States: avenues for research and policy. *Measurement and analysis of crime and justice*, 4, 451-489.

- Watson, D. & Clark, L. (1984). Negative affectivity: the dispositional to experience aversive emotional states. *Psychological Bulletin*, 96(3), 465-490.
- Watson, D. & Clark, L. (1992). On traits and temperament: general and specific factors of emotional experience and their relation to the Five-Factor Model. *Journal of Personality*, 60(2), 441-476.
- Watts, R., Bessant, J., Hil, R. (2008). *International Criminology: a critical introduction*. USA and Canada: Routledge.
- Weiner, I. B. & Craighead, W. E. (2010). *The Corsini Encyclopedia of Psychology*. Volume 4. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Weisburd, D., Bruinsma, J.N. & Bernasco (2009). Units of analysis in geographic criminology: historical development, critical issues, and open questions. In David, W., Wim, B. & Gerben, B. (Eds.). *Putting crime in its place: units of analysis in geographic criminology*. New York: Springer.
- Weiting, N. (2009). Clarifying the relation between neuroticism and positive emotions. *Personality and Individual Differences*, 47(1), 69-72.
- Willebrand, M., Andersson, G., Gerdin, K. & Ekselius, L. (2006). Injury-related fear-avoidance, neuroticism and burn-specific health. *Burns*, 32(4), 408-415.
- Williams, F. P., McShane, M. D. & Akers, R. L. (2000). Worry about victimization: an alternative and reliable measure for fear of crime. *Western Criminology Review*, 2(2), 1-26.
- Wilson, J. Q., & Kelling, G. (1982). Broken windows. *Atlantic Monthly*, 211, 29-38.
- Wilson, G.D., Kumari, V., Gray, J.A., Corr, P.J. (2000). The role of neuroticism in startle reactions to fearful and disgusting stimuli. *Personality and Individual Differences*, 29, 1077-1082.
- Wyant, B. (2008). Multilevel impacts of perceived incivilities and perceptions of crime risk on fear of crime: isolating endogenous impacts. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 45(1), 39-64.
- Youngstrom, E. & Green, K. (2003). Reliability generalization of self-report of emotions when using the Differential Emotions Scale. *Educational and Psychological Measurement*, 63(2), 279-295.
- Ziegler, R. & Mitchell, D. (2003). Aging and fear of crime: an experimental approach to an apparent paradox. *Experimental Aging Research*, 29, 173-187.

## ANEXOS

---

### Anexo I: Resultados do teste de normalidade (KS) para as variáveis do estudo

Variáveis	Kolmogorov-Smirnov		
	Statistic	Df	p-value
<b>Idade</b>	.237	175	.000
<b>Anos de escolaridade</b>	.197	175	.000
<b>Medo do crime</b>	.099	175	.000
<b>Risco de vitimação</b>	.119	175	.000
<b>Comportamentos</b>	.153	175	.000
<b>Neuroticismo</b>	.153	175	.000
<b>Extroversão</b>	.166	175	.000
<b>Psicoticismo</b>	.137	175	.000
<b>Desejabilidade Social</b>	.098	175	.000
<b>Interesse-traço</b>	.104	175	.000
<b>Alegria-traço</b>	.154	175	.000
<b>Surpresa-traço</b>	.127	175	.000
<b>Tristeza-traço</b>	.134	175	.000
<b>Ira-traço</b>	.135	175	.000
<b>Desprezo-traço</b>	.195	175	.000
<b>Medo-traço</b>	.147	175	.000
<b>Culpa-traço</b>	.125	175	.000
<b>Vergonha-traço</b>	.125	175	.000
<b>Auto-hostilidade traço</b>	.224	175	.000
<b>Repulsa-traço</b>	.181	175	.000

**Anexo II:** Itens de cada emoção disposicional do *Differential Emotions Scale* (IV) e o valor dos alfas de Cronbach que se referem à consistência interna.

Fator	A	Conteúdo dos itens: <i>com que frequência sente que</i>
<b>Interesse</b>	.655	Com que frequência sente que o que está a fazer ou ver é interessante Com que frequência se sente alerta, curioso, excitado com algo
<b>Alegria</b>	.688	Com que frequência sente que está tão interessado no que está a fazer que fica absorvido nisso Com que frequência se sente alegre como se tudo estivesse a correr à sua maneira e tudo é "cor de rosa" Com que frequência se sente feliz Com que frequência se sente satisfeito com alguma coisa
<b>Surpresa</b>	.622	Com que frequência se sente surpreendido quando algo acontece de repente que não estava à espera Com que frequência se sente espantado como se não pudesse acreditar no que está a acontecer por ser pouco habitual Com que frequência sente que algo de inesperado ocorre
<b>Tristeza</b>	.783	Com que frequência se sente triste e sombrio com vontade de chorar Com que frequência se sente triste, em baixo, desanimado
<b>Ira</b>	.606	Com que frequência se sente desencorajado como se não conseguisse fazer algo, como se nada estivesse a correr bem Com que frequência sente como se estivesse a gritar com alguém ou bater em alguma coisa Com que frequência se sente chateado com alguém Com que frequência se sente zangado, irritado, aborrecido
<b>Repulsa</b>	.612	Com que frequência sente que algo está tão estragado que poderia fazê-lo sentir-se mal disposto Com que frequência se sente enojado como se algo o esteja a repugnar Com que frequência sente como se algo lhe cheirasse mal e tivesse um sabor desagradável
<b>Desprezo</b>	.661	Com que frequência sente que alguém é inferior, que não merece que perca o seu tempo Com que frequência sente que alguém não serve para nada Com que frequência sente que é superior a alguém
<b>Medo</b>	.761	Com que frequência se sente assustado, desconfortável, como se alguma coisa o fosse prejudicar Com que frequência se sente com medo, muito tenso, como se estivesse em perigo Com que frequência se sente receoso, inseguro e inquieto
<b>Culpa</b>	.550	Com que frequência se sente como se devesse ser censurado por algo Com que frequência se sente como se tivesse feito algo de errado Com que frequência se sente arrependido de algo que tenha feito
<b>Vergonha</b>	.559	Com que frequência se sente embaraçado se alguém o vê a cometer um erro Com que frequência se sente que os outros se estão a rir de si Com que frequência sente que os outros olham sempre para si quando algo corre mal
<b>Timidez</b>	.811	Com que frequência se sente envergonhado, embaraçado Com que frequência se sente tímido como se quisesse esconder Com que frequência se sente acanhado como se não quisesse ser visto
<b>Auto-Hostilidade</b>	.807	Com que frequência se sente farto de si próprio Com que frequência se sente chateado consigo próprio Com que frequência sente que já não consegue tolerar-se a si próprio

**Anexo III:** Correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de insegurança e a idade, sexo e anos de escolaridade para a amostra total.

	1	2	3	4	5	6.
<b>1.Medo do crime</b>	-	<b>.49**</b>	<b>.35**</b>	.01	<b>-.23**</b>	<b>-.33**</b>
<b>2.Risco de vitimação</b>	-	-	<b>.22**</b>	<b>.17*</b>	<b>-.17*</b>	-.08
<b>3.Comportamento</b>	-	-	-	<b>.17*</b>	<b>-.17*</b>	<b>-.16*</b>
<b>4.Idade</b>	-	-	-	-	<b>-.32**</b>	-
<b>5. Anos de escolaridade</b>	-	-	-	-	-	-
<b>6.Sexo</b>	-	-	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

**Anexo IV:** Correlações entre as variáveis medo do crime, percepção do risco de vitimação e comportamento e as dimensões da personalidade.

	4	5	6	7
<b>1.Medo do crime</b>	<b>.23**</b>	-.10	-.06	<b>.29**</b>
<b>2.Risco de vitimação</b>	.03	-.13	<b>-.15*</b>	<b>.27**</b>
<b>3.Comportamento</b>	.03	-.03	<b>-.28**</b>	<b>.30**</b>
<b>4.Neuroticismo</b>	-	<b>-.29**</b>	.00	-.02
<b>5.Extroversão</b>	-	-	-.04	-.10
<b>6.Psicoticismo</b>	-	-	-	-.10
<b>7.Desejabilidade Social</b>	-	-	-	-

\*A correlação é significativa ao nível 0.05 (2-tailed)

\*\*A correlação é significativa ao nível 0.01 (2-tailed)

## **Anexo VI: Questionário**

## Caracterização Pessoal

### Grupo II

Para fins de tratamento estatístico, gostaria que me dissesse:

#### 1. Sexo

☐ F ☐ M

#### 2. Profissão:

A preencher  
pelos serviços

#### 3. Situação Profissional

- ☐ Empregado por conta própria ☐ Reformado/Pensionista  
☐ Empregado por conta de outrem ☐ Estudante  
☐ Desempregado ☐ Outra. Qual? \_\_\_\_\_

A preencher  
pelos serviços

#### 4. Habilitações Literárias: anos de escolaridade concluídos

☐ 0 ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐ 11 ☐ 12

#### 5. Curso Superior

☐ Sim ☐ Não ☐ A Frequentar: Ano

#### 6. Idade:

#### 7. Onde é que reside a maior parte do tempo?

- ☐ Cidade do Porto  
☐ Outra Cidade que não a do Porto. Concelho: \_\_\_\_\_  
☐ Não reside em nenhuma cidade. Concelho: \_\_\_\_\_

A preencher  
pelos serviços

A preencher  
pelos serviços

#### 8. Se vive fora da Cidade do Porto, com que frequência costuma ir à Cidade do Porto, durante o dia?

☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Por Vezes ☐ Quase todos os dias ☐ Todos os dias

#### 9. Se vive fora da Cidade do Porto, com que frequência costuma ir à Cidade do Porto, durante a noite?

☐ Nunca ☐ Raramente ☐ Por Vezes ☐ Quase todos os dias ☐ Todos os dias

#### 10. Como é que se desloca para fazer o trajecto entre a sua casa e o seu emprego/escola?

	Nunca	Raramente	Por Vezes	Quase Todos os Dias	Todos os Dias
Motorizada/Mota/Bicicleta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Carro como condutor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Carro como passageiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Transportes públicos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
"A pé"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Draft



Grupo III

1. Já foi vítima de algum dos seguintes crimes?

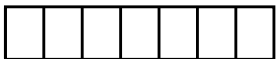
	Crime			
	Sim	Não	Se sim, nº total de vezes no último ano	Indique a altura do dia em que o último crime aconteceu
Roubo de algum objecto do interior do seu veículo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Roubo do seu veículo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Alguém tentou roubar alguma coisa da sua casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Alguém roubou alguma coisa da sua casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Outro tipo de roubo sem ter havido violência da parte do assaltante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Outro tipo de roubo com violência da parte do assaltante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Ameaças de agressão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe
Agressão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<div><div></div><div></div></div>	<input type="radio"/> Dia <input type="radio"/> Noite <input type="radio"/> Não sabe

2. Indique, numa escala de 1 (Muito Inseguro) a 5 (Muito Seguro):

	Muito Inseguro	Inseguro	Nem inseguro, nem seguro	Seguro	Muito Seguro
Como é que se sente quando caminha sozinho(a) na sua <u>zona de residência, durante o dia</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como é que se sente quando caminha sozinho(a) na sua <u>zona de residência, depois de escurecer</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como é que se sente quando caminha sozinho(a) na <u>cidade do Porto, durante o dia</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como é que se sente quando caminha sozinho(a) na <u>cidade do Porto, depois de escurecer</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como é que se sente quando está sozinho(a) <u>na sua casa, durante o dia</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Como é que se sente quando está sozinho(a) <u>na sua casa, depois do escurecer</u>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Agora, numa escala de 1 (Nada Provável) a 5 (Muito Provável):

	Nada Provável	Pouco provável	Algo Provável	Provável	Muito Provável
Pensa que poderá ser vítima de roubo <u>sem</u> violência, durante o próximo ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensa que poderá ser vítima de roubo <u>com</u> violência, durante o próximo ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pensa que a sua casa poderá ser assaltada, durante o próximo ano	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>





#### 4. Por razões de segurança...

	Sim	Não
Evita contactos com determinadas pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evita determinadas ruas ou sítios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pratica desportos de defesa pessoal (Karaté, Judo...)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Evita sair à noite	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem Fechaduras de Segurança ou Alarmes na Habitação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando se ausenta de sua casa, por 2 ou mais dias, pede aos vizinhos para a vigiarem?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costuma deixar uma luz acesa de sua casa quando sai à noite?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tem armas de defesa pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

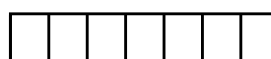
#### Grupo IV

##### 1. Responda a cada questão assinalando a resposta "Sim" ou "Não".

	Sim	Não
1. O seu humor ou disposição têm frequentemente altos e baixos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Dá muita importância ao que as outras pessoas pensam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. É uma pessoa faladora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Se afirma que fará uma determinada coisa, mantém a promessa, mesmo que isso venha a ser inconveniente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Já alguma vez se sentiu "desgraçado ou infeliz" sem ter motivos para isso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Preocupa-se com a possibilidade de estar em dívida	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. É uma pessoa bastante animada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Já alguma vez foi ganancioso de modo a ficar com mais do que aquilo que lhe pertencia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. É uma pessoa irritável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Tomaria drogas que pudessem ter um efeito estranho ou perigoso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Gosta de conhecer novas pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Já alguma vez atribuiu as culpas a alguém, mesmo sabendo que a culpa era sua	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Sente-se ofendido facilmente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Prefere as coisas à sua maneira em vez de se deixar guiar pelas regras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Consegue habitualmente descontrair e divertir-se numa festa animada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Todos os seus hábitos são bons ou desejáveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. Sente-se frequentemente "saturado ou farto"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

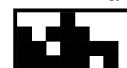
Adaptado e traduzido de EPQ-RSS Eysenck Personality Questionnaire - Revised Short Scale (Eysenck & Eysenck, 1996)

Draft





	Sim	Não
18. As boas maneiras e a limpeza são importantes para si	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. Costuma tomar a iniciativa para fazer novas amizades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Já alguma vez ficou com alguma coisa (mesmo que insignificante) que pertencia a outra pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. Considera-se uma pessoa nervosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Acha que o casamento está fora de moda e deveria deixar de existir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. Consegue facilmente animar uma festa monótona	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24. Já alguma vez estragou ou perdeu algo que pertencia a outra pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. É uma pessoa preocupada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
26. Gosta de cooperar com os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27. Tem tendência para se isolar em situações sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. Fica preocupado quando sabe que há erros no seu trabalho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
29. Já alguma vez falou mal, ou de forma maldosa, de alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. Considera-se uma pessoa tensa ou muito nervosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
31. Acha que as pessoas ocupam muito tempo com poupanças e seguros para salvaguardar o futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
32. Gosta de se misturar com as outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
33. Quando era criança foi alguma vez atrevido ou descarado para os seus pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
34. Depois de uma experiência embaraçosa fica preocupado durante muito tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
35. Evita ser rude ou mal educado com as outras pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
36. Gosta de ter muita animação e alvoroço à sua volta	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
37. Já alguma vez fez batota ao jogo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
38. Sofre dos "nervos"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
39. Gostaria que as outras pessoas tivessem medo de si	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
40. Já alguma vez se aproveitou de alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
41. Quando está com outras pessoas conserva-se geralmente calado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
42. Sente-se frequentemente só	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
43. Pensa que é melhor seguir as regras da sociedade do que ir pelo seu próprio caminho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
44. As outras pessoas consideram-no uma pessoa bastante animada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
45. Costuma fazer sempre aquilo que diz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
46. Sente-se muitas vezes perturbado com sentimentos de culpa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
47. Deixa algumas vezes para amanhã o que deveria fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
48. Consegue manter uma festa animada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

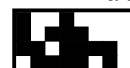


**Grupo V****1. Indique numa escala de 1 (raramente ou nunca) a 5 (muito frequentemente), no seu dia-a-dia:**

	Muito Pouco ou nada 1	Um Pouco 2	Moderadamente 3	Bastante 4	Extremamente 5
Com que frequência se sente arrependido de algo que tenha feito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente satisfeito com alguma coisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente acanhado como se não quisesse ser visto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com frequência sente como se algo lhe cheirasse mal e tivesse um sabor desagradável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que já não consegue tolerar-se a si próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente embaraçado se alguém o vê a cometer um erro.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente triste, em baixo, desanimado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente surpreendido quando algo acontece de repente de que não estava à espera	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que alguém é inferior, que não merece que perca o seu tempo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente tímido como se quisesse esconder	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que o que está a fazer ou ver é interessante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente assustado, desconfortável, como se alguma coisa o fosse prejudicar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente chateado com alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente chateado consigo próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente feliz	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que alguém não serve para nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que está tão interessado no que está a fazer que fica absorvido nisso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente espantado como se não pudesse acreditar no que está a acontecer por ser pouco habitual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente com medo, muito tenso, como se estivesse em perigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente como se estivesse a gritar com alguém ou bater em alguma coisa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente triste e sombrio como vontade de chorar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente como se tivesse feito algo de errado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente envergonhado, embaraçado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente enojado como se algo o esteja a repugnar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente alegre como se tudo estivesse a correr à sua maneira e tudo é "cor de rosa"	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Draft

--	--	--	--	--	--



	Muito Pouco ou nada 1	Um Pouco 2	Moderadamente 3	Bastante 4	Extremamente 5
Com que frequência se sente que os outros se estão a rir de si.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que algo está tão estragado que poderia fazê-lo ficar mal disposto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente farto de si próprio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que é superior a alguém	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente como se devesse ser censurado por algo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que algo inesperado ocorre	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente alerta, curioso, excitado com algo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente zangado, irritado, aborrecido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente desencorajado como se nao conseguisse fazer algo, como se nada estivesse a correr bem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência se sente receoso, inseguro e inquieto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com que frequência sente que os outros olham sempre para si quando algo corre mal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Muito obrigado pelo seu esforço  
e pelos seus contributos!

